

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO I - MONOGRAFIA

Caroline Leivas Borges

**Jornalismo e Tragédia:**

**Uma análise da cobertura do terremoto do Haiti nas revistas *Veja* e *Época***

Porto Alegre

2010

Caroline Leivas Borges

**Jornalismo e Tragédia:**

**Uma análise da cobertura do terremoto do Haiti nas revistas *Veja* e *Época***

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Mestre Rosa Nívea Pedroso

Porto Alegre

2010

Caroline Leivas Borges

**Jornalismo e Tragédia:**

**Uma análise da cobertura do terremoto do Haiti nas revistas *Veja* e *Época***

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

---

Prof. Mestre Rosa Nívea Pedroso (Orientadora) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dra. Ana Taís Martins Portanova Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2010

Para a minha família por  
todo amor, compreensão e  
apoio incondicional

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, Claudio e Claudia, por todo amor que me dedicam, pelos exemplos que me dão a cada instante, por me fazerem acreditar que somente através do conhecimento e da sabedoria podemos evoluir e fazer com que o mundo a nossa volta também evolua e por me mostrar o significado da palavra família, em toda a sua grandeza. Agradeço pelo apoio e respaldo que sempre me deram em minhas decisões, mas agradeço principalmente pelo apoio concedido nos momentos em que eu não sabia o que decidir.

Aos meus irmãos, Carine e Caio, pela lealdade e amizade de uma vida inteira, por serem meus maiores torcedores e os melhores ouvintes. Pelos momentos de alegria e descontração que aliviam os meus dias.

Ao Nando, por ter acompanhado de perto toda a minha trajetória acadêmica, por ter passado pelos estágios de namorado, noivo e marido durante estes cinco anos que estive na faculdade. Agradeço pelo carinho, pelo incentivo, pelo companheirismo nos momentos mais difíceis e por me dar a honra de dividir a vida dele comigo.

À professora Rosa Nívea, incansável e dedicada na árdua tarefa de me transmitir seu conhecimento e orientação para que este trabalho pudesse ser bem feito em um tempo tão curto.

Aos demais professores e colegas que fizeram da minha trajetória dentro da faculdade uma etapa inesquecível de vida. À UFRGS que me deu a possibilidade desta formação e que acolhe como um lar a todos os seus alunos.

E, finalmente, a Deus que permite que a minha vida tenha muito mais bênçãos do que eu talvez mereça.

*Jornalistas gostam de grandes tragédias. A gente acha, como todo mundo, que seria melhor se elas não acontecessem. Mas são oportunidades de sair da rotina, de mostrar para a chefia que o talento está mal aproveitado, de mostrar para a população a nossa importância. Elas mobilizam quase toda a redação para o mesmo assunto. Desafiam a iniciativa de cada um e a capacidade de trabalhar em grupo, sob pressão e com tempo limitado. Com elas se aprende o equivalente a anos de trabalho.*

*Marco Schuster - Editor da revista Press & Advertising*

## RESUMO

Identifica as características da cobertura jornalística realizada pelas revistas *Veja* e *Época* no terremoto do Haiti. Apresenta conceitos como a importância e as funções do jornalismo e as características da reportagem. Através do método de pesquisa análise de conteúdo, analisa de forma qualitativa as matérias publicadas, atentando para o aspecto das técnicas de apuração e de texto jornalístico. Conclui que as coberturas analisadas são essencialmente informativas mas com diferenças de enfoque.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo e Reportagem. Cobertura jornalística. Terremoto no Haiti

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>O JORNALISMO COMO REPORTAGEM.....</b>	<b>14</b>
	2.1 A reportagem.....	17
	2.2 Tipos de reportagem.....	25
	2.3 O repórter.....	27
	2.4 Fontes.....	30
	2.5 Métodos de apuração.....	32
<b>3</b>	<b>HAITI: UMA NAÇÃO EM CONSTRUÇÃO.....</b>	<b>42</b>
	3.1 O trabalho brasileiro no Haiti.....	44
	3.2 O terremoto de 12 de janeiro de 2010.....	46
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>50</b>
	4.1 Análise de Conteúdo.....	50
	4.2 As etapas de pesquisa.....	54
	4.3 Apropriação do método.....	58
<b>5</b>	<b>ANÁLISE.....</b>	<b>60</b>
	5.1 Revista Veja.....	60
	<b>5.1.1</b> <i>O dia em que o mundo acabou</i> .....	<b>61</b>
	<b>5.1.2</b> <i>Diário do desastre</i> .....	<b>66</b>
	<b>5.1.3</b> <i>A tragédia dos heróis brasileiros</i> .....	<b>69</b>
	<b>5.1.4</b> <i>Viveu como santa, morreu como mártir</i> .....	<b>71</b>
	<b>5.1.5</b> <i>O caos depois do desastre</i> .....	<b>75</b>
	<b>5.1.6</b> <i>Melhor com eles, impossível sem</i> .....	<b>81</b>
	<b>5.1.7</b> <i>O país que nunca foi</i> .....	<b>82</b>



5.1.8	<i>Um símbolo de esperança</i> .....	
5.1.9	Características da cobertura da <i>Veja</i> .....	85
5.2	Revista <i>Época</i> .....	89
5.2.1	<i>Um país inteiro para reconstruir</i> .....	89
5.2.2	<i>“Que morte linda”</i> .....	97
5.2.3	<i>Como adotar um país</i> .....	103
5.2.4	<i>O futuro brasileiro no Haiti</i> .....	114
5.2.5	Características da cobertura – Revista <i>Época</i> .....	117
6	<b>,CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	121
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	125

## ANEXOS

### Anexo 1 - CD

## 1 INTRODUÇÃO

Escolher o tema para a monografia foi uma tarefa particularmente difícil para mim. Muitos assuntos despertavam o meu interesse, mas nenhum deles me parecia ser suficiente para atender os requisitos necessários ao trabalho. Até que no dia 12 de janeiro de 2010 uma catástrofe natural de enormes proporções atingiu o Haiti. O assunto mereceu destaque em todos os meios de comunicação e foi acompanhado com atenção por mim, por milhares de outros brasileiros e por pessoas em todas as partes do mundo. Lendo o editorial da revista *Época*, edição 610, de 25 de janeiro de 2010, me deparei com o seguinte parágrafo de abertura:

Logo depois do terremoto que devastou o Haiti, alguém postou no Twitter uma frase que dá o que pensar. Era algo mais ou menos assim: “Se sua profissão não é necessária hoje por lá, então talvez você tenha um problema”. Esses momentos dramáticos revelam de modo transparente todas as atividades humanas essenciais. Do que precisa um país numa situação caótica aguda, como a do Haiti? De saúde, condições sanitárias, construções, transportes, água, comida etc. E também, todos concordarão, precisa de jornalismo. (GUROVITZ, 2010, p.6)

Logo após ler estas palavras, que me deixaram orgulhosa da profissão que escolhi, decidi que o tema de minha monografia seria a cobertura jornalística realizada sobre o terremoto do Haiti. Através da leitura de todo o material que pude encontrar sobre o assunto, escolhi as reportagens publicadas nas revistas *Veja* e *Época* como objeto de análise. Optei pelo terremoto do Haiti por ter sido um fato importante, atual e de repercussão mundial, tudo o que o jornalista deseja em uma pauta. Lamentavelmente, a essência do acontecimento não é nem um pouco alegre, ao contrário, é dramática, complicada, difícil, trágica e, justamente por isso, um bom jornalismo é mais do que uma obrigação, é uma necessidade.

A escolha das reportagens publicadas nas revistas semanais *Veja* e *Época* como objeto de análise, justifica-se primeiramente pelo apreço que tenho pelo meio de comunicação revista, mas especialmente pelo gosto que cultivo pela reportagem. É na reportagem que o jornalista desenvolve o seu trabalho de forma mais completa, empenhando todos os seus esforços e demonstrando seu talento. É através da reportagem que o repórter encontra espaço para escrever um texto mais livre, mais

solto, retratando os fatos de forma mais completa, expondo a complexidade dos acontecimentos ou escolhendo um ângulo diferenciado para retratar na matéria.

A reportagem é a expressão máxima da narrativa jornalística, é o espaço privilegiado em que aquele leitor que não se contenta com relatos superficiais pode encontrar subsídios para entender determinada situação de forma mais profunda e completa. Esse gênero nobre do jornalismo está cada vez mais raro. Devido à ditadura do imediatismo e da pressa, que atinge jornalista e leitor, as grandes reportagens praticamente deixaram de existir nos jornais diários. As revistas semanais ainda são um dos poucos espaços em que podemos encontrar boas reportagens, no que diz respeito à produção, apuração, abrangência.

Expostos estes argumentos que justificam as escolhas que resultaram no trabalho que aqui se inicia, meu problema de pesquisa é identificar as características da cobertura jornalística realizada pelas revistas *Veja* e *Época* no terremoto do Haiti. Quero, ao final deste trabalho, poder responder a seguinte pergunta: partindo da análise das reportagens, que características apresentam as coberturas jornalísticas realizadas pela revista *Veja* e *Época* no terremoto do Haiti? Através da análise da narrativa, das fontes, da construção do texto, da presença do repórter e especialmente do trabalho de apuração desejo encontrar as características gerais da cobertura de cada uma das revistas, neste episódio que foi, sem dúvida, o maior desastre natural dos últimos tempos.

Acredito que desta forma, poderei contribuir para o entendimento da essência do trabalho de reportagem, que é a base do jornalismo, e conhecer de forma mais profunda os conceitos que já foram abordados durante a faculdade. Poderemos compreender também como o repórter age em coberturas de catástrofes que são cada vez mais comuns devido às intensas mudanças climáticas que estamos vivenciando. O jornalismo, especialmente nestas ocasiões, assume seu papel de função essencial à sociedade. Nestes casos, mais essencial aos membros sociedade que foi vítima da tragédia do que aos demais. Certamente, a repercussão midiática do terremoto do Haiti foi mais importante para os haitianos do que para o resto do mundo, na medida em que através do relato dos jornalistas o povo haitiano ganhou voz e as doações enviadas pelo mundo inteiro foram motivadas pelos seus pedidos de ajuda destacados principalmente através das matérias jornalísticas produzidas por profissionais de todos os cantos do planeta.

Esta introdução tem a intenção de justificar a escolha do tema e apresentar os objetivos do trabalho. Ressaltamos a importância da reportagem para fornecer aos cidadãos meios de entender a realidade em que vive. E do jornalismo, que exerce a função social básica de informar, que tem compromisso com a verdade e que em situações extremas como, a do Haiti pós terremoto, reafirma todo seu valor.

No capítulo 2 será apresentado todo o referencial teórico deste trabalho. Abordando questões como a importância do jornalismo e sua função dentro da sociedade, a importância da reportagem como um gênero privilegiado dentro do campo jornalístico e suas características, a diferença entre reportagem e notícia, os diferentes tipos de narrativas, o trabalho do repórter, as fontes e os métodos de apuração serão vistos através das contribuições teóricas de diversos autores. Procura-se mostrar como cada elemento acima citado é importante na construção de uma boa reportagem, especialmente os métodos de apuração, que são a matéria-prima de onde o jornalista extrairá o texto, que é a essência de seu trabalho.

No capítulo 3 será apresentado o Haiti, país que servirá de cenário para as reportagens analisadas. Serão relatados de forma resumida alguns aspectos históricos, sociais, geográficos, culturais, políticos e econômicos do país. Em seguida haverá uma apresentação do trabalho brasileiro no país caribenho, desenvolvido através do Exército no comando da Missão de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU), que desde 2004 atua no país. A parte final do capítulo trará uma explanação do grande terremoto que atingiu o Haiti no dia 12 de janeiro de 2010, deixando a capital Porto Príncipe totalmente arruinada e o país inteiro imerso no caos.

No quarto capítulo apresentaremos o método de pesquisa adotado neste trabalho, a análise de conteúdo. Explicaremos a forma como surgiu, suas etapas e características principais e para finalizar indicaremos categorias de análise que serão utilizadas para a apreciação das reportagens no capítulo posterior.

No capítulo 5 será realizada a análise propriamente dita de todas as reportagens publicadas na revista *Veja*, do dia 20 e 27 de janeiro de 2010, e na revista *Época* de 18 e 25 de janeiro de 2010, sobre o terremoto que atingiu o Haiti. A análise será baseada no referencial teórico exposto no segundo capítulo e nas categorias de pesquisa apresentadas no capítulo 4. Após o término da análise de cada revista será elaborado um novo tópico com as características gerais da cobertura.

No capítulo de considerações finais, serão expostas as conclusões ou inferências que foram obtidas através do trabalho de pesquisa. Serão apontadas as diferenças entre a cobertura dos dois veículos e os principais pontos positivos e negativos de cada uma. Não pretendo, de forma alguma, apresentar conclusões definitivas, pelo contrário, apenas expor meu posicionamento a respeito do objeto de pesquisa para incentivar a reflexão e o debate a respeito do jornalismo, suas funções e a maneira como são desempenhadas atualmente.

## 2 O JORNALISMO COMO REPORTAGEM

Vivemos na era da comunicação de massa, ou seja, consumimos mensagens que são produzidas em escala industrial, são rapidamente absorvidas e atingem todos os tipos de público. A concentração de jornais, revistas, emissoras de TV e rádio e canais de internet como produtos de grandes conglomerados econômicos - as empresas de mídia - faz com que a linha que separa comunicação, tecnologia e entretenimento seja cada vez mais tênue.

Dentro deste universo midiático encontramos vários meios de comunicação, com funções diferenciadas e responsáveis pela divulgação de diversos tipos de mensagens. A propaganda usa os fatos ou inventa acontecimentos para servir ao propósito de persuasão ou manipulação do público. O entretenimento ocupa-se de divertir a audiência. O cinema e a literatura inventam cenários e histórias para difundir valores, impressões, reflexões. Apenas o jornalismo exerce a função de informar, explicar, orientar e ser fiel aos registros dos fatos verídicos.

Tal área da comunicação nasce para suprir uma necessidade humana que se origina nos tempos mais remotos: a de saber o que acontece além de nossa própria existência. É através do trabalho dos jornalistas que a sociedade se informa sobre os principais acontecimentos ocorridos no âmbito mundial. E esta tarefa, de levar para o mundo a informação o mais próxima possível do real, busca ser objetiva e imparcial, mas já demonstra em seu início um valor subjetivo. Entre a avalanche de fatos do dia a dia a escolha do que será ou não informado ao público é uma escolha subjetiva dos jornalistas. Embora este exercício de seleção siga regras como o interesse público, a relevância, a novidade, é também em grande parte regido por uma carga de subjetividade, de impressões e de valores daquele que é responsável por essa escolha. Podemos dizer que o jornalismo busca retratar a realidade. Isabel Travancas traz uma explicação completa sobre o tema:

Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, de ser o mais objetivo possível. Para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a forma, as circunstâncias e as repercussões, o jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza. (TRAVANCAS, 2002, p.28)

Nas escolhas do que é ou não notícia os jornalistas decidem o que será revelado ou omitido do público, o que será esquecido e o que será lembrado. E a partir daí condicionam ou limitam a nossa visão de mundo ao que é mostrado pela imprensa. Isto nos leva às funções não aparentes do jornalismo que são muitas: ideológica, econômica, social. Fazendo uso dele, as empresas jornalísticas podem assumir diversos papéis, reforçar estereótipos ou preconceitos. E a lógica de mercado que rege o mundo e as empresas de mídia que, muitas vezes, vicia o conteúdo produzido pela imprensa. Para Lima:

O excesso de sensacionalismo, desvirtuando um fato por chamar atenção para um elemento folclórico apenas, pitoresco, de um tema importante, é um desses efeitos da tentativa de conquista, a qualquer preço, do leitor. (LIMA, 1993,p.59)

Os veículos que o jornalismo utiliza para cumprir sua função de orientar e informar o público, em sua versão impressa ou gráfica, são os periódicos. Otto Groth, teórico alemão (*apud* LIMA 1993, p. 20-21), relaciona as principais características destes meios de comunicação: a atualidade – os fatos precisam apresentar uma relação com o momento presente -, a periodicidade – os periódicos apresentam uma repetição regular no tempo entre as edições (pode ser diário, semanal, mensal) -, a universalidade – os periódicos buscam abordar os mais diferentes campos do conhecimento, os mais diversos assuntos – e, finalmente, a difusão coletiva – os periódicos circulam por diversas camadas sociais com características culturais, econômicas e geográficas diferentes. Edvaldo Pereira Lima apresenta uma síntese do jornalismo baseada nestas características:

O jornalismo serve ao propósito de informar e orientar sobre os fatos da atualidade, mantendo um vínculo de contato periódico com a audiência, que é dispersa geográfica e socialmente, tratando de temas que dizem respeito aos mais variados campos do saber humano. (LIMA, 1993, p.21)

O jornalismo só consegue cumprir suas funções, sejam elas explícitas ou ocultas, porque desenvolveu uma linguagem para suas mensagens. Para relatar os acontecimentos sociais através de mídias gráficas ou eletrônicas este campo da comunicação desenvolveu uma maneira própria de se expressar. Conforme Nilson Lage (2001) é através do jornalismo que a informação circula, transposta para uma língua comum e simplificada, menos precisa, mas com potencial suficiente para permitir

julgamentos e indicar caminhos a quem estiver interessado. As coberturas jornalísticas devem buscar dar ao leitor o máximo de informação para que ele próprio tire suas conclusões. As mensagens articuladas jornalisticamente permitem a universalização do conhecimento, proporcionando a uma audiência heterogênea e ramificada um entendimento simples e acessível dos fatos que são trazidos ao seu conhecimento.

Em virtude desta necessidade, de adaptar a linguagem e a forma das mensagens ao entendimento de todos os tipos de público, o jornalismo atual que se caracteriza pela produção padronizada e em larga escala encontrou no elemento notícia sua forma básica e fundamental de transmissão de informações. A notícia deve corresponder a um acontecimento real que seja de interesse do público ou de parte do público ao qual o periódico se dirige. A base do texto jornalístico é, portanto, a notícia e esta costuma seguir fórmulas de construção que simplificam o relato em torno das respostas das tradicionais perguntas: o que, quem, quando, onde e como ou por quê. Este procedimento atende aos preceitos do jornalismo moderno que é informar de forma rápida, clara e objetiva. Entretanto, alguns fatos ou ocorrências são complexos demais para serem explicados através de fórmulas predeterminadas. Com isto, algumas notícias acabam por ser consideradas superficiais ou incompletas. E é da ampliação do relato da notícia que surge a reportagem, buscando ampliar e contextualizar o que já foi anunciado pelo simples relato noticioso. As diferenças entre os dois gêneros serão tratadas com mais detalhes na sequência deste trabalho.

A qualidade do jornalismo que temos influencia a nossa qualidade de vida, os nossos pensamentos e a nossa cultura. A imprensa é, sem dúvida, uma das ferramentas mais poderosas de nossa sociedade. Com informações confiáveis, independentes, compreensíveis e concisas teremos um bom jornalismo. E com um jornalismo de qualidade teremos cidadãos bem informados, conscientes, com ferramentas para transpor as barreiras sociais. O jornalismo é capaz de unir comunidades, fortalecer as identidades coletivas, além de auxiliar a população na definição de seus objetivos, seus líderes, seus modelos. Multiplicando os pontos de vista, as visões de mundo, as informações de qualidade e o conhecimento, o jornalismo contribui para a formação dos cidadãos e para afirmação de uma sociedade justa e democrática. A prova disso é que quando uma sociedade quer acabar com a liberdade, ela começa atingindo a imprensa,



pois vedando o acesso dos cidadãos às informações independentes, ela dá um golpe certeiro na força do povo.

Seja através de notícias, de artigos, de colunas de opinião ou de reportagens, precisamos de jornalismo de qualidade. Para que isso seja possível, os autores Kovach e Rosenstiel enumeraram nove pontos fundamentais (frutos de pesquisa com jornalistas) para o exercício do bom jornalismo: a primeira obrigação do jornalismo é com a verdade; sua primeira lealdade é com os cidadãos; sua essência é a disciplina da verificação; seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem; o jornalismo deve ser um monitor independente do poder; o jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público; o jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante; o jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional; os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência (KOVACH ; ROSENSTIEL, 2004, p. 22-23).

A informação deixou de ser fator de acréscimo cultural ou divertimento e tornou-se essencial à vida das pessoas. Sua importância cresceu na vida individual e na construção da sociedade com um todo:

O jornal – a informação jornalística em geral, em impressos, no rádio, na televisão ou na internet – é atualmente produto de primeira necessidade, sem o qual o homem moderno não consegue gerir sua vida produtiva, programar seu lazer, orientar-se no mundo e, finalmente, formular opiniões. É uma forma de conhecimento e um serviço público essencial. (LAGE, 2001, p.174)

Como escreveu Walter Lippman em 1920 (*apud* KOVACH ; ROSENSTIEL, p. 114): “Não pode haver liberdade numa comunidade que não conta com a informação por meio da qual se detectam as mentiras”.

## 2.1 A reportagem

A reportagem é um gênero nobre dentro do jornalismo. Seu valor é, frequentemente, ressaltado pelos profissionais da área que a colocam como a obra-prima do fazer jornalístico. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, é na reportagem mais do que na notícia, no editorial ou no artigo que o jornalista cumpre o papel de colocar-se entre o leitor e a veracidade dos fatos. E enfatizam: “Por isso, é a reportagem

– onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística.” (SODRÉ ; FERRARI, 1986, p. 9).

A reportagem começa a ocupar um papel de destaque e definitivo dentro do jornalismo no início do século XX. Segundo Edvaldo Pereira Lima, havia um desejo dos leitores por uma informação mais profunda e detalhada, principalmente em função das grandes mudanças oriundas da modernidade e de grandes acontecimentos, como a Primeira Guerra Mundial, que surpreendiam o mundo naquela época. Essa demanda resultou no surgimento, nos anos 20, das revistas semanais de informação, sendo a norte-americana *Time* a pioneira neste segmento, que buscavam dar aos fatos uma contextualização, buscando conexões entre os acontecimentos, garantindo ao leitor uma compreensão mais aprofundada da realidade. É para preencher esta lacuna que surge a reportagem como o gênero da investigação e da interpretação jornalística, para atender ao leitor insatisfeito com a superficialidade das simples notícias. A reportagem estende a função informativa e orientativa do jornalismo cotidiano, já que cobre vazios deixados pela cobertura superficial e amplia, para o leitor, a compreensão da realidade. Nas etapas de produção de uma reportagem (pauta, captação, redação e edição) o jornalista pode escapar das formas convencionais que, muitas vezes, limitam o trabalho do repórter na imprensa diária.

Com o passar do tempo, a prática da grande reportagem se fortaleceu e, segundo Edvaldo Pereira Lima, passou a se caracterizar pela busca para não deixar a audiência desprovida de meios para compreender seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro (LIMA, 1993, p.25).

A literatura europeia das primeiras décadas do século XX, também já refletia a preocupação dos autores com a busca do entendimento da realidade. O realismo social, surgido na Europa nesta época, é um movimento literário que se aproxima muito da reportagem. A descrição da realidade, de personagens e ambientes do cotidiano, a busca pelos detalhes, os temas sociais, o distanciamento do narrador, são algumas das características do realismo que podemos facilmente identificar em uma reportagem. Conforme Edvaldo Pereira Lima, o jornalismo absorve elementos do fazer literário e transforma-os, direcionando-os para outro fim. Os maiores autores do realismo social

como Baudelaire, Tolstói, Dostoiévski e Balzac, são considerados além de grandes escritores grandes jornalistas. A partir de 1870 este movimento perde força na Europa e ressurgiu após a Primeira Guerra Mundial na América do Norte, alcançando seu ápice na década de 1930.

Portanto, seja através das revistas ou através de livros a reportagem passa a despertar o interesse de um número cada vez maior de profissionais da imprensa, conquista a admiração dos leitores, vai diferenciando-se, ganhando forma, variações, características que resultam na reportagem tal como a conhecemos hoje. Vejamos, a seguir, alguns de seus aspectos mais importantes.

A reportagem diferencia-se da notícia por vários motivos. Os mais fáceis de serem percebidos são a extensão e a abrangência. A notícia expõe um fato ou uma sequência de fatos de forma objetiva, sucinta, rápida e procura responder as tradicionais perguntas: o que, quem, quando, onde e como e por quê. Contém elementos de ineditismo, proximidade, atualidade e identificação. Já a reportagem é, conforme Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, uma extensão da notícia e tem como característica principal a narrativa, a humanização do relato. É na reportagem que encontraremos as causas e as consequências de um determinado fato, o contexto, a reflexão para se chegar à compreensão completa de um determinado acontecimento. Portanto, as reportagens são mais longas, abrangentes e possuem textos mais elaborados que as notícias. Nilson Lage traz um exemplo que esclarece bem a diferença de enfoque entre estes dois gêneros:

Caiu um avião na mata, é notícia, resgatam-se passageiros e tripulantes dias depois, outra notícia; divulga-se o relatório técnico sobre o desastre, uma terceira notícia apoiada na recapitulação das duas anteriores. Já o relato detalhado, com base em testemunhos, do sofrimento daqueles dias passados na selva, entre feridos, mortos, medo, incerteza e crises de desespero – isso daria uma excelente reportagem. (LAGE, 2005, p.139)

Conforme Cremilda Medina (MEDINA *apud* COIMBRA, 1993, p.9) o que distingue a notícia da grande reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar. Para a autora, a reportagem amplia, aprofunda o fato no espaço e no tempo, e esse aprofundamento do conteúdo se faz numa abordagem estilística.

As linhas do tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação dos fatos que situam ou exemplificam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato. (MEDINA *apud* COIMBRA, 1993, p. 9)

Outro ponto discordante entre notícias e reportagens é o tempo. A notícia tem por regra básica ser atual. A natureza da notícia é o imediatismo, a atualidade. Normalmente são noticiados fatos que acabaram de acontecer ou que ainda sequer ocorreram. O passado remoto não é alvo para as notícias. Já para a reportagem o valor do tempo é outro. Conforme Nilson Lage: “algumas das mais famosas reportagens foram escritas - ou produzidas – muito tempo depois dos fatos a que se reportam” (LAGE, 2005, p.139). A obsessão pela atualidade transforma-se numa prisão para o jornalista e muitas vezes o impede de revelar e compreender a realidade, já que seguidamente é impossível fazer isso de forma imediata. É preciso dar tempo aos acontecimentos. Para Lima (1993), a reportagem é o instrumento do jornalismo para escapar à ditadura draconiana da atualidade. A busca incessante por fatos atuais, muitas vezes, transforma o trabalho do jornalista em um incessante colher depoimentos e recolher informações, tentando recuperar o máximo de fatos e analisá-los, no entanto, perde-se os testemunhos extensos, importantes e atemporais. Edvaldo Pereira Lima afirma que quando se trata de reportagem, cujo objetivo é o aprofundamento, a definição da pauta pelo critério de atualidade pode revelar-se inócua, na medida em que muitos fenômenos que nos afetam escapam de uma conformação atual, tendo muito mais a ver com uma concepção mais dilatada do tempo (LIMA, 1993, p.57). Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari também refletem sobre o assunto:

Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.18)

Os temas que podem ser assuntos de reportagem são inúmeros e compreendem desde fatos e realidades contemporâneas até retrospectivas históricas, pode-se fazer uma grande reportagem sobre a ditadura militar brasileira, por exemplo.

O planejamento editorial também se manifesta de forma diferente na reportagem e na notícia. As pautas, introduzidas definitivamente no jornalismo brasileiro na década de 1970, são de naturezas distintas. As pautas de notícias, conforme Lage propõe, geralmente enfocam desdobramentos dos acontecimentos do dia anterior, fatos de interesse público, repetição de notícias produzidas em outros locais como a divulgação de pesquisas de satisfação, coberturas sazonais (verão, inverno, natal, carnaval) e, ainda, eventos inesperados.

As reportagens, ao contrário, apresentam pautas mais elaboradas. É a pauta quem vai definir rumos, estabelecer diretrizes a serem seguidas durante toda a etapa de produção. Por isso, quando a elaboração da pauta é mal feita, temos como resultado uma matéria insuficiente. O leque de assuntos é extenso, há um levantamento prévio do tempo e dos custos de produção, além de sugestões de abordagens. A construção da pauta deve localizar o fato ou conflito e identificar suas causas, efeitos, características determinantes e a indicação de objetivos que a matéria procura atingir, deve direcionar a condução do processo de elaboração. Notícias sobre o mesmo acontecimento tendem a ter conteúdo e texto semelhantes. Já reportagens sobre temas iguais podem, e geralmente produzem, textos e resultados bem diferentes. Isso acontece por que a natureza da notícia é informar, já a reportagem vai além da informação. Na absoluta maioria das vezes, a notícia independe das intenções dos jornalistas, a reportagem procede de intenção, de uma “visão jornalística” dos fatos. A reportagem comporta espaço para a interpretação, o que produz diferentes enfoques, conexões e compreensões mesmo que acerca do mesmo assunto. Conforme Lima:

Na medida em que a reportagem de profundidade exige um bom trabalho de documentação, isto é, de estabelecimento de relações entre fatos isolados e situações globais, de interpretação dos significados da contemporaneidade para o leitor, esse só pode chegar a um bom termo se existe pauta preparada com alcance e visão integral. (LIMA, 1993, p.73)

Embora o planejamento de pautas tenha benefícios aparentes, como uma maior organização e aproveitamento do tempo, é preciso deixar espaço para o imprevisto. Sobre isso, Nilson Lage afirma:

Acontecimentos ocorrem inesperadamente, prognósticos mudam diante dos fatos; por isso, repórteres – e, obviamente, as chefias de reportagem e da redação – devem ter, em determinadas circunstâncias, autonomia editorial. (LAGE, 2001, p.43)

O sucesso de uma pauta depende, em grande parte, de quem a executa. O trabalho de reportagem não é apenas seguir um roteiro pré-determinado e construir um texto correto. O diferencial, no trabalho do repórter, está na imaginação, ou no chamado *felling* ou *insight*. A partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo, do tom que permita revelar uma realidade da forma mais original e verdadeira possível, buscando aspectos que poderiam passar despercebidos, é a amostra do talento do jornalista.

Os meios de informação de onde os jornalistas extraem conteúdo para a criação das pautas são geralmente os mesmos: notícias publicadas em rádio, jornal, revista, televisão ou internet, releases recebidos das assessorias de imprensa, ou ainda, sugestões enviadas pelo público à redação. As notícias costumam ser pautadas com assuntos mais repetitivos e comuns. Já as reportagens podem trazer temas mais criativos e inovadores. Muitas reportagens interessantes surgem da observação dos repórteres que atentam para fatos que geralmente passam indiferentes ao público e aos outros colegas de redação.

A estrutura do *lide*, forma criada pela imprensa americana para que o leitor obtenha o maior número de informações em menos tempo, também é distinta nos dois gêneros jornalísticos. As perguntas do *lide* (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) são respondidas de maneira diferente. Nas notícias as respostas são diretas, uma informação por frase e todas estas frases no primeiro parágrafo. Na reportagem o *lide* é desenvolvido ao longo do texto, constituindo uma narrativa. Mas uma narrativa de fatos reais, devidamente verificados e não inventados pelos repórteres. De acordo com Nilson Lage: “Jornalistas não inventam ou criam a informação que publicam, eles partem de relatos e da observação e traduzem para uma linguagem padrão o conjunto do que perceberam” (LAGE, 2001, p.177).

Uma forma extremada de reportagem é chamada investigativa que abarca normalmente temas sociais. O jornalismo investigativo precisa que o repórter dedique tempo e esforço ao levantamento de um assunto. Alguns autores entendem este tipo de reportagem como um esforço para evidenciar as misérias passadas ou presentes da sociedade ou um modo de denunciar injustiças. Geralmente este trabalho, que demanda muito tempo e dinheiro, resulta em textos extensos e não se encaixam no tamanho dos periódicos convencionais. Costumam ser publicados na forma de livros ou

documentários. Assuntos para reportagens deste tipo podem surgir de várias maneiras: através do aparecimento de fatos inexplicáveis ou curiosos, escândalos, informações sigilosas de fontes ou observação direta de uma realidade e vontade de denunciá-la.

Antes de o repórter partir para uma investigação, é necessário que faça um levantamento das reais possibilidades, se existem fontes ou documentos disponíveis, se há tempo e recursos suficientes. Depois disso o jornalista deve familiarizar-se com o tema e desenvolver um plano de ação, que são as etapas detalhadas de investigação com custos, métodos a serem utilizados. Depois de acabado o trabalho é necessário ainda verificar todo o material apurado, fazer a checagem das informações, para só então iniciar a redação do texto.

Outra categoria de reportagem é o jornalismo interpretativo. Este tipo de reportagem costuma apresentar dados e evidenciar suas consequências ou implicações. Geralmente é usada para temas econômicos, políticos ou científicos. A interpretação pretende oferecer ao leitor os fatos que permitem estabelecer conclusões, porém sem definir essas conclusões. O risco do repórter, neste tipo de matéria, é deixar que a apuração se contamine por crenças ou teorias próprias e não comprovadas, que acabam transformando informação em opinião.

Na construção do texto de uma reportagem, segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, o repórter deve produzir um relato humanizado e de natureza impressionista (contendo as impressões do repórter) com riqueza de detalhes, colocando-se como um elo entre o fato ou história e o público. Desta forma garantirá ao seu texto credibilidade e produzirá uma proximidade maior do leitor com o fato ou história que está sendo relatado. A característica narrativa da reportagem também é destacada por Liráucio Girardi Jr. Segundo Girardi Jr., a reportagem tem tudo para se transformar em boa literatura através da descrição dos personagens e do espaço onde se desenrola a ação dramática e da trama que tecem ou acabam envolvidos, mas deve manter-se vinculada à informação objetiva. Edvaldo Pereira Lima traz uma boa definição de narrativa jornalística, onde ressalta o objetivo de auxiliar o leitor na compreensão da realidade:

Narrativa, aqui, entendida como o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia, e tanto quanto possível, de si mesmo, através do espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato. (LIMA, 1993,p.106)

Quando um assunto foge a rotina, um grande acidente, uma tragédia natural, grandes eventos esportivos, morte de personalidades, a imprensa monta um esquema especial de cobertura que conta com a reportagem como principal ferramenta para levar ao leitor o que aconteceu ou está acontecendo. De acordo com o fato e com as condições do veículo é mobilizada uma equipe ou um enviado especial para o local do acontecimento. Muitas vezes o repórter é pego de surpresa e não tem tempo de se preparar de forma adequada para o fato que terá de cobrir. Entretanto, chegando ao local do ocorrido, começa a produzir sua reportagem da mesma forma das demais, contando tudo que aconteceu, procurando o maior número de informações possíveis, redigindo textos, fotografando, conversando com as pessoas. Tudo isso em um tempo extraordinariamente menor do que no de uma reportagem comum e, muitas vezes, em condições adversas. É neste trabalho de captação, essência do jornalismo, que a reportagem se consagra como gênero e consagra o jornalismo como profissão.

Para estes tipos de reportagem, o jornalista precisa ter resistência física, ser capaz de ficar muito tempo sem comer e sem dormir, ter uma dose de coragem, e encontrar um jeito de vencer o cansaço e a saudade. As condições para transmitir o material produzido também costumam ser problemáticas. Em locais de difícil acesso, que estão arrasados por guerras ou tragédias naturais, por exemplo, transmitir uma reportagem fica quase impossível. Mesmo em tempos de celular, internet e computadores portáteis. Logo que chegar ao local, o repórter deve verificar de que modo aquilo que produzirá chegará à redação do veículo no qual trabalha.

Para coberturas realizadas no exterior, há ainda a dificuldade da língua, da cultura e dos hábitos diversos. Nestes casos, é importante que as matérias contextualizem as informações, com dados históricos, geográficos, sociais, para que o leitor consiga entender o porquê de tais fatos acontecerem em tal país. Essas situações são também um desafio para o jornalista que se encontra isolado, em um universo diferente do seu, com outros códigos, outros hábitos, outra maneira de viver e pensar.

Nas coberturas especiais, por tratarem de fatos muito importantes, é comum que a emoção do jornalista se misture com tudo que está sendo relatado. É difícil manter um distanciamento, quando se está completamente inserido naquele ambiente onde, muitas vezes, se pode testemunhar o sofrimento humano, a fúria da natureza, a superação de limites ou a dor de quem perdeu familiares. Nestas reportagens, a informação e a



emoção costumam caminhar juntas e cabe ao repórter dosá-las na medida certa. É importante também que o jornalista conheça os próprios limites e preserve sua vida acima de tudo, intenções heróicas com fins trágicos não valem a pena.

## 2.2 Tipos de reportagem

Com a especialização cada vez maior do jornalismo, que o subdivide em muitas variações: jornalismo esportivo, científico, econômico, político, por exemplo, a reportagem também ganhou subdivisões e classificações. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari classificam a reportagem através da natureza do relato. Segundo eles, a reportagem pode ser classificada como reportagem de fatos, reportagem de ação e reportagem documental.

A reportagem de fatos trata-se de um relato objetivo de acontecimentos. Assim como na notícia, os fatos são narrados em sucessão, geralmente por ordem de importância. Já na reportagem de ação o texto adquire um tom movimentado, começando sempre pelo fato que mais chama atenção e seguindo com a exposição dos detalhes. Nestas reportagens o desenrolar dos fatos é feito de forma a aproximar o leitor, que consegue visualizar as cenas e a sequência de ações como em um filme. Em algumas ocasiões estas reportagens trazem o repórter no meio dos acontecimentos. O testemunho do jornalista adquire, nestas reportagens, papel de grande importância, pois garante mais realismo e credibilidade à ação.

A reportagem documental é o relato documentado, costuma apresentar os dados de maneira objetiva, acompanhados de informações ou citações que complementam ou esclarecem o assunto que está sendo tratado. Normalmente, este tipo de reportagem é expositiva e assemelha-se com a pesquisa, pode ainda, adquirir caráter de denúncia. Entretanto, na maioria dos casos, é fundamentada em documentos e dados que lhe conferem um tom pedagógico sobre o tema relatado.

As reportagens também podem ser classificadas com relação à estrutura do texto. Dentro desta classificação temos a reportagem dissertativa, a reportagem narrativa e a reportagem descritiva. Osvaldo Coimbra trata especialmente destas três estruturas.

Conforme Coimbra, a reportagem dissertativa possui a função de expor, explicar, informar e convencer o leitor a aceitar a informação no contexto de um raciocínio que se pretende correto, por isso ela apóia-se na argumentação do repórter. A argumentação deve fundamentar-se em fatos e não em indícios. Fatos são acontecimentos observados e verificados e indícios são suposições, possibilidades não concretas. Outra forma de fundamentação de argumentos é através de testemunhos, que possuem valor de prova, mas tem eficácia relativa já que o mesmo fato pode ser interpretado de formas diferentes pelas pessoas. Da mesma forma que os textos opinativos, como os editoriais, as reportagens dissertativas também expõem afirmações de seus autores. A diferença é que as afirmações dos repórteres são fundamentadas em dados e declarações.

As reportagens dissertativas são, por esse motivo, também chamadas de interpretativas. O que enlaça os dados e as declarações do texto destas reportagens é o raciocínio desenvolvido pelo autor, que a cada afirmação generalizante expõe uma fundamentação (como um dado ou testemunho) com sentido lógico: de exemplificação, enumeração, confirmação, confronto, causa e efeito, entre outros. Afirma Coimbra:

A reportagem dissertativa se apóia num raciocínio explicitado através de informações generalizantes, seguidas de fundamentação, que constitui a análise feita pelo redator de um acontecimento ou de um grupo de acontecimentos. (COIMBRA, 1993, p.44)

A reportagem narrativa não se apóia em um raciocínio anunciado. Sua principal característica é a de conter os fatos organizados dentro de uma relação temporal, de anterioridade ou posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou coisas. Geralmente este tipo de reportagem segue a estrutura do modelo narrativo: explanação, complicação e resolução e pretende recriar a realidade diante dos olhos dos leitores. Podendo ainda conter uma avaliação ou moral.

A principal diferença da narrativa jornalística para a narrativa literária está na função. O texto jornalístico visa acima de tudo informar, ou ainda, convencer e documentar. Já o texto literário, possui função estética. Na literatura o mais importante além do conteúdo é a forma. A clareza é muitas vezes desnecessária, as palavras podem assumir outros significados. Já nos textos jornalísticos a clareza é um compromisso fundamental. O texto jornalístico não deve dar margem a várias interpretações. Existem

muitos elementos a serem analisados dentro de uma reportagem narrativa, os principais são: o foco narrativo, a expressão do tempo e a presença de personagens.

A reportagem descritiva assim como a narrativa abrange coisas e pessoas, mas, ao contrário dela, mostra-as fixadas em um único momento, sem mudanças decorrentes da sequência do tempo, o que não a impede de apresentar ação ou movimento. Neste tipo de texto os verbos indicam ações que ocorrem naquele instante. Os acontecimentos apresentam-se no mesmo plano temporal de modo que se mudarmos a ordem das frases do texto não alteramos a ordem cronológicas dos acontecimentos, pois são simultâneos. Outra característica marcante deste tipo de reportagem é o detalhamento máximo das cenas e personagens. Conforme Sodré e Ferrari, reportagens inteiramente descritivas tornam-se pouco comunicativas, quando não desagradáveis. É o que ocorre em matérias com descrições técnicas de assuntos muito específicos. Portanto, este tipo de reportagem costuma apresentar trechos narrativos.

Tal classificação das reportagens é feita para efeitos didáticos. As reportagens não seguem, obrigatoriamente, esta estrutura. É comum vermos reportagens que misturam elementos das diferentes classificações. Já que cada tipo apresenta características que se complementam. A classificação é feita com base na predominância do texto, nas características que mais aparecem em detrimento de outras. Essa mistura e diversificação dos modelos textuais enriquece o texto da reportagem e os repórteres usam esta ferramenta para tornar o seu relato mais interessante, mais movimentado ou para garantir mais credibilidade às informações.

### 2.3 O repórter

O repórter é a figura mais emblemática do jornalismo. É ele o mediador entre a realidade do jornal, que pode ser uma guerra do outro lado do mundo ou um acidente de trânsito em uma avenida próxima, e o leitor. Algumas vezes ele assume o papel de porta-voz, outras vezes é investigador, pode ser testemunha ou ainda participante das reportagens que produz. Isabel Travancas caracteriza assim o repórter:

Pelas suas tarefas diárias, que vão desde a apuração dos fatos à redação da notícia, ele pode ser visto como um cidadão do mundo: um profissional que atravessa fronteiras e tem acesso livre a quase todos os lugares, dos meios oficiais aos marginais e perigosos. (TRAVANCAS, 2002, p.25)

Na história recente a técnica de redação jornalística sofreu mudanças nos processos de trabalho. Ocorreu uma segmentação de funções, como uma linha de montagem. Neste período, acreditava-se que o repórter deveria apenas apurar, o redator redigir, um outro jornalista para corrigir, o diagramador montar as páginas e o editor gerenciar todo o processo. Conforme Nilson Lage (2001) o papel do repórter moderno mudou: hoje, com os computadores, a responsabilidade do repórter cresce e se diversifica - ele não apenas deve apurar bem, mas formular seu texto como o melhor dos redatores e participar das tarefas de edição.

No centro da construção de uma reportagem está sempre o olhar do repórter. É ele que está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Ricardo Kotscho afirma: lugar de repórter é na rua, é lá que as coisas acontecem e a vida se transforma em notícia. Clóvis Rossi, no prefácio do livro de Kotscho, *A Aventura da Reportagem* acrescenta que a tarefa do repórter é a mais fascinante e a mais difícil entre a de todos os jornalistas. Pois é ele quem persegue a tão sonhada verdade, que é quase sempre inatingível. Por isso, diz Rossi, o repórter deve buscar “a melhor versão possível da verdade”, já que é impossível alcançá-la completamente. E para executar essa tarefa acrescenta:

Exige-se muito mais transpiração do que inspiração. Mais esforço físico do que o intelectual. Exige que se gaste a ponta do dedo telefonando para todas as pessoas que possam dar ao menos um fragmento de informação. Exige que se gaste a bunda nos sofás das ante-salas das autoridades, na espera de que elas atendam o repórter e lhe dêem mais um pedacinho de informação. Exige que se gastem as pernas e as solas dos sapatos andando atrás de passeatas, comícios ou fugindo da polícia. (KOTSCHO, 1990, p. 10)

Os repórteres têm uma função que os permite ser os ouvidos e os olhos distantes do público, selecionando e transmitindo o que considerarem interessante. E devem ter os olhos bem treinados: muita gente olha e não vê os detalhes que acabam formando fragmentos vitais de uma reportagem. De acordo com Lage:

O processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do que é dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto (o social e, além desse, toda informação guardada na memória) e a produção de uma nova mensagem que será levada ao público a partir de uma estimativa sobre o tipo de informação de que esse público precisa ou quer receber. Em suma, o repórter, além de traduzir, deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade. (LAGE, 2001, p.22-23)

No Brasil, encontramos em Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, o precursor da reportagem. Cronista da cidade do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Letras, João do Rio era um intelectual e deu uma contribuição enorme no trabalho de aproximação do repórter com os fatos narrados. Nos textos de João do Rio encontramos os tipos sociais que representam a humanização característica da reportagem que se mantém até os dias de hoje, a descrição de costumes e de situações que criam a reportagem de contexto e traços retrospectivos que anunciam a reportagem de reconstituição histórica. Liráucio Girardi Júnior aponta ao se referir a Paulo Barreto:

A grande inovação, no caso, não foi somente fazer da literatura uma espécie de jornalismo, mas, do jornalismo, reportagem. João do Rio teria sido um dos pioneiros da observação direta, saindo da redação para as ruas, valendo-se da entrevista, do inquérito. (GIRARDI JR, 2000, p. 202)

Portanto, a capacidade de observação é um princípio fundamental na elaboração da matéria. Segundo Liráucio Girardi Jr. esta observação pode ser simples ou participante. Na observação simples o jornalista não tem qualquer tipo de contato direto com a pessoa ou realidade a ser relatada. Já na observação participante o repórter se insere na realidade que é alvo de sua reportagem, como uma favela ou um grupo hippie. Neste tipo de observação alguns profissionais, enquanto executam seu trabalho, revelam de início sua identidade, outros preferem manter o anonimato, pois acreditam que assim terão um relato mais verdadeiro. Os modos de observação serão detalhados de forma mais completa no seguimento deste trabalho.

Para transmitir informações e interpretar os fatos o repórter costuma se utilizar de dados descritivos das situações ou acontecimentos, da reconstrução de diálogos ou opiniões produzidos através de entrevistas e apuração de outros documentos como fotos, cartas, diários, tudo isso buscando a veracidade das informações. Por isso o compromisso com a objetividade, a relação com as fontes e a verificação de todos os dados são tão importantes no trabalho de reportagem. Para aqueles que consideram o

jornalismo um serviço de utilidade pública, estes critérios são imprescindíveis. Nilson Lage comenta sobre este desafio, ainda mais difícil na atualidade:

Aí, o que prevalece é a convicção de que se pretendem realmente servir ao público, observando os fatos da perspectiva que interessa a esse público, repórteres não podem se limitar a reproduzir discursos de poder cada vez mais unilaterais e até mesmo cínicos – mera expressão de interesses. [...] O que é necessário é fornecer ao público informação objetiva que consulte suas necessidades e desejos. (LAGE, 2001, p. 144-145)

Philip Meyer, em seus livros, defende que o número de habilidades necessárias para a formação de um repórter vem crescendo e que os critérios tradicionais que valorizam o amor à verdade, a disposição física e a habilidade de escrever são insuficientes na era da informação:

O mundo tornou-se tão complicado, tão intenso o incremento da informação disponível, que o jornalista tem que ser alguém que cria e não só transmite, um organizador, e não só um intérprete, alguém que junte os fatos e os torne acessíveis. Além de saber como redigir informações de imprensa ou como contá-las nos meios audiovisuais, deve descobrir como fazê-las chegar a mente de seu público. Em outras palavras, o jornalista tem agora que ser um administrador de dados acumulados, processador e analista desses dados. (MEYER *apud* LAGE, 2001 p.142)

Na era da internet todos os tipos de informação estão à disposição de um número cada vez maior de pessoas. Se as mídias tradicionais omitem algum fato do público, este acontecimento chegará ao conhecimento das pessoas através da rede. Este quadro, ao contrário do que se poderia imaginar, não enfraquece o papel do jornalista ou do repórter como elo de ligação entre a sociedade e as informações. Kovach e Rosenstiel (2004) ressaltam que embora o jornalista não decida mais o que o público deve saber, é ele que o ajuda a por em ordem e dar sentido à avalanche de informações recebidas. Isso não significa somente acrescentar interpretação ou análise a uma reportagem. Para eles, a primeira tarefa de jornalista e “explicador” é checar se a informação é confiável e organizá-la de forma que o leitor possa compreendê-la.

## 2.4 Fontes

Poucas matérias no jornalismo são construídas baseadas apenas no relato do próprio repórter. A maior parte dos jornalistas recorre às fontes para dar acrescentar

informações, explicar o fato e dar mais credibilidade ao que está sendo dito na reportagem. A relação do repórter com as fontes sempre foi alvo de estudo dentro do jornalismo. A crença de que para manter uma fonte é preciso agradá-la, prejudica muito o trabalho jornalístico. Este tratamento pode agredir a verdade ou parte dela. Jornalistas amigos das fontes podem receber informações privilegiadas ou ainda levá-las a defender o seu ponto de vista. Segundo Kovach e Rosenstiel:

Os jornalistas que selecionam as fontes para expressar o que na verdade é o seu próprio ponto de vista, e depois usam a voz neutra para que tudo pareça bem objetivo, estão trapaceando. Isso prejudica a credibilidade da profissão ao fazê-la parecer sem princípios, desonesta e preconceituosa. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.117)

Conforme tais autores a melhor forma de ser honesto com o público é usando o máximo de transparência. Informando o porquê de tais fontes serem escolhidas para participar da matéria e comunicando caso alguma citação ou algum fato tenha sido reconstituído. É preciso muito jogo de cintura para que não se fique tão distante das fontes a ponto de perder a informação e nem tão próximo que signifique deixar de publicá-la. Para Nilson Lage, a melhor forma de agir em relação à fonte é prestar atenção o máximo do tempo e interferir o mínimo possível nas declarações. A relação repórter-fonte deve ser cordial e correta. É uma relação de troca, mas o que deve ser trocado é apenas informação, nada mais. Este autor classifica as fontes em três grupos, cada um deles com características específicas.

O primeiro deles é formado pelas fontes *oficiais, oficiosas e independentes*. As oficiais são mantidas pelo Estado, por empresas ou organizações. Este tipo de fonte é tido como o mais confiável e dificilmente seus dados são contestados. Isso representa um alerta para os repórteres já que muitas vezes, estas fontes mentem. Os objetivos que levam as fontes oficiais a distorcer ou inventar fatos são variados: interesses políticos, benefício de grupos dominantes, corporativismo, militância.

Fontes oficiosas são aquelas que, embora sejam reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão autorizadas a falar em nome dele e podem ser desmentidas. Essas fontes geralmente defendem interesses particulares e são protegidas pelo anonimato. Por isso, merecem atenção já que podem veicular boatos. Fontes independentes são aquelas que não possuem relações de poder ou interesses específicos com o assunto tratado na matéria.

O segundo grupo é composto pelas *fontes primárias e secundárias*. Fontes primárias são aquelas que fornecem fatos, versões e números, o essencial para a reportagem. As fontes secundárias são procuradas para a construção da pauta, para busca de informações genéricas, de contexto ou enfoque para matéria, fornecem informações acessórias.

E, finalmente, o último grupo composto pelas *testemunhas e experts*. As testemunhas, como o nome indica, são aquelas fontes que presenciaram fatos ou acontecimentos. Com estas fontes o repórter deve ter o cuidado de perceber de que “lado” do fato as testemunhas estão. Um relato de um conflito é visto de ângulos diferentes pelas pessoas, depende de que lado elas estão. Da mesma forma que a marcação de um juiz esportivo é interpretada de maneiras diferentes pelos torcedores de times adversários. Costuma-se afirmar que o testemunho mais exato é o mais imediato. Segundo Lage (2001), um bom princípio é só confiar em histórias contadas por três fontes que não se conhecem e nem trocaram informações entre si. Já os *experts* são fontes secundárias com grande conhecimento em uma área específica. São especialistas e é sempre recomendado que se ouça mais de um, já que podem apresentar diferentes versões e interpretações para os mesmos acontecimentos ou fenômenos.

## 2.5 Métodos de apuração

Que métodos usar na construção de suas reportagens é a questão mais importante enfrentada pelos jornalistas que recolhem a informação, interpretam e a transmitem ao público. Qual a melhor forma de se aproximar da verdade e como revelá-la as pessoas é um desafio perturbador. Kovach e Rosenstiel falam sobre este exercício de busca:

Mesmo não dispondo de nenhum código sobre o assunto, os jornalistas funcionam apoiados em algum tipo de método, altamente pessoal, para testar e fornecer a informação – sua própria disciplina individual de verificação. Essa disciplina consiste, entre outras práticas, em procurar várias testemunhas de um fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os vários lados de uma questão. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.112)



Embora a imprensa seja um campo com uma história antiga, ainda não conseguiu desenvolver um sentido profissionalismo no que se refere à questão dos métodos de investigação. Walter Lippman (*apud* KOVACH e ROSENSTIEL, 2004) em 1919 já apresentava preocupação a respeito deste caráter amador que os métodos jornalísticos adquirem. “Não importa que as notícias não sejam suscetíveis a um princípio matemático. Na verdade, justamente porque as notícias são complexas e escorregadias a boa reportagem exige o exercício das mais altas virtudes científicas.” (LIPPMAN *apud* KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p.116)

A noção de apuração para uma reportagem é feita de várias maneiras pelos jornalistas. Muitos desenvolvem suas próprias estratégias para verificar fatos e informações, o fazem por conta própria ou pelo que aprenderam com colegas já que em sua formação acadêmica isto não foi desenvolvido. Kovach e Rosenstiel (2004) afirmam que embora a profissão tenha desenvolvido várias técnicas e convenções para determinar os fatos, pouco tem feito para desenvolver um sistema para testar a confiabilidade da interpretação jornalística. Para estes autores o debate da objetividade jornalística deve girar em torno dos métodos e não dos jornalistas. Os métodos é que precisam ser objetivos, como são os métodos científicos. A isenção e o equilíbrio, sob esse ponto de vista, são técnicas para ajudar os jornalistas no desenvolvimento e verificação de seus relatos. A melhoria da qualidade da verificação é o passo mais importante que os jornalistas podem dar para aprimorar a qualidade da informação que disponibilizam ao público. Para Nilson Lage:

Jornalistas não são sacerdotes nem se espera que sejam militantes de causa alguma. Dessa não-militância é que resulta sua competência moral para o desafio. Devem desenvolver uma *persona* profissional tal que – a despeito de crenças e valores pessoais, compromissos de classe e de cultura – possam registrar os fatos e as ideias do nosso tempo com honestidade, concedendo à fonte o direito de ser como é e ao público o direito de escolher de que lado ficar. (LAGE, 2001, p. 170)

Na etapa de captação ou de apuração de dados para a construção de uma matéria os jornalistas, seguidamente, aproximam-se da sociologia. Isabel Travancas (2002) afirma que: “jornalistas e antropólogos estão o tempo todo vivenciando em suas práticas profissionais o papel de mediadores [...], estes dois profissionais estão intermediando relações entre diversos grupos e categorias sociais” (p.26). Na apuração das reportagens, são utilizados métodos de pesquisa semelhantes aos utilizados pelos sociólogos. A

observação direta, a capacidade de descrição de comportamentos, a reconstrução de acontecimentos e a entrevista são alguns deles. Estes métodos permitem uma tentativa de interpretação de realidades, construção de identidades e experiências culturais.

Liráucio Girardi Jr. afirma:

Na grande reportagem, que não deixa de ser um apressado trabalho de campo, o repórter pode transformar-se em um “etnógrafo” de sua própria sociedade ou dos diversos grupos e acontecimentos que ela comporta. Situações e histórias de vida que transformam homens e grupos sociais em *outros*, aqueles que nos causam espanto, atraem nossa ira ou curiosidade por serem *diferentes*, imersos em um mundo sobre o qual temos pouca informação [...] (GIRARDI JR, 2000, p. )

A coleta de dados realizada através da descrição do local, das pessoas, das situações e ocorrências cotidianas ou episódicas, a reconstrução de diálogos ou opiniões captados através de entrevistas, e o levantamento de outros tipos de documentos, exigem do repórter um verdadeiro trabalho de campo, no qual ele se vale de métodos etnográficos. Todavia, em suas reportagens, a aventura do repórter pelos campos da etnografia enfrenta alguns obstáculos, que são na verdade limitações inerentes à natureza da profissão. Enquanto a etnografia busca a predominância da descrição, o jornalista busca acima de tudo a narração.

O teor do texto também é distinto, sociólogos geralmente escrevem para outros sociólogos ou técnicos especializados. Já o repórter escreve para a massa de leitores do seu veículo. O texto da reportagem tem por características ser atraente ao maior número possível de leitores, apresentar uma situação “dramática” e ser um relato humanizado, marcado pelas impressões do narrador que é testemunha dos fatos ou participante deles. Já o texto da etnografia tem caráter acadêmico e costuma retratar com distanciamento as realidades, antropólogos não escrevem para o público em geral e sim para seus colegas.

Para Isabel Travancas, as diferenças começam pela escolha do objeto. Segundo ela, o antropólogo em princípio desfruta de uma liberdade de escolha maior que a do repórter. Seu objeto de pesquisa é definido a partir de interesses intelectuais seus. Já o jornalista não tem esta liberdade de opção, a decisão da produção da matéria é de responsabilidade do chefe de reportagem ou editor. Por isso, a cobertura feita pelo repórter é, de certa forma, alheia à sua vontade e isso resulta em uma interação com o assunto diferente da desenvolvida pelo antropólogo. E completa:

Tanto os antropólogos como os leitores de jornal querem saber o que pensam e dizem os entrevistados, os informantes, aqueles envolvidos diretamente com o acontecimento. Não é à toa que os manuais de jornalismo enfatizam tanto a questão de que, em toda notícia, é preciso ouvir os dois lados. Para o antropólogo, ele é um desses lados. O outro é o informante, o “nativo”. (TRAVANCAS, 2002, p.32)

A observação, alicerce da reportagem, é uma das ferramentas antropológicas de muita importância para os jornalistas, é nas impressões obtidas na etapa de observação que o repórter baseia seu texto. Este método pode se manifestar de diversas maneiras, de acordo com o grau de integração que o pesquisador (no caso, o jornalista) estabelece com o objeto estudado. A observação é considerada participante quando o observador estabelece um grau de participação dentro dos grupos observados de modo a reduzir estranhezas mútuas. Essa forma de captação ganhou força a partir da década de 1960, nos Estados Unidos, através do movimento conhecido como *new journalism*. Os representantes desta corrente acreditam que para retratar uma realidade é preciso envolver-se totalmente com ela. A observação participante se caracteriza, pois, pelo ato dos jornalistas de mergulhar nos acontecimentos e situações, repórteres tentando viver e sentir na pele as circunstâncias e ambientes, em que se inserem seus personagens. Ou seja, para retratar a vida em uma aldeia indígena, por exemplo, o repórter passa a ser membro da tribo.

Neste tipo de observação o registro dos hábitos cotidianos, costumes, maneiras, os modos de vestir ou de decorar a casa, o comportamento pessoal, a relação com os mais novos, mais velhos, com os superiores ou com os subordinados, enfim, todo o universo de valores simbólicos adquirem muita relevância na interpretação de uma realidade. O objetivo do jornalista é encontrar-se com o universo que tem que cobrir, misturar-se com ele, penetrá-lo até onde for possível, para captar pelos pensamentos, emoções e razões, a vida que o compõe e que só é possível retratar na medida em que se envolva com ela. Pois acredita que apenas a convivência íntima por um período médio de tempo pode permitir que conheça verdadeiramente uma cultura específica e seus significados que muitas vezes não estão de acordo com o seu.

Isabel Travancas alerta para que a observação participante não se transforme em “participação observante”. Isso acontece quando um pesquisador ou jornalista se engaja tanto no trabalho que acaba se tornando porta-voz daqueles que está estudando,

deixando de lado seu compromisso profissional e ético. Não se pode esquecer, por mais que haja envolvimento emocional, que os fatos e dados são objetivos e soberanos.

Este método poderia ser melhorado na prática da reportagem, entretanto, a pressa e a prisão ao imediatismo geralmente são obstáculos enfrentados nesta etapa demorada do processo de captação. A observação intensa, demorada, torna-se quase impraticável no modelo de jornalismo exercido hoje em dia. Sobre isso Edvaldo Pereira Lima afirma:

[...] grandes profissionais do jornalismo acabam, por intuição, experiência, vivência do dia-a-dia das coberturas, adquirindo habilidade elogiável na prática da observação. Com certeza, essa prática pode ser aperfeiçoada se, ao lado da experiência construída sob suor e a urgência da captação imediata, acontecer uma absorção, pelos profissionais da imprensa dos métodos e dos recursos utilizados pelas ciências sociais. (LIMA, 1993, p.78)

Antes de partir para o trabalho de campo, aconselha Girardi Jr., o repórter deve fazer um planejamento do trabalho que vai realizar. Segundo o autor, a observação controlada é fruto de um trabalho planejado, no qual o observador determina com clareza qual o objeto a ser estudado, como será estudado e que meios serão utilizados para alcançar seu objetivo.

A entrevista é o método mais utilizado pelos jornalistas na busca de informações. De acordo com Nilson Lage, a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma extensão da consulta as fontes, objetivando, geralmente a coleta de interpretações e a constituição de fatos (LAGE, 2001, p.73). Ainda segundo este autor, a entrevista é definida como uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público. No momento da entrevista o repórter é o representante do público, seu papel é de criar identificação com o entrevistado, mas, ao mesmo tempo, manter um distanciamento crítico consciente.

Nilson Lage traz uma classificação bem abrangente dos tipos de entrevistas que os jornalistas podem realizar, são elas: ritual, temática, testemunhal e em profundidade. Veremos sucintamente as características de cada uma delas e seus objetivos. A entrevista ritual é breve, o mais importante é o entrevistado e não exatamente o que ele tem a dizer. Entrevistas com atletas após as competições, artistas após ganharem um prêmio, ou celebridades antes do show, têm essas características. Tais entrevistas têm

valor simbólico e o que mais interessa é o ambiente, o clima, os trajes, atitudes e podem revelar desvios ou falhas de protocolo.

Já a entrevista temática aborda um tema específico e supõe-se que o entrevistado tenha autoridade para falar sobre ele. É formada por versões ou interpretações de acontecimentos. Serve para munir o jornalista e o público de informações que ajudarão na compreensão de um problema, para expor um ponto de vista ou reafirmar um argumento. A entrevista testemunhal busca o relato do entrevistado sobre algo que ele acabou de ver ou participar. É o ponto de vista do entrevistado sobre o fato, com sua descrição, interpretação e impressões subjetivas a cerca de determinado acontecimento.

Entrevistas em profundidade são aquelas que pretendem entrar no mundo do entrevistado. Tendem a abordar diversos aspectos de sua vida ou sua atividade para construir um perfil ou ensaio do personagem baseado em seus próprios depoimentos. A forma de realização das entrevistas também varia muito conforme a circunstância. Na entrevista de confronto o repórter faz afirmações, baseadas em provas, das quais o entrevistado tem que se defender. O jornalista atua como um promotor de um julgamento. De acordo com a competência do repórter e do entrevistado a entrevista pode se tornar constrangedora ou instigante.

Nas entrevistas coletivas, que geralmente são programadas, o entrevistado responde a perguntas de diversos jornalistas, de diferentes veículos. Geralmente são realizadas com os principais personagens de algum evento importante, antes da estréia de um espetáculo, depois de uma final esportiva, após a apresentação de uma decisão governamental. Este tipo de entrevista limita-se justamente pelo grande número de entrevistadores, não existindo possibilidade de retorno para contestar a resposta de uma pergunta.

A entrevista ocasional é o oposto da coletiva, visto que não é programada. O entrevistado é questionado sobre algum assunto e, por não estar preparado ou ter pensado previamente, tende a dar respostas mais sinceras. A exceção são os políticos ou pessoas muito acostumadas a serem abordadas pela imprensa que já possuem respostas prontas e planejadas para estas ocorrências.

Já a entrevista dialogal é a entrevista em seu ápice. Marcada com antecedência, reúne entrevistado e entrevistador em ambiente preparado. Ambos desenvolvem uma

conversa, que evolui a partir de questões formuladas pelo jornalista, mas que não se limitam a elas. É possível um detalhamento e aprofundamento dos assuntos abordados.

Existem também entrevistas não-presenciais, realizadas através de telefone ou e-mail. São limitadas, porque em uma entrevista se concreta vai muito além do que é dito. Nos encontros presenciais temos o retorno imediato do entrevistado, seus gestos, seu tom de voz, sua expressão facial, tudo isso comunica tanto quanto a fala. Essas impressões ajudam a compreender o entrevistado, o grupo ao qual pertence e as lógicas de sua cultura. O fato de o entrevistado não querer responder a uma pergunta, por exemplo, pode dizer muito sobre sua visão de mundo. Através do aparelho telefônico ou da internet estas impressões ficam fortemente comprometidas.

Para realizar uma entrevista tranquila e com resultados satisfatórios, o repórter que é o condutor do diálogo deve ambientar o entrevistado e estabelecer um contato cordial. É necessário também que o jornalista tenha um conhecimento prévio do teor da entrevista, para que saiba perguntar e argumentar com seu interlocutor. Alguns entrevistados, acostumados a palestrar, costumam ter discursos prontos e padronizados. Nestes casos é importante que o repórter conteste ou aprofunde o que está sendo dito, buscando mais espontaneidade. Outro ponto importante é manter o controle da conversa, impedindo fuga do tema ou perda do foco. O profissional da imprensa deve também adotar uma atitude discreta, com compreensão e respeito, sem demonstrações de impaciência ou descontentamento, já que a estrela da entrevista é o entrevistado.

O repórter também precisa demonstrar segurança para não ser intimidado por entrevistados exaltados. Saber a hora de encerrar a entrevista também é importante, especialmente nas que são transmitidas ao vivo por rádio ou televisão. Nilson Lage traz a ideia de Gordon Pask, teórico moderno da conversação humana, que afirma que quando entrevistador e entrevistado chegam a um consenso quanto ao que o interlocutor está dizendo é hora de parar. Na avaliação de uma entrevista é importante considerar o conteúdo do que foi dito e a personalidade do entrevistado. E para que ela consiga cumprir seu objetivo é preciso editá-la de forma justa, mostrando o que a entrevista de fato foi e não como gostaríamos que tivesse sido.

No jornalismo impresso a entrevista pode ser tratada como notícia. Neste tipo de apresentação a notícia é construída a partir das falas mais importantes do entrevistado, começando daquela mais importante para a menos relevante e intercalando estas frases

com dados ambientais, genéricos, de forma a contextualizar a fala do entrevistado. Outra maneira que pode ser utilizada para publicar um entrevista em um impresso é semelhante a empregada em revistas ou cadernos especiais. Nesta prática o repórter faz afirmações que são confirmadas pela fala dos entrevistados, como em um perfil. Este tipo de apresentação exige habilidade no texto e um bom volume de informações complementares.

Mais uma variação na maneira de apresentar a entrevista é através de perguntas e respostas diretas, como um questionário. Segundo Nilson Lage, este método embora pareça mais fácil e fiel ao relato tem suas armadilhas, em função das adaptações que precisam ser feitas ao texto:

Em primeiro lugar, a entrevista deve ser transcrita – de uma fita de áudio, por exemplo, ou, mais raramente (em geral são depoimentos longos), de registros da memória – e isto já é um trabalho maçante. Depois, cuida-se de traduzir a fala pra o texto escrito, o que envolve supressão de redundâncias, repetições e a explicação de pausas do discurso que só tem sentido no contexto, quando se combinam, por exemplo, com expressões faciais. (LAGE, 2001, p.85-86)

Este importante método de captação que é a entrevista vem sofrendo algumas críticas que contestam seu processo de execução e seus resultados efetivos na tarefa de auxiliar a compreensão do real. Dulcília Schroeder Buitoni (*apud* LIMA, 1993, p. 74-75) afirma que se não é aplicável o esquema de perguntas e respostas programadas, o repórter acha que não está diante de um fato jornalístico, pois não acredita que haja perguntas e respostas que ele não conheça. Essa limitação dos repórteres, que trabalham apenas com narrativas fechadas e probabilidades conhecidas, aumenta muito a pobreza de conhecimento do fato e a entrevista perde sua função.

Já Cremilda Medina (*apud* LIMA, 1993, p.75) aponta como um obstáculo à entrevista o dirigismo e a burocracia com que os profissionais de comunicação cumprem suas tarefas. Segundo ela, na maior parte das vezes, o repórter impõe um ritmo de pauta à entrevista e acaba condicionando as respostas, fazendo com que o entrevistado seja conduzido a declarar isso ou aquilo. O roteiro das entrevistas, que é elaborado e ensaiado pelo jornalista, acaba tirando o espaço do improviso, da espontaneidade e prejudica o entrevistado na expressão de seu pensamento ou comportamento. Alguns repórteres agem de forma desinteressada, preocupando-se em cumprir a pauta e sem prestar atenção no que de fato esta sendo dito ou mostrado pelo

seu interlocutor. Agindo desta forma os jornalistas perdem uma ferramenta valiosa que quando bem conduzida contribui muito para elevar o nível do jornalismo que temos.

O jornalista se comunica com o leitor através da fala de personagens e acontecimentos reais, o repórter é, portanto, uma ponte que reproduz o que foi dito ou o que aconteceu, não inventa, não decide e tampouco deve pensar pelo entrevistado. Uma boa forma de verificação é colocar-se no lugar do leitor e imaginar o que pensaria se descobrisse que gastou dinheiro para comprar um jornal ou revista e tempo lendo uma reportagem construída com base em distorções do real.

A captação envolve também a documentação, que abrange a coleta, o exame, a classificação e o uso dos dados registrados disponíveis nos diversos meios de informação. Segundo Pereira Lima (1993) o jornalismo brasileiro alcançou um bom nível na prática da documentação, pois as grandes empresas produtoras de informação conseguem reunir, em seus departamentos de pesquisa, um grande volume de informações sobre os mais diversos assuntos, oriundas de diversas fontes como livros, trabalhos acadêmicos, dados estatísticos, filmes, documentários, documentos oficiais, etc. Este material é uma base de apoio importante do repórter no desenvolvimento de reportagens de profundidade. É necessário, entretanto, o cuidado no momento de interpretar os dados. É preciso juntar fatos isolados a acontecimentos globais, estabelecer correlações e atribuir sentidos, atentando para todos os ângulos do tema.

Para consultar documentos os jornalistas precisam ter algumas noções de arquivamento, já que a pesquisa em grandes acervos pode ser um processo complicado. Compreendendo como as informações estão organizadas, o repórter ganha tempo e mantém o foco de sua pesquisa. Nilson Lage (2001) afirma que complicada ou não a pesquisa é a base do melhor jornalismo, entretanto, as empresas jornalísticas não costumam incentivá-la devido aos custos e ao tempo de produção elevado. As condições operacionais do jornalismo cotidiano não permitem que os repórteres se detenham em pesquisas mais aprofundadas, o que, sem dúvida, prejudica a qualidade do jornalismo.

É aconselhável que na construção de uma reportagem o jornalista avalie quais são os melhores métodos de captação a utilizar e use o maior número possível de variações, para poder confrontar dados, versões, entrevistas e assim chegar mais perto de seu objetivo que é retratar e compreender uma realidade ou situação. A tecnologia tem prejudicado o desenvolvimento de novos métodos de captação e verificação. Com a



internet os jornalistas têm acesso a matérias, declarações, entrevistas sem que façam o trabalho de captação. Muitas vezes os fatos relatados por outros veículos são lidos, reescritos e reaproveitados sem que novas informações ou versões sejam descobertas e acrescentadas, o que faz com que dados falsos sejam repassados sem a devida verificação e propagados de tal forma, que não são contestados nem pela imprensa nem pelos cidadãos. Neste caso o jornalismo está prestando um serviço negativo à sociedade.

Para Kovach e Rosenstiel a transparência deve ser o princípio dos métodos jornalísticos e das ações do repórter. Informar público sobre as fontes e formas de captação utilizados, sobre o que sabemos, o que não sabemos, como estamos tentando descobrir pode ajudar a superar e corrigir problemas de credibilidade do que se diz. Adotar uma atitude transparente também demonstra o respeito da imprensa pelo público, já que dá a ele ferramentas para julgar o trabalho realizado, sinceridade e transparência são as melhores formas de se prevenir contra enganos das fontes:

Na ciência a confiabilidade de um experimento, ou sua objetividade, se define pelo fato de se alguém pode ou não reproduzir o experimento. No jornalismo, só explicando como sabemos o que sabemos é que podemos fazer com que o público possa, queira, reproduzir a informação. É isso que significa objetividade de método na ciência ou no jornalismo. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 128)

É preciso ser rigoroso no momento da captação, exaustivo na busca de provas, exigente na apuração dos detalhes, rígido no confronto de informações. Não se pode trabalhar com fatos isolados, a realidade não funciona assim e se quisermos auxiliar o leitor na tarefa de entendê-la devemos buscar o fio condutor que interliga os acontecimentos. No próximo capítulo trataremos sobre o Haiti, país que serviu de cenário para as reportagens que iremos analisar no decorrer deste trabalho.

### 3 HAITI: UMA NAÇÃO EM CONSTRUÇÃO

O Haiti, nome que significa “terra alta” ou “montanhosa”, é um país de contrastes. Ao mesmo tempo em que foi a segunda colônia da América a separar-se de sua metrópole em 1804, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, permanece atrasado do ponto de vista econômico e humano. Localizado na ilha de São Domingos, no arquipélago das Grandes Antilhas, tem seus 27.700 km de extensão fazendo fronteira ao norte com o oceano Atlântico, ao sul e ao leste com o mar do Caribe e ao leste com a República Dominicana. São Domingos foi descoberta em 1492, por Cristóvão Colombo que a chamou na época de *La Espanhola*, o território da ilha corresponde hoje ao Haiti e a República Dominicana.

A história do Haiti começa com a ocupação dos franceses, que se fixaram na parte ocidental da ilha, ainda no século XV. A colonização propriamente dita iniciou-se no reinado de Luis XIV. Foi este rei francês que, em 1670, autorizou o livre tráfico negreiro da África para as colônias francesas na América, a atividade rapidamente assumiu grandes proporções. Conforme dados da Enciclopédia Mirador Internacional, em seu auge, o tráfico negreiro trazia ao Haiti cerca de 20 a 30 mil escravos por ano, vindos de todo continente africano. Primeiramente sob domínio espanhol, mais tarde cedida a França a região da ilha onde está o Haiti apresentava na época da Revolução Francesa (1789) mais de quinhentos mil escravos, para uma população livre que não alcançava oitenta mil pessoas.

As revoltas promovidas pelos escravos eram comuns desde o século XVII. Buscando fugir da severa repressão e das péssimas condições de vida, os negros refugiavam-se nas montanhas e sobreviviam atacando até mesmo as fazendas de seus antigos senhores. Ficou a cargo de Jean Jacques Dessalines, antigo escravo e analfabeto, mas com visão estratégica e liderança, comandar a guerra que resultou na sonhada independência, conquistada em 1804. Dessalines tornou-se o primeiro imperador do Haiti. Governando de modo tirânico e enfrentando sérias dificuldades econômicas que assolavam o país em razão dos anos de lutas contínuas, Dessalines acabou assassinado em 1806. Depois dele, muitos imperadores e mais tarde presidentes sucederam-se no poder. A maior parte deles foi deposto ou assassinado por movimentos revolucionários. Nenhum deles conseguiu vencer as barreiras quase intransponíveis do

subdesenvolvimento e da pobreza da maior parte de sua população. O Haiti vive em crises políticas permanentes e já sofreu intervenções americanas e de outros países. Desde 2004, o Exército brasileiro, nomeado pela Organização das Nações Unidas (ONU), está em território haitiano em missão de paz, como trataremos de forma mais completa no próximo item.

O país apresenta território montanhoso e cerca de dois quintos da área total têm altitude superior a 490m. As serras, que se alternam com planícies férteis, mas excessivamente populosas, cortam o país em regiões. Este país se parece em muito com o Brasil, não só pelos contrastes ou pela alegria de seu povo, mas também porque sua vegetação é composta de árvores como o pinheiro, a palmeira-real, o mogno e o pau-brasil – árvore que dá nome ao nosso país. E as semelhanças vão além, como aqui, o Haiti tem graves problemas com a exportação intensiva de madeira e o desmatamento para o cultivo, que levam a quase total extinção das árvores. A predominância de terrenos montanhosos restringe a navegação fluvial.

O povo haitiano é praticamente todo formado por negros descendentes dos 480 mil escravos que, ainda no início do século XIX, conquistaram a independência. Conforme a Enciclopédia Barsa (2000), os mulatos não chegam a ser cinco por cento da população e os brancos formam uma minoria absoluta. O idioma oficial é o francês, herança da colonização, mas a língua que mais se ouve é o *créole*, uma mistura de francês com palavras africanas, herança dos escravos.

A maior parte da população é rural (51%), e no campo as condições de vida são mais fáceis, já que as cidades são superpovoadas e com uma infra estrutura muito precária. Os índices de natalidade e mortalidade são altos e a expectativa de vida é baixa, em torno de sessenta anos. A densidade nas cidades chega a 364 hab/km, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. A população urbana em sua imensa maioria vive em assentamentos precários e bairros degradados. A maioria dos haitianos sobrevive da agricultura ou da pesca. Mas o desmatamento crescente prejudica as lavouras em função da erosão do solo.

A agricultura de subsistência, bem menos desenvolvida do que a comercial, é formada principalmente por milho, arroz e batata-doce. O principal produto cultivado é o café, seguido da cana-de-açúcar, outra similaridade com o Brasil. As principais indústrias são a de transformação de alimentos e de fabricação de cimento e calçados.

Assim como a economia brasileira, a economia haitiana está concentrada na mão de uma pequena minoria, que controla os meios de produção e as exportações. Este país, que já foi considerado a mais rica colônia francesa, apresenta atualmente a balança comercial altamente deficitária e índices de inflação elevados. E, como boa parte do mundo, depende economicamente dos Estados Unidos.

A população haitiana se declara, em sua maior parte, católica. Na prática a crença mais praticada é o *vodu*, mistura de culto católico com rituais africanos. Ainda na época da escravidão este culto foi perseguido e manteve-se na clandestinidade. A verba destinada a educação é insignificante e o número de analfabetos é muito alto. Existe apenas uma universidade, que fica na capital – Porto Príncipe. Mais de 80% dos universitários deixam o país e partem para exercer a profissão em outro lugar – não há mão-de-obra qualificada.

Como todo país de raízes africanas, por força de sua origem, a cultura haitiana conserva traços do patrimônio cultural negro - expressos através da música, culinária, religião, tradições. Entretanto, a influência francesa, devido à colonização é também muito presente nas demonstrações culturais e artísticas dos haitianos.

Apenas 62% dos mais de dez milhões de haitianos são alfabetizados e mais de 58% estão na faixa de subnutrição. Em 2001, 53% das pessoas ganhava menos de um dólar por dia. O número de computadores é de 0,19 para cada 100 habitantes. Para se ter uma ideia no Brasil o número de computadores é de 16 para cada 100 e nos Estados Unidos é de 76 para cada 100 habitantes. A mortalidade infantil é de sessenta para cada mil nascimentos. Viver no Haiti nunca foi uma tarefa muito fácil e como veremos adiante, pode ficar ainda pior.

### 3.1 O trabalho brasileiro no Haiti

Nos últimos 20 anos o povo do Haiti, que já sofre com graves dificuldades econômicas e sociais, vem sendo vítima de problemas políticos como ditadura, golpe militar, violência, repressão, denúncias de corrupção. Para tentar pacificar o país e auxiliar no seu desenvolvimento, a ONU nomeou o Brasil como chefe de missão de paz

- A Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah). É a primeira vez que o Exército brasileiro chefia uma missão da ONU.

Desde 2004, ano do início da missão, mais de sete mil militares brasileiros já passaram pelo país. Neste ano o então presidente, Jean Bertrand Aristide, que foi o primeiro presidente eleito democraticamente na história do país (em 1990) sofreu um golpe quatro anos após ter retornado ao governo pela segunda vez. Em 2004, Aristide, que é ex-padre da igreja católica, foi retirado do Haiti contra a sua vontade por tropas dos Estados Unidos e exilado na África do Sul, após uma tentativa de golpe. O país que já sofria com graves problemas virou um caos, em estado de guerra civil, com a ação de diversos grupos armados. Para tentar restabelecer a ordem e auxiliar o desenvolvimento do país a ONU instaurou uma missão no território haitiano com o objetivo de pacificar o Haiti. O Exército brasileiro foi declarado chefe das tropas das Nações Unidas que contam com militares de mais de vinte países.

O Brasil, além de militares levou a seleção brasileira de futebol para realizar um jogo da paz na capital, Porto Príncipe. A missão não é apenas de caráter militar, os brasileiros ajudam na construção de escolas e obras de infra estrutura, levam água a locais onde ela não chega, retiram o lixo que bloqueia as estradas. O objetivo dos mais de mil e trezentos militares, que o Brasil mantém desde o início da missão no Haiti, é colaborar na reconstrução física e institucional do país, contribuindo nas áreas de segurança, engenharia e saúde. Estabelecer o respeito aos direitos humanos e organizar um processo eleitoral democrático também são atribuições dos militares. Combater gangues, rebeldes e grupos armados que mantêm conflitos permanentes e atormentam a população é um dos maiores desafios da missão.

Em 2006, o presidente René Garcia Préval foi eleito, com auxílio da missão das Nações Unidas garantindo a segurança do processo. Além de militares de diversos países a missão conta com voluntários e policiais. Os brasileiros conquistaram a simpatia e o carinho do povo local. Através de reportagens e depoimentos de quem integrou a missão percebe-se que os brasileiros representavam a esperança de dias melhores para os haitianos. Até o ano de 2010 tropas internacionais permaneciam trabalhando no Haiti, o país alcançava a estabilização política, a incerteza e sensação de insegurança da população diminuíram muito. A luta pela justiça social permanecia difícil, a maior parte do povo haitiano está desempregada ou trabalha em subempregos.

Entretanto, os problemas sociais estavam sendo, ainda que muito lentamente, amenizados. Até que no dia doze de janeiro de 2010, a natureza resolveu colocar mais obstáculos nesta história.

### 3.2 O terremoto de 12 de janeiro de 2010

O dia 12 de janeiro de 2010 ficará marcado para sempre na história do Haiti. Foi neste dia que o país, já paupérrimo, foi devastado por um terremoto de 7.3 graus na escala Richter. O tremor de terra deixou à deriva as esperanças de um país e um povo que, aos poucos, tentava se levantar de décadas de sofrimento e atraso. A capital Porto Príncipe, maior cidade do país, foi a área mais atingida. O Palácio Nacional, sede do governo, e prédios de ministérios, escolas, hospitais e as residências da população subitamente transformaram-se em escombros e pó. Com a força de trinta bombas atômicas o tremor não podia acontecer em lugar pior: atingiu o centro de uma nação que ainda aprendia a se desenvolver.

O terremoto também foi sentido na República Dominicana, país vizinho ao Haiti. O tremor foi o maior desastre natural ocorrido em duzentos anos de história do país. O Haiti já estava acostumado a sofrer com os furacões, mas nunca havia presenciado tamanha destruição. A catástrofe deixou os haitianos totalmente isolados, sem comunicação nenhuma – nenhum telefone, nem internet ou outro meio de comunicação funcionaram após o terremoto. Com estradas inacessíveis e sem sinalização o já caótico trânsito haitiano parou por completo, o único meio de vencer os destroços é caminhar. Apenas no dia após a tragédia alguns serviços de telefonia começaram a operar precariamente. O mundo rapidamente tomou conhecimento do desastre ocorrido no país caribenho e muitos planos de ajuda humanitária começaram a ser organizados por diversos países. Demonstrações de solidariedade as incontáveis vítimas e ao país, totalmente arrasado, brotaram em todas as partes do mundo.

O terremoto de 10 segundos foi suficiente para matar milhares de pessoas. Estimativas lançadas logo após o abalo anunciavam de 30 a 50 mil mortos, com o passar do tempo esse número não parou de aumentar. Militares brasileiros, que serviam à missão de paz da ONU, também foram vítimas fatais da tragédia. O Brasil chorou

ainda a perda de Zilda Arns, de 75 anos, médica fundadora da Pastoral da Criança, que no momento do terremoto estava no Haiti para levar o seu nobre trabalho ao país - combater a mortalidade e a subnutrição infantil. O trabalho de Zilda incluía apoio às gestantes, controle de doenças e prevenção, remédios caseiros, projetos de geração de renda e alfabetização de adultos – muito do que o povo haitiano precisava para vencer suas dificuldades. Zilda foi, por três vezes seguidas, indicada ao prêmio Nobel da Paz e morreu como uma mártir. Dentre os militares brasileiros vitimados no Haiti, alguns já preparavam o retorno para o Brasil que seria feito na semana posterior ao acontecimento do abalo.

Logo após o primeiro tremor de terra, foram sentidos mais duas oscilações com intensidade de cinco pontos na escala Richter. Em função da posição geográfica, os terremotos são frequentes no Haiti, mas a grande maioria dos tremores não é sequer percebida por seus habitantes, devido à baixa intensidade.

Aviões com alimentos, água potável e medicamentos chegaram ao Haiti durante os dias que se sucederam ao terremoto, vindos de diversos países. O Brasil, que já realizava trabalho de auxílio ao país, foi uma das nações que mais contribuiu na ajuda às vítimas. Mas a estabilização e a pacificação que as tropas da ONU conseguiram, após um trabalho de seis anos, estabelecer na região foram totalmente esquecidas. A luta pela sobrevivência e a total falta de qualquer recurso, levou o país de volta ao caos. Saques ao raro comércio que restou, luta por um pouco de alimento, água, por atendimento médico transformaram o país em uma terra sem lei.

A maior parte da população vivia em favelas, habitando residências de estrutura frágil. Por isso, a imensa maioria delas perdeu sua moradia. Relatos da imprensa enviada à capital Porto Príncipe, foco da tragédia, informaram que multidões de haitianos vagavam nas ruas, em meio aos escombros, sem ter o que fazer ou para onde ir. Nem ao menos se tinha um local para enterrar os mortos que também permaneciam soterrados ou expostos nas ruas fazendo com que o cheiro carne em decomposição tomasse conta do local. Cenas de barbárie como saques e tiroteios eram frequentes, na tragédia sobrevivem os mais fortes. O presídio central de Porto Príncipe desmoronou, resultando na fuga de diversos presos.

Equipes de emergência, médicos, bombeiros especialistas em resgates, aparelho de emergência, policiais e muito dinheiro para auxiliar na reconstrução além de

alimento e água chegaram ao Haiti, vindos das mais diversas nações. Voluntários do mundo inteiro se solidarizaram e seguiram de forma independente para o país para ajudar no trabalho de ajuda as vítimas. A solidariedade do mundo foi proporcional ao tamanho da tragédia.

A imprensa de todos os continentes esteve presente através de jornalistas e enviados especiais que contaram à população mundial o drama haitiano. Segundo eles, nada parecia amenizar o sofrimento do povo local. Os jornalistas, totalmente envolvidos pela situação, muitas vezes, ajudaram no resgate das vítimas. A imprensa local foi dizimada junto com o resto das instituições do país. As notícias sobre o terremoto foram todas originadas de jornalistas estrangeiros.

Relatos da jornalista Lilia Telles, enviada ao Haiti, em entrevista ao *Jornal da ABI* (Associação Brasileira de Imprensa) demonstram o drama vivido pelos jornalistas na cobertura do terremoto: em dado momento Lilia Telles teve que escolher entre acompanhar o resgate de uma vítima que ela tinha encontrado sob os escombros ou seguir para o local onde eram feitas as gravações para a televisão que segundo a repórter era muito longe e de difícil acesso. Na mesma entrevista, Lilia Teles compara a cobertura do desastre que abateu o Haiti a uma cobertura de guerra (TELLES, 2010).

Totalizando 250 mil mortos e mais de 1.5 milhão de pessoas afetadas, o governo haitiano afirma que 15% da população do país foi vítima da tragédia. Cerca de 500 mil pessoas ficaram desabrigadas apenas na capital, e passaram a viver em acampamentos improvisados em meio a corpos em decomposição, sem comida, água ou medicamentos. A violência que tomou conta das ruas e a situação caótica de Porto Príncipe provocou o êxodo de milhares de sobreviventes para o interior do país ou países estrangeiros. Ir embora foi a solução encontrada por muitos daqueles que perderam o pouco que tinham. Estima-se que os danos totais tenham alcançado US\$7,8 bilhões, R\$13 bilhões, valor correspondente a mais de 120% do PIB do país em 2009. Dados comparáveis, senão piores, aos de uma guerra.

Quase três meses após o início da campanha de apoio financeiro às vítimas do terremoto do Haiti, a Caixa Econômica Federal (CEF) já recebeu cerca de R\$ 3,6 milhões em doações de brasileiros. O governo brasileiro e os cidadãos brasileiros nunca ajudaram tanto um país como ajudaram e, ainda ajudam, o Haiti. A cobertura da



imprensa tem grande papel nesse resultado, pela visibilidade que concedeu aos haitianos.

Hoje, alguns meses depois do terremoto, a ONU afirma que o Haiti retrocedeu dez anos em sua luta contra a pobreza. A porcentagem de haitianos que vive em estado de extrema pobreza e miséria após o tremor de terra, alcançou 71%. Taxa similar a registrada há quase uma década. O trabalho de reconstrução é lento, a situação do povo ainda é precária. A grande maioria vive em alojamentos nas praças da cidade. O Haiti foi esquecido pela imprensa, que pouco ou nada fala sobre o assunto após alguns meses passados da tragédia. A construção e consolidação do Haiti como uma nação beiravam os duzentos anos e ainda não estavam concluídas. Abatido por tal tragédia, o país tenta lentamente se reconstruir com e se recuperar das perdas. A tarefa é longa e difícil: reconstruir um país desde os alicerces. Em silêncio e sem figurar nas primeiras páginas dos jornais, o trabalho dos haitianos continua.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo é um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação dos fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa. Neste trabalho adotaremos a concepção de Wilson Correa da Fonseca Júnior sobre o tema. Esse método tem demonstrado grande capacidade de adaptação aos desafios da comunicação atual. Os primeiros registros de uso da análise de conteúdo datam do século XVIII, quando a corte suíça analisou uma coleção de noventa hinos religiosos anônimos, com o objetivo de encontrar ideias nocivas.

Entretanto, a adoção deste método em pesquisas só veio ocorrer de forma usual no início do século XX, sendo utilizado em diversas áreas de conhecimento. Aplicado às ciências políticas, a análise de conteúdo das propagandas nazistas permitiu que armas secretas alemãs fossem descobertas. Na literatura, permitiu definir os traços característicos do estilo de cada autor. No campo dos fenômenos comunicacionais, o método permitiu a comparação das posturas adotadas por diferentes jornais em período eleitoral (KIENZ,1973).

Conforme Fonseca Jr., embora a análise de conteúdo possa ser aplicada a diversos segmentos do conhecimento, seu valor como método de pesquisa já oscilou entre período de grande reconhecimento – como na Segunda Guerra Mundial – e desqualificação, principalmente na década de 1970, entre pesquisadores marxistas. Para estes pesquisadores, a origem positivista do método não permite o estabelecimento de uma aproximação crítica e ideológica suficiente dos meios de comunicação de massa. Com o surgimento e a popularização da internet, nos anos 1990, o acesso aos arquivos de jornais, rádio e televisão ficou muito mais acessível, fazendo com que o interesse pelas técnicas de análise de conteúdo, principalmente as elaboradas através do computador, despertasse novamente o empenho dos pesquisadores.

A origem positivista pode ser facilmente constatada na definição clássica do método análise de conteúdo, de Bernard Berelson, que institui como : “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.” (BERESOL *apud* FONSECA JUNIOR, 2006, p.282). Tal descrição vai

ao encontro dos ideais positivistas, formulados por Augusto Comte, de valorização das ciências exatas. Segundo o positivismo até mesmo a vida social deve ser analisada de forma rígida, linear e metódica, baseada em dados verificáveis. Esse método se consolidou nos Estados Unidos, na primeira metade do século XX, como uma oposição a análise de texto, método vigente, mas considerado excessivamente subjetivo. Em 1950, o número de estudos que utilizavam análise de conteúdo já ultrapassava os cem por ano.

Os trabalhos iniciais em análise de conteúdo surgiram impulsionados pelo crescimento do jornalismo sensacionalista americano. Este fenômeno foi o alvo de análise das escolas de jornalismo daquele país que adotaram o exame quantitativo dos periódicos como critério de objetividade científica. Através da medida do tamanho dos títulos, dos artigos, do posicionamento das matérias na página, tais escolas apontavam o grau de sensacionalismo dos textos produzidos pela imprensa. O método foi adotado também em trabalhos europeus, principalmente na França, e latino-americanos. Na América Latina a difusão ampla da análise de conteúdo é atribuída ao Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para América Latina (Ciespal), através da introdução dos estudos de jornalismo comparado.

Segundo Fonseca Jr, inspirados pelos trabalhos de análise de conteúdo aplicados a comunicação de massa, diversos outros tipos de conhecimento passaram a incluir este método em suas técnicas de pesquisa. Na comunicação, até a década de 1950, a atenção dos pesquisadores permaneceu voltada para a opinião pública e à propaganda política, tendo o método análise de conteúdo alcançado seu ápice durante a Segunda Guerra Mundial, com pesquisas patrocinadas pelo governo americano para revelar propaganda subversiva nazista. Passado este período o método entrou em crise, mas apesar da descrença, a análise de conteúdo já havia conquistado vantagens se comparada à análise quantitativa dos jornais, como cita Fonseca Jr: incorporação de marcos teóricos e adesão de cientistas sociais importantes; definição de conceitos específicos como estereótipo, estilo, valor, propaganda; aplicação de ferramentas estatísticas precisas e a incorporação de dados oriundos da análise de conteúdo em trabalhos de maior envergadura.

A crise serviu para que o método incorporasse novas contribuições. O aspecto excessivamente quantitativo que levava apenas descrição foi substituído pela inferência que pode ser baseada ou não em indicadores quantitativos. Para a análise de conteúdo a

inferência é, como relata Fonseca Jr, considerada uma operação lógica que tem por objetivo extrair conhecimentos sobre aspectos ocultos ou subentendidos da mensagem analisada. Através da análise o pesquisador pode deduzir de maneira lógica, ou seja, inferir informações sobre o emissor ou o destinatário da mensagem. Ao voltar-se para os aspectos indiretos ou subjacentes das mensagens, o uso da inferência contribui para diminuir a influência do positivismo na análise de conteúdo. Temos então uma nova definição do método análise de conteúdo elaborada por Krippendorff: “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que podem se aplicar a seu contexto” (KRIPPENDORFF *apud* FONSECA JUNIOR, 2006, p.284)

Atualmente, a análise de conteúdo é uma técnica que oscila entre a análise voltada para a parte quantitativa e a análise qualitativa, de acordo com os objetivos e os interesses do pesquisador. Mesmo que a inferência e seu caráter qualitativo tenham adquirido a adesão dos pesquisadores, a importância dos números não diminuiu. A introdução do computador na análise de conteúdo, com programas de informática específicos, é um dos fatores que indicam o interesse que a análise quantitativa segue despertando. Ocorre também a junção da análise de conteúdo com outras técnicas de investigação, de acordo com os objetivos do trabalho.

O primeiro manual sobre análise de conteúdo foi elaborado por Berelson e Lazarsfeld em 1948. Esta publicação, que traz os fundamentos conceituais do método já passou por diversas revisões. Apesar da diversidade de abordagens, Fonseca Jr. (2006) afirma que é possível construir um referencial básico sobre os principais fundamentos da análise de conteúdo. A seguir vamos expor estes conceitos.

Com relação ao perfil, o método da análise de conteúdo trata da análise de mensagens, assim como a análise de discurso e a análise semiológica. Entretanto a análise de conteúdo diferencia-se das demais porque cumpre os requisitos de sistematicidade e confiabilidade. O primeiro requisito, sistematicidade, se traduz em um conjunto de procedimentos que podem ser aplicáveis a todo o conteúdo da análise. O segundo, confiabilidade, significa que o método permite que pesquisadores diferentes, aplicando separadamente categorias iguais às mesmas mensagens, possam chegar às mesmas conclusões.

Na visão de Krippendorf (*apud* FONSECA JUNIOR., 2006, p. 286) a análise de conteúdo atual possui três características fundamentais: orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva; transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema; metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados. A análise de conteúdo é mais aplicada a mensagens escritas ou impressas. As pesquisas com mensagens sonoras ou audiovisuais ainda são pouco expressivas.

Ainda segundo Krippendorf (*apud* FONSECA JUNIOR., 2006, p. 287-288) a análise de conteúdo deve considerar alguns referenciais. O primeiro deles são os dados. Os dados são os elementos básicos, primários da análise de conteúdo e formam a superfície que o pesquisador deve penetrar. Portanto, é preciso deixar claro que dados estão sendo analisados, como eles foram definidos e de qual população foram extraídos. O segundo ponto a ser considerado é o contexto dos dados. Os discursos são construídos dentro de um contexto, por isso os dados não podem ser analisados isoladamente. É importante deixar claro o contexto dos dados, que precisa ser definido de acordo com convenções e problemas práticos de cada área do conhecimento. Uma mensagem pode ser interpretada de formas diferentes sob o enfoque da psicologia, sociologia ou política, por exemplo.

O conhecimento do pesquisador também influencia seu texto, construindo um contexto dentro do qual serão realizadas suas inferências. Deste modo, é relevante que o pesquisador mencione os pressupostos formulados por ele sobre a relação dos dados e seu contexto. Quanto ao objetivo, toda análise de conteúdo deve enunciar claramente a sua finalidade ou o objetivos de suas inferências. O objetivo do trabalho deve ser definido antes da pesquisa ser iniciada para que se possa fazer a escolha adequada do material a ser analisado.

A tarefa primordial de toda análise de conteúdo é relacionar os dados obtidos com aspectos de seu contexto, produzindo inferências sobre determinada realidade estudada. Embora a análise de conteúdo exista em função da falta de provas diretas sobre os fatos analisados, que são objeto de inferências do pesquisador, é necessário que se estabeleça critérios para a validação e confiabilidade dos resultados, para que outras pessoas possam comprovar se os resultados são realmente exatos.

## 4.2 As etapas de pesquisa

O método análise de conteúdo é resultante do apoio de diversos autores. A pesquisadora Laurence Bardin (*apud* FONSECA JUNIOR, 2006, p. 288-303) definiu cinco etapas para a aplicação do método: organização da análise, codificação, categorização, inferência e tratamento informático.

Na fase de organização da análise, temos definidas as três etapas cronológicas do trabalho. Na pré-análise acontece o planejamento geral da pesquisa, relacionando as ideias iniciais com o desenvolvimento das demais operações de análise. Na fase de posterior, exploração do material, temos a análise propriamente dita, com processos de codificação baseados em regras anteriormente definidas. Na última etapa cronológica temos o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, que nada mais é do que interpretar os resultados brutos da análise fazendo com que se tornem significativos e válidos.

Das três fases a etapa de pré-análise é considerada a mais importante, pois é a que serve de base para as etapas seguintes. Uma pesquisa mal formulada no início, na etapa de organização e pré-análise, pode se tornar impraticável. A pré-análise engloba a escolha de documentos a serem analisados, a formulação de hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem os argumentos utilizados na etapa de interpretação.

É na etapa de pré análise que o pesquisador deve definir seu objetivo de pesquisa, que é o ponto de partida do trabalho. Toda pesquisa nasce do desejo de compreensão do pesquisador de algum aspecto da realidade de acordo com algum método científico que pode ser análise de conteúdo ou outro. Conforme o objetivo da pesquisa será escolhido o método de análise, que são instrumentos de que se valem os pesquisadores para obter os resultados de seu trabalho. Na prática muitos autores fazem o caminho inverso, iniciam com os dados disponíveis para depois definir o objetivo de suas pesquisas.

Segundo Bardin (*apud* FONSECA JUNIOR, 2006, p. 290) o primeiro procedimento da análise deve ser a **leitura flutuante**. A leitura flutuante permitirá que o analista entre em contato com os documentos a serem analisados, conhecendo o texto e

atentando para as suas impressões e orientações. Este processo permitirá a formulação do problema de pesquisa, a definição de objetivos do trabalho e a escolha do referencial teórico. Definições equivocadas nesta etapa podem comprometer o andamento do trabalho inteiro ou obrigar o pesquisador a efetuar reformulações.

O próximo passo, após a leitura flutuante, é a constituição do *corpus*. O *corpus* é a definição do conjunto de documentos a serem submetidos à análise. Para demarcação do corpus do trabalho, o analista deve seguir algumas regras. A **regra da exaustividade** estabelece que todos os documentos relativos ao assunto pesquisado, no período escolhido, devem ser considerados. A **regra da representatividade**, tem relação com a primeira e é utilizada quando o número de elementos ou documentos de interesse da pesquisa é tão grande que é necessário definir uma amostra. Nestes casos a questão central gira em torno da definição do tamanho da amostra. Para uma amostragem rigorosa é preciso que a amostra contenha uma parte representativa do todo. De acordo com os recursos financeiros, humanos e a disponibilidade de tempo o pesquisador poderá definir uma amostra maior ou menor.

É importante ressaltar que as decisões sobre a constituição do *corpus* também condicionam a ênfase da pesquisa (análise qualitativa ou quantitativa). Se o analista optar por analisar uma quantidade de material muito grande, terá que adotar procedimentos estatísticos para obter uma visão de conjunto, optando pela análise quantitativa. Neste caso ganha-se em abrangência, mas perde-se em profundidade. Para amostras menores, pode adotar a análise qualitativa que aprofunda o conteúdo, mas perde em abrangência.

A **regra da homogeneidade** define que os documentos obtidos devem ser de mesma natureza, mesmo gênero ou se reportarem ao mesmo assunto. O *corpus* não pode incluir, ao mesmo tempo, filmes, anúncios e notícias, por exemplo. Além disso, deve-se respeitar as subdivisões que documento de mesma natureza abarcam. Dentro do gênero jornalístico encontramos notícia, reportagem, artigos, editoriais, ente outros, portanto devem existir também estes critérios de definição dentro do trabalho de pesquisa.

A última regra a se observar, a **regra da pertinência**, propõe que os documentos devem ser adequados aos objetivos da pesquisa: objeto de estudo, período de análise e procedimentos. De outra forma não produzirão resultados confiáveis e válidos.

Outra etapa de grande importância no trabalho de pesquisa é a **codificação**. A codificação é o processo de transformação dos dados brutos de forma sistemática e ordenada, segundo regras de enumeração, agregação e classificação, visando esclarecer o analista sobre as características do material selecionado. A codificação deve servir de elo entre o material pesquisado e a teoria do pesquisador. Para efetuar com êxito esta etapa é necessário que o autor tenha desenvolvido uma boa pré-análise, com a definição do tema a ser pesquisado, e escolha de um referencial teórico, a formulação de hipóteses e objetivos e a escolha do corpus. A codificação compreende três fases: o recorte – onde é realizada a escolha das unidades de registro e de contexto; a enumeração – onde são definidas as regras de enumeração; e a classificação e agregação – escolha de categorias.

As **unidades de registro** são partes de uma unidade de amostragem que deve ser definida na etapa anterior – constituição do *corpus*. As unidades de registro podem apresentar diversas formas de acordo com a natureza dos documentos da pesquisa: podem ser palavras-chave de um discurso, personagens de um filme, reportagens de um jornal ou revista, anúncios de determinado meio de comunicação e etc. Já as **unidades de contexto** servem para que as unidades de registro possam ser compreendidas corretamente. Não se pode analisar as unidades de registro separadamente, isoladas de um contexto. O contexto influencia na compreensão de seu verdadeiro sentido.

Na fase seguinte, são definidas as **regras de enumeração**. Estas regras referem-se ao modo de quantificação das unidades de registro a ser adotado no trabalho, esta quantificação levará ao estabelecimento de índices.

O processo de codificação propriamente dito pode ser feito com papel e lápis ou através do uso do computador. Com papel e lápis o codificador registra os dados em folhas de codificação que depois de prontas são juntadas. Os registros são lançados no computador visando à análise de dados.

Terminada a codificação o trabalho segue para a **categorização**. A categorização é a classificação e reagrupamento das unidades de registro em um número reduzido de categorias, objetivando tornar compreensível a massa de dados. Os critérios de categorização podem ser semânticos (categorias temáticas), sintáticos (verbos, adjetivos), léxicos (classificação das palavras segundo seu sentido) e expressivos (categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem). A categorização



ainda envolve duas fases: o inventário e a classificação. O inventário consiste em isolar os elementos, já a classificação consiste em dividir os elementos, reunindo-os em grupos afins, de forma a impor organização às mensagens. A categorização também obedece a certos conceitos como: cada elemento só pode ser incluído em uma categoria, a categoria deve ser formada por elementos da mesma natureza, os procedimentos de classificação devem ser objetivos e um conjunto de categorias deve ser capaz de fornecer resultados, sejam eles inferências ou novas hipóteses.

Finalmente, depois de todo o processo descrito, a pesquisa chega à etapa da **inferência**. Este é o momento mais produtivo da análise de conteúdo, pois está centrado nos aspectos ocultos da mensagem analisada. É onde o analista revela o que sua análise foi capaz de evidenciar. Na comunicação este método é utilizado para demonstrar “[...] as variáveis psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação da comunicação ou do contexto de produção da mensagem” (BARDIN *apud* FONSECA JUNIOR, 2006, p. 299). Desta forma, a análise de conteúdo fará a articulação entre o texto no sentido amplo e os fatores que determinam suas características.

Existem diversos processos e variáveis de inferências que podem ser agrupados em duas modalidades: específicas e gerais. Inferências específicas estão vinculadas à situação específica do problema investigado. Inferências gerais extrapolam a situação específica do problema analisado.

Desde 1950, a análise de conteúdo ganhou uma ferramenta importante: o computador. O desenvolvimento de programas (*softwares*) específicos para processamento de dados deu ao método um impulso muito grande. Sua utilização divide-se em três áreas: análises estatísticas – em que os dados são classificados, organizados, transformados e descritos por índices numéricos; auxílio nos estudos e descobertas – estabelece um panorama geral sobre o conteúdo de uma grande quantidade de material textual; análise de conteúdo por computador – com objetivo de representar algum aspecto do contexto social dos dados, ou seja, realizar inferências.

### 4.3 Apropriação do método

Ao longo deste trabalho, realizamos a conceituação de vários elementos do jornalismo, enfatizando a reportagem. Acreditamos ser a reportagem gênero do jornalismo que mais supre as funções a que um jornalista se propõe: informar com qualidade, realizar uma apuração rigorosa e contribuir para esclarecer o leitor acerca de diversos aspectos da realidade. Para entender como o jornalismo está lidando com estas atribuições iremos analisar a cobertura jornalística dada ao terremoto do Haiti pelas revistas *Veja* e *Época*.

Escolhemos o terremoto por ser um fato de proporções mundiais que ganhou muita visibilidade especialmente aqui, no Brasil. E por acreditar que é em momentos assim, de tragédia, que o jornalismo deve mostrar o seu valor. É neste momento que os jornalistas devem cumprir suas funções mais nobres e mais simples: prestar um testemunho dos fatos. Desvendar a forma como isso foi feito e se foi, de fato, bem feito, que aspectos foram mais valorizados em detrimento de outros é o nosso desafio neste trabalho.

A escolha das revistas foi motivada pelo destaque que deram ao fato, realizando uma cobertura no local do acontecimento. São duas revistas semanais de grande circulação em todo o país e que atuam há bastante tempo no mercado de imprensa brasileiro. Optamos por revistas por acreditar que elas trazem reportagens de mais qualidade do que as realizadas na cobertura feita pelos jornais diários, que tende a ser mais noticiosa e superficial.

Portanto, utilizaremos a análise de conteúdo como método de trabalho. Elencaremos categorias temáticas e teremos como *corpus* de análise todas as matérias publicadas sobre o Haiti nas edições da revista *Veja* de 20 e 27 de janeiro de 2010, e as publicadas na revista *Época* de 18 e 25 de janeiro de 2010. Nossa análise será qualitativa. As categorias escolhidas se dividirão em dois segmentos: categorias referentes às técnicas de reportagem e categorias referentes ao texto. As categorias que dizem respeito às técnicas de reportagem serão: **narrativa** (como aparece a figura do narrador, relato, perfil, descrição, explicação, argumentação, detalhamento, dramaticidade), **as fontes** (oficiais, testemunhas, *experts*), **os métodos de apuração**

(observação, entrevista, pesquisa), **o papel do repórter** (suas impressões, seu posicionamento, seu trabalho mais distanciado ou participativo).

As categorias que dizem respeito ao texto foram eleitas através da *leitura flutuante* e representam os elementos mais importantes nas reportagens que, em nossa opinião, merecem destaque porque ilustram de maneira clara o que foi a cobertura da tragédia, são elas: **o país e o povo, as vítimas brasileiras, a ajuda humanitária e o trabalho de reconstrução**. Através do referencial teórico construído no capítulo 2, procuraremos inferências sobre como o jornalismo impresso agiu na cobertura desta tragédia, a maior de todas, de que forma a cobertura foi realizada. Enfatizar o drama humano ou os aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais. Incentivar a solidariedade ou fazer sensacionalismo com a tragédia, informar com distanciamento ou elaborar um relato mais pessoal da situação, como realizar o trabalho de reportagem em condições tão adversas, são sobre estes aspectos que procuraremos nos debruçar através da análise das reportagens relacionadas a tragédia das revistas *Veja* e *Época*.

## 5 ANÁLISE

Retomando o que foi dito na introdução, identificar a forma como foi realizada a cobertura do terremoto do Haiti pelas revistas *Veja* e *Época* é o problema de pesquisa deste trabalho. O objetivo é descobrir que características de cobertura têm sido apresentadas pelas coberturas de momentos trágicos, justamente quando o jornalismo é tão necessário. Através da análise do trabalho do repórter, dos métodos de apuração utilizados na produção das reportagens, do tipo de narrativa, das fontes e da análise das categorias de texto queremos chegar às **características da cobertura**. Portanto, após o término da análise das reportagens da revista *Veja*, apresentaremos as características gerais de cobertura com a retomada dos pontos principais de cada matéria analisada e a análise da cobertura de uma forma total. A mesma coisa será feita com relação à cobertura da revista *Época*.

As matérias serão analisadas de forma conjunta e não através de tópicos, por acreditarmos que assim visualizamos melhor a análise da matéria como um todo, com todos os elementos que a compõem se complementando e não sendo vistos isoladamente. As categorias temáticas suas subdivisões serão marcadas em negrito para facilitar a visualização.

### 5.1 Revista *Veja*

A partir de agora seguiremos para a análise das reportagens publicadas pela *Veja*, atentando para as técnicas jornalísticas de produção das matérias e para as características do texto. Serão analisadas todas as matérias publicadas nas edições 2148 e 2149 a respeito do terremoto do Haiti . Será considerado para efeitos de análise apenas o texto principal de cada reportagem, caixas especiais de texto e outros elementos não serão objetos de análise.

### 5.1.1 *O dia em que o mundo acabou* (Veja, ed.2148, jan.2010)

O texto da reportagem começa com a **narrativa** do repórter que **descreve** o momento do terremoto como a hora em que o mundo acabou no Haiti e ressalta que o pior é que por algum tempo os mortos viveram.

Quando o mundo acabou no Haiti, às 4 e 53 da tarde de terça-feira, o mais terrível foi que, por algum tempo, os mortos viveram. Com a força infernal de trinta bombas atômicas, o terremoto aconteceu no pior lugar possível. Seu coração de terrível poder, o epicentro, praticamente coincidiu com as ruas e encostas esqueléticas de Porto Príncipe, a capital. Pouca coisa resistiu. Os casebres, os prediozinhos precários, os escassos edifícios imponentes. O topo da catedral, com suas duas torres, desapareceu. O arcebispo morreu. O congresso ruiu, com o presidente do Senado lá dentro. Hospitais, escolas, hotéis. Uma universidade inteira tragou 1000 viventes. (p.65)

Neste trecho podemos notar que algumas comparações são usadas. Quando o repórter afirma que o terremoto teve a força de trinta bombas atômicas, ele usa a comparação para nos dar uma dimensão da tragédia. Quando diz que o terremoto aconteceu no pior lugar possível, já dá indiretamente ao leitor uma apresentação do **país** como um local sem infra estrutura, sem preparo técnico, sem recursos humanos e econômicos para arcar com tantos prejuízos. A **descrição** do local reforça essa visão através dos termos: ruas e encostas esqueléticas, casebres, prediozinhos precários, escassos edifícios imponentes. As sentenças curtas, com uma ideia por frase dão a impressão de que os acontecimentos ocorreram em sequência e dão ritmo ao texto.

O texto segue passando ao leitor uma **descrição** que tenta abarcar um pouco de tudo que resultou da tragédia que abateu o Haiti, configurando um panorama geral, onde são citados vários acontecimentos, mas nenhum é tratado de forma mais detalhada.

No palácio presidencial, em pomposo estilo francês, foi como se uma foice gigante tivesse ceifado o prédio na horizontal, e ele se acomodasse alguns metros mais abaixo. “Estou andando sobre corpos”, disse Elizabeth Préval, a mulher do presidente, depois de escapar do choque mortífero que tudo engolfou. Zilda Arns, uma campeã da humanidade na luta para salvar crianças da desnutrição, não conseguiu escapar, da mesma forma que quase duas dezenas de militares brasileiros da força da ONU no Haiti. O prédio de cinco andares ocupados pelos funcionários da ONU também veio abaixo, com mais de 200 pessoas dentro, entre as quais o segundo no comando, o carioca Luiz Carlos da Costa. (p.65)

Neste trecho a **descrição** prossegue, tentando contabilizar os prejuízos e a destruição. Aparece a primeira **fonte** utilizada pela matéria: a primeira-dama haitiana. As **vítimas brasileiras** são citadas, com destaque para a criadora da Pastoral da

Criança, Zilda Arns. As comparações continuam como quando o repórter compara o abalo sofrido pelo palácio presidencial a uma foice gigante e quando usa a expressão “choque mortífero” para se referir ao terremoto.

No seguimento da matéria o repórter tenta estimar um número de mortos, mas em seguida diz que é um risco calcular. E usa a informação de uma fonte como resposta para confirmar seu discurso.

Quantos morreram? Talvez 50 000. Ou 100 000. Quem se arriscaria a calcular? “Inimaginável”, definiu René Preval, o presidente sem teto – perdeu o palácio e a residência particular -, abrindo os braços, no meio da rua, perplexo. (p.65-69)

Neste trecho notamos que as frases em forma de perguntas, transmitem a ideia de que são pensamentos do repórter. Como se ele estivesse se perguntando e tentando descobrir o número de vítimas de tal tragédia. O uso de outra **fonte oficial**, o presidente do Haiti, René Preval, responde as indagações que o repórter faz: “Inimaginável”. Ou seja, não há como afirmar, dado o tamanho do desastre. A caracterização do presidente como sem teto contribui para aproximá-lo da população que passa pelo mesmo problema e mais uma vez reforça a ênfase em demonstrar a dimensão da destruição causada pelo terremoto. Permite ao leitor pensar que nem as autoridades foram poupadas pelo tremor de terra, prova é que o presidente perdeu o palácio presidencial e sua residência particular. O exercício de **observação** do repórter pode ser percebido quando ele fornece detalhes da postura do presidente, no trecho “abrindo os braços, no meio da rua, perplexo” – isto contribui para **humanizar o relato** e ilustrar o desespero de toda a população.

No seguimento da reportagem o repórter descreve cenas que presenciou e através da **observação participante** fornece ao leitor um **relato** bastante **impressionista** da situação.

Os vivos vagavam como almas penadas, sem ter casa pra onde voltar ou, tendo, sem coragem para entrar nela. Os que iam morrer pediam um socorro que não vinha. Na primeira noite os gritos eram muitos, constantes, lancinantes. Aos poucos foram diminuindo. “Hoje, quinta-feira, não escuto mais ninguém”, disse a VEJA o coordenador de uma entidade assistencial, Jean Claude Figrole. “Os escombros ficaram em silêncio. Os que continuam vivos estão muito fracos para gritar. Alguns ainda estão com os celulares acesos.” (p.69)

O texto contendo as **impressões do repórter** transmite ao leitor o estado em que o país estava, a descrição das situações permite que possamos imaginar claramente as cenas e desperta um sentimento de piedade ou solidariedade com o drama vivido pelos haitianos. O uso de mais uma **fonte**, desta vez o coordenador de uma entidade assistencial é usado para ratificar o que afirmou o repórter. Sua última declaração, sobre os celulares é usada de gancho pelo repórter para mudar um pouco o enfoque da matéria.

Prosseguindo seu texto, o repórter fala sobre a total falta de comunicação que o terremoto causou, apenas alguns celulares continuaram funcionando. E de como alguns sobreviventes conseguiram transmitir pela internet, através do site Twitter, relatos sobre o caos que tomava conta do Haiti após o terremoto. O repórter descreve os relatos como doses dramáticas de concisão. Embora não seja explicado na matéria, o twitter permite que o usuário escreva frases com no máximo 140 caracteres por isso a expressão doses dramáticas de concisão. O repórter exemplifica o drama dos haitianos contado por eles mesmos com algumas frases que foram mandadas através do twitter.

Após isso a reportagem passa para outro eixo: a luta para salvar os que ficaram sob os escombros. Através, mais uma vez, da **observação participante** o repórter constrói sua narrativa, como um **narrador em terceira pessoa**.

Os sobreviventes só tinham as mãos nuas para tentar ajudar os soterrados. Se conseguiam arrancá-los aos escombros, não tinham como transportá-los – as ruas estavam obstruídas por destroços e carros abandonados na hora do pânico. Se os transportassem não tinham como socorrê-los: os hospitais estavam em ruínas. Se obtivessem, enfim algum socorro, faltava tudo. Feridos se alternavam com os que já haviam chegado mortos às poucas e precárias clínicas ainda abertas. Em frente ao necrotério, em total colapso, a mais dantesca das cenas: sobreviventes caminhavam na ponta dos pés, equilibrando-se sobre um tapete de mortos, tentando reconhecer parentes. (p.69)

Neste trecho o repórter usa a narrativa para desenvolver seu raciocínio. Os fatos são descritos e organizados dentro de uma relação de tempo e de circunstância que mostram o tamanho das dificuldades que o povo enfrentava ao tentar socorrer as vítimas. Desta forma o repórter recria a realidade diante dos leitores. As palavras são claras, a ordem das frases permite uma facilidade de entendimento que atende aos preceitos do jornalismo. O uso de palavras com significados fortes com “dantesca, colapso, tapete de mortos” auxilia na tarefa do repórter de relatar o que está vendo, conferindo à situação **a dramaticidade** que ela exige.

Na sequência a reportagem passa a informar aos leitores alguns dados da tragédia, oriundos de entidades como a Cruz Vermelha. E afirma que a situação do país é pior do que a guerra.

Nenhum país estaria preparado para enfrentar uma catástrofe do tamanho da que devastou o Haiti – pelas primeiras avaliações da Cruz Vermelha, cerca de 300 000 pessoas precisavam de absolutamente tudo, de abrigo a água e comida. Somando-se todos os afetados pelo desaparecimento do pouquíssimo que tinham, chegava-se a um número dez vezes maior. No total, um terço da população haitiana, uma proporção inconcebível até em tempos de guerra. (p. 69-70)

O repórter, através da **pesquisa**, fornece dados e características sobre **o país e o povo**, contextualizando a tragédia dentro da realidade já trágica que o Haiti apresentava. O contexto, em situações como essa, é muito importante para que os leitores possam compreender de maneira abrangente e completa aquela realidade. Através da apresentação de características sociais e econômicas do Haiti, o repórter permite que as pessoas entendam de forma muito mais clara o porquê da condição do país após o tremor de terra ser tão terrível.

Habitualmente, o Haiti já vive em estado de emergência. A miséria é endêmica, a agricultura é de subsistência e a principal atividade econômica para as massas parece ser o microcomércio de rua. Descrever o Haiti como o país mais pobre das Américas – e o marco zero da AIDS também – não dá ideia aproximada da realidade. As peculiaridades da história haitiana descortinavam um futuro glorioso mas redundaram em promessas terrivelmente frustradas. (p.71)

A partir deste ponto o repórter inicia a **narração** de uma retrospectiva que conta os principais fatos históricos do Haiti. A rebelião de escravos bem-sucedida que levou a independência, as crises governamentais, os golpes políticos. Ao fim deste trecho, o repórter completa com o panorama atual onde os jovens enxergam a fuga para o exterior como a única saída para buscar uma vida melhor.

[...]empurraram mais haitianos para a única saída, a fuga para o exterior, onde conseguem fazer o básico que seu país lhes nega: estudar e trabalhar, seja nos museus de Nova York, onde parecem formar uma sorridente corporação de guardas, seja nos hospitais do Canadá – há mais médicos haitianos em Montreal do que em Porto Príncipe. (p. 71-72)

A partir disto a matéria entra em seu desfecho. O repórter conclui dizendo que a falência geral do Haiti resultou em uma intervenção estrangeira da ONU, liderada pelo Brasil. A narrativa final do repórter é como o desfecho de uma história trágica e o texto do jornalista lembra em certos aspectos o texto literário.



A missão (organizada pela ONU), honrosa em sua essência, com participação majoritária do Brasil, traduzida no número de baixas sofridas pelo Exército nacional, conseguiu certa estabilização. No Haiti, isso significava um estado ruim, mas menos desastroso do que seria se nada tivesse sido feito. Até que a maior de todas as catástrofes, produzida nas entranhas da terra, aconteceu. Das superstições criadas à sombra do vodu, a mais conhecida é sobre os vivos que trazem os mortos de volta para escravizá-los. São os zumbis. No dia em que o fim do mundo despencou sobre o Haiti, as fronteiras entre a vida e a morte, como na lenda, se afinaram. Como tudo o mais, o cemitério principal de Porto Príncipe entrou em colapso. Os corpos insepultos se acumulavam, famílias chegavam a pé carregando seus mortos e não tinham onde deixá-los. Estranhamente, o portão estava intacto. Sobre ele, a inscrição em francês : “*Souvonnons-nous que tout est poussière*”. Tudo era mesmo poeira no Haiti. (p. 73)

Podemos notar que o repórter acaba a matéria como começou. No início de seu **relato** ele conta que o mais impressionante no terremoto era que por algum tempo os mortos viveram. E no decorrer do texto não explica esta afirmação. Já no final da matéria ele retoma este caso, ao falar da crença do *vodu*, sobre vivos que trazem de volta os mortos. *Vodu* é uma mistura de culto católico e africano e é a religião predominante no Haiti. Isto não é dito na matéria. Supõe, o repórter, que o leitor já conheça este conceito. O jornalista fala em superstição e ressalta o fato de que apenas o portão do cemitério permaneceu intacto em meio aos escombros.

A inscrição em francês não é traduzida, o que prejudica a clareza já que nem todos os leitores conseguem compreender o francês. Mas sua última afirmação ratifica a inscrição em francês, o que faz com que mesmo aquele que não entenda a frase literal, possa ter uma ideia de seu significado.

Analisando as características que encontramos nesta reportagem, notamos que predomina é o **relato informativo do repórter**. Quanto às formas de captação notamos que a **observação** é o principal meio usado pelo jornalista. Durante todo o texto percebemos o olhar atento do repórter, o que torna o **relato impressionista**. A descrição das situações permite que as cenas consigam ser visualizadas pelo leitor. O uso da **pesquisa** histórica foi muito importante, pois contribuiu para a contextualização e para auxiliar na compreensão dos acontecimentos.

A **narrativa** é conduzida de forma dinâmica, mesclando diferentes aspectos como descrição de cenas, apresentação de dados, intervenções de fontes e comentários sutis do narrador. As **fontes** foram em sua maioria oficiais e aparecem de forma secundária no texto, o que leva a crer que a captação mais importante foi a observação direta. O texto é todo **narrado em terceira pessoa**, é objetivo e privilegia a informação,

mas contém doses de inovação que é justamente **o ponto de vista do repórter** ao contar a história. O jornalista escolheu um ângulo criativo e pessoal para enxergar os fatos (ressaltando o aspecto do sofrimento humano onde os mortos agonizam) que prende o leitor ao texto.

A reportagem apresenta o vocabulário rico e um texto fluente que também contribuem para uma leitura mais prazerosa. O desfecho, como já falamos, assemelha-se a linguagem literária. Como se o jornalista estivesse terminando de relatar um conto de terror com a retomada da questão inicial dos mortos vivos, permitindo ao texto um fechamento original que dá a ideia de ciclo: uma ideia inicial é lançada sobre o acontecimento, o texto percorre vários aspectos do mesmo assunto dando um panorama geral e pertinente do ocorrido, e encerra explicando aquela primeira ideia, como o fechamento de um círculo.

### 5.1.2 *Diário do Desastre* (Veja, ed.2148, jan.2010)

Esta matéria como o próprio título sugere é um **relato pessoal do repórter** Diego Escosteguy, enviado pela *Veja* a Porto Príncipe.

Escrevo este relato no chão de Porto Príncipe, a cidade que acabou e agora recende a morte e o sofrimento. À minha frente está o outrora Hotel Villa Creóle – na verdade, metade dele. A parte que resta está servindo como ambulatório para tratar feridos do terremoto. O cheiro pútrido dos corpos que se estendem pelas ruas e jazem nos escombros obriga-me a usar máscara cirúrgica. Não adianta muito: a náusea é inevitável. A cada cinco ou dez minutos, ouço o barulho dos helicópteros que chegam e se vão – espera-se, aqui em baixo, que carreguem comida e água, tudo o que os haitianos mais precisam neste momento. Esse é um doce som. Há um bem pior, que ressoa desde que cheguei aqui, no começo da manhã: são os gritos agudos de dor que partem do ambulatório e da calçada, onde feridos padecem, sem anestésicos nem esperança, ao lado de voluntários abatidos pela impossibilidade de fazer mais e pela certeza de que nada além da morte aguarda esses infelizes abandonados à própria sorte. (p. 74)

A **narrativa** desta reportagem é toda construída em **primeira pessoa**. É o repórter, enviado para o local da matéria, contando o que está presenciando. O principal método de captação é a **observação participante**. Através de seu relato o repórter vai transmitindo aos leitores detalhes da realidade, impressões, sentimentos e descrições detalhadas das cenas. O repórter cita através dos helicópteros e dos voluntários a **ajuda humanitária** que foi enviada de todas as partes do mundo para socorrer os haitianos. Sobre esta ajuda o jornalista fornece um relato mais completo no trecho a seguir:

Eu e o fotógrafo Gilberto Tadday pousamos de helicóptero num aeroporto inteiramente ocupado pela solidariedade do mundo: havia aviões americanos, franceses, espanhóis, mexicanos. Do lado de fora, o caos. Haitianos gritavam por ajuda, por notícias dos familiares. Em alguns já se notava raiva - e não mais desespero. (p.74)

Seguindo o relato descritivo da destruição que presenciou logo na chegada a Porto Príncipe, Diego comenta um fato que lhe chamou atenção e que até então não tinha sido mencionado na cobertura que a revista *Veja* apresenta do fato: a violência. O repórter descreve as cenas que viu andando pelas ruas da capital arrasada. Pode-se notar que o jornalista assume o **papel de testemunha dos fatos**.

Não é difícil compreender por que já começam a se perceber tumultos nas ruas. No que costumava ser um posto, vimos uma briga por galões de gasolina. A frustração está dando lugar à fúria. Chega-se rápido à violência. “Ninguém vem nos ajudar. Precisamos de tudo para sobreviver”, diz, revoltado, Adolph Fanfan, de 25 anos. Ele perdeu um irmão, um tio e uma prima. (p.74)

Neste trecho aparece a primeira **fonte**, que é testemunha e vítima do terremoto. Seu discurso revoltoso mostra uma faceta nova do acontecimento, a visão daqueles que não aceitam o que aconteceu, aqueles que castigados pela dor recorrem à violência. O relato do repórter segue com ele contando sua chegada à perigosa região onde Zilda Arns, a mais comentada das **vítimas brasileiras**, estava no momento do tremor. Ele descreve a situação em que encontrou a igreja onde Zilda dava uma palestra e ressalta o fato de terem sobrado apenas alguns bancos e uma solitária imagem de Jesus Cristo no altar. Após a descrição, o jornalista narra seu encontro com voluntários que estavam no local.

Encontrei quatro voluntários tentando levantar os grossos pedaços de concreto, sem nenhuma ferramenta – e sem sucesso. Perguntei o que procuravam. “Cerca de 20 pessoas”, respondeu um deles. a força terrível do cheiro de corpos decompostos paira sobre tudo. Estava lá o seminarista Bourguoin Meltone, um articulado jovem de 28 anos. Ele conhecia Zilda Arns. “Eu conversava com ela aqui”, diz Meltone, olhando para a torre de tijolos. “Ela era uma pessoa iluminada.” O seminarista estava em outra paróquia quando o terremoto começou. O arcebispo Joseph Serge Miot morreu ao lado dele. Conta o haitiano: “Corri para cá e ajudei a retirar alguns sobreviventes. Era tarde para ela.” (p.75)

Neste trecho a **entrevista** com testemunhas é utilizada como fonte de informações sobre o que aconteceu antes de Zilda Arns morrer e o modo como ela morreu. Com o seu trabalho na Pastoral da Criança reconhecido mundialmente, Zilda foi uma grande perda para o Brasil e sua história foi muito comentada pela mídia. Na

sequência deste trabalho ainda analisaremos uma reportagem específica sobre ela. Seu nome aparece em praticamente todas as matérias publicadas no Brasil sobre o terremoto no Haiti.

No desfecho da matéria o jornalista ainda relata seu encontro com outro haitiano que buscava por sobreviventes em uma escola, na mesma rua em que Zilda Arns morreu.

O que era possível fazer com as mãos, os haitianos já fizeram. “Sem equipamentos, não temos como fazer mais nada, mais nada”, diz Tol Polyte Wolking, um estudante de 23 anos. Ele teve sorte. Seu casebre resistiu à força dos tremores. Mas ele ainda procura vítimas na rua onde Zilda Arns morreu. Além da igreja, havia uma moradia para seminaristas e uma escola infantil. Ao nos aproximarmos da escola, Polyte retirou sua camiseta vermelha, molhada de suor, cobriu o nariz com ela e apontou para a pilha cinza de tijolos. “Lá”, murmurou o haitiano, falando para si mesmo, “eles ainda estão lá dentro”. Pouco antes de terminar este relato, a terra tremeu mais uma vez. Um haitiano me disse: “O senhor tem que sair daqui. O resto do hotel pode desabar”. Levantei-me e fui embora, tentando não olhar pra trás. (p.75)

Analisando esta matéria, o que salta aos olhos é que ela é um **relato pessoal do repórter**. É um texto construído em primeira pessoa, com o **narrador protagonista**. O repórter mescla descrição com diálogos que ele estabeleceu com os nativos do Haiti. O relato é detalhista e privilegia o ambiental do local da tragédia. As fontes são todas **testemunhas** do fato, estavam em Porto Príncipe no momento do terremoto, e falam do que aconteceu e de suas dificuldades. O testemunho delas contribui para a **humanização do relato**. A brasileira Zilda Arns, também recebe destaque e o local onde ela estava antes de morrer é descrito pelo repórter. Um haitiano fala sobre sua relação com a vítima brasileira.

Nesta reportagem evidenciamos o **repórter** totalmente **imerso** na realidade de Porto Príncipe, dialogando com os haitianos, fazendo da **observação participante** e da **entrevista** seus principais meios de construção da matéria. As sensações autorais, experimentadas pelo repórter, são relatadas no texto, como a náusea que o cheiro dos corpos em decomposição provoca. As condições precárias de produção e o risco a que o jornalista está exposto são percebidos no início do relato quando ele afirma estar sentado no chão em frente ao que sobrou de um hotel e no final quando é alertado por um nativo a sair dali porque o que restou do hotel está prestes a desabar. A informação quantitativa e os dados numéricos estão ausentes nesta matéria que privilegia o subjetivo, as **percepções** do repórter aliada ao **testemunho** das fontes. Suas impressões

retratadas no texto certamente sensibilizam o leitor de forma mais competente do que as estatísticas.

### 5.1.3 *A tragédia dos heróis brasileiros* (Veja, ed.2148, jan.2010)

As **vítimas brasileiras** mereceram uma reportagem especial na cobertura da revista *Veja*. Até a data da publicação da matéria haviam sido contabilizados dezesseis brasileiros mortos no terremoto, quatorze deles do Exército, restavam ainda quatro militares desaparecidos. No olho da reportagem é ressaltado o fato de que este é o maior número de baixas em operações internacionais do Exército brasileiro desde a Segunda Guerra Mundial.

A matéria inicia contabilizando os brasileiros mortos. E esclarece que nas próximas páginas apresentará um perfil de cada um deles.

São histórias de homens idealistas, apaixonados pela carreira das armas e cheios de planos para proporcionar, com o saldo reforçado que receberam durante a missão, melhores condições de vida a suas famílias. (p.77)

De início já existe um apelo dramático, que coloca os militares brasileiros como mártires. Homens que estavam longe de casa, buscando dar uma condição de vida melhor às suas famílias e que acabaram vítimas de uma tragédia. A história é, de fato, triste, entretanto nestas ocasiões tende a haver uma supervalorização da dramaticidade pela mídia. Em outros momentos, as famílias das vítimas de fatos trágicos como o 11 de setembro ou como o acidente com avião da TAM, para citar dois exemplos, se veem super expostas a um assédio da mídia que nunca obteriam caso isto não acontecesse em suas vidas.

Antes de apresentar o perfil das vítimas a matéria prossegue, contabilizando os brasileiros feridos e desaparecidos. Há uma descrição do momento do terremoto na sede das Nações Unidas, local onde se concentravam muitos brasileiros que trabalhavam na missão de paz. O nome de uma série de militares brasileiros que ocupavam o prédio da ONU é citado juntamente com o caso de dois sobreviventes que se salvaram por ter descido ao primeiro andar do prédio um minuto antes da estrutura ruir. Em seguida é relacionado o número de militares e a que batalhão pertenciam.

“O trabalho das forças brasileiras foi essencial para reduzir a criminalidade em Cité Soleil e em toda a capital”, diz o porta-voz da ONU no Brasil, Giancarlo Summa. Os brasileiros lideram a parte militar da Minustah desde o seu início, em 2004, depois que o presidente Jean-Bertrand Aristide foi derrubado por forças rebeldes. O Brasil mantém 1 266 militares no Haiti, mais do que qualquer outro país que participa da missão, e já gastou 703 milhões de reais na empreitada. Antes da tragédia, a ONU considerava o país caribenho pacificado. Isso havia sido alcançado sem que tombasse em combate um único brasileiro sequer. Até a terça-feira do pesadelo, as únicas quatro mortes nas fileiras brasileiras ocorreram por acidente, doença ou suicídio. A elas se somam, agora, as dos heróis vitimados pelo maior terremoto ocorrido no Haiti em 200 anos. (p.78)

Este trecho final da matéria, antes da apresentação dos perfis das vítimas, apresenta uma **fonte oficial**: o porta-voz da ONU no Brasil. Sua fala reforça a importância do trabalho dos militares brasileiros no país caribenho. Em seguida, apresenta-se uma série de dados que revelam a utilização da **pesquisa** para a captação de dados que permitam ao leitor entender o que o Brasil estava fazendo no Haiti e por que estava fazendo. Em uma matéria que fala dos militares, é imprescindível contextualizar as características e resultados que a missão de paz brasileira, por eles integrada, apresentou no Haiti. O uso da palavra heróis ressalta o lado emocional que a matéria pretende passar.

A parte seguinte da matéria apresenta breves perfis de quinze **vítimas brasileiras**. Por se assemelharem muito vamos analisar um dos perfis aqui. Todos eles têm como título o nome da vítima, seguido de dados como idade, cargo no Exército, cidade e Estado. Todos possuem imagens, que são basicamente de três tipos: vítima trabalhando no Haiti, com a família ou com a farda do Exército.

Em todos os perfis podemos notar características como uma valorização do lado familiar (saúde da família, contato com os familiares), uma projeção de planos para o futuro (casar, fazer faculdade, comprar uma casa, etc). A maioria também destaca a proximidade da volta para o Brasil quando o terremoto aconteceu, grande parte dos militares já estavam a poucos dias do retorno ao Brasil quando o tremor interrompeu suas vidas. Além disso, o orgulho em servir ao país e contribuir para a melhoria de vida do povo do Haiti mereceu destaque nos perfis. A solidariedade e luta pela paz foram ressaltados nos textos.

Douglas Pedrotti Neckel, de 23 anos  
Cabo do 5º Batalhão de Infantaria Leve, Lorena, São Paulo

A última pessoa da família com quem o gaúcho de Cruz Alta conversou antes de morrer foi sua cunhada, Gisele Gomes, três horas antes do terremoto. “Estou ansioso e com saudade de

todos. Diga que amo todo mundo. Já estou com as malas arrumadas para partir!” disse Douglas, que vivia fazia catorze anos em Lorena. Foi lá que ele entrou para o Exército. Estudante de administração, o militar trancou o curso para servir no país caribenho. “nós da família éramos contra essa decisão, mas ele nos disse que queria muito ajudar as pessoas que estavam por lá, que aquele seria um grande aprendizado para a sua vida”, diz sua prima, Ana Júlia Pedrotti, que morava com Douglas, Valmir e Ana Lúcia Neckel, em Lorena. Ana Júlia diz que Douglas pensava em voltar para o Brasil, sair do exército e retomar os estudos. (p. 79)

Para construção deste perfil e dos demais analisados, mas não expostos no corpo do trabalho, as principais **fontes** são os familiares. É através dos familiares que o repórter toma conhecimento dos principais fatos da vida da vítima, sua personalidade, seus sonhos, para deste material retirar informações que lhe permitam construir perfis **humanizados**. Como já foi ressaltado anteriormente, a questão da volta para o Brasil, do amor pela família e da vontade de ajudar e os sonhos futuros são os pontos mais importantes encontrados nos perfis. No caso acima a **narração, em terceira pessoa**, começa com uma declaração que Douglas fez a cunhada três horas antes de morrer. A **inserção da fala das fontes** de forma direta, como podemos observar no perfil analisado é importante, para dar credibilidade ao relato.

Esta reportagem, portanto, revela em sua parte inicial dados de **fontes oficiais e pesquisa** como forma de captação. Na construção dos perfis são realizadas **entrevistas** com as famílias das vítimas para obter informações. É importante que o jornalista seja sensível neste momento de dor para as familiares das vítimas. A matéria fala, em sua primeira parte, da importância do trabalho brasileiro no Haiti, na segunda parte fala das pessoas que realizavam este trabalho e que foram vitimadas pela tragédia. O repórter os intitula heróis, e sua reportagem serve, em nossa opinião, acima de tudo para lhes render um pequena homenagem.

#### **5.1.4 *Viveu como santa, morreu como mártir*** (Veja, ed.2148, jan.2010)

Esta reportagem é dedicada a contar a história de Zilda Arns, a **vítima brasileira** mais ilustre do terremoto do Haiti. Conhecida pelo seu trabalho na Pastoral da Criança, Zilda estava no Haiti para levar a sua experiência no trabalho de combate a desnutrição infantil para o para o povo do país. Logo no início da matéria podemos constatar a **pesquisa** e a **entrevista** como formas de apuração.

Nascer mulher em Forquilha, Santa Catarina, nas primeiras décadas do século passado significava ser, no futuro, professora ou religiosa. Zilda Arns, 13ª filha de uma família descendente de alemães, contrariou este destino por amor. Aos 21 anos de idade apaixonou-se pelo futuro marido, o então marceneiro Aloysio Neumann, que, chamado para um concerto na casa dos Arns, encantou-se com a jovem que viu na sala tocando piano. Foi também em nome de outra forma de amor, aquele mais sublime que se devota ao próximo, que Zilda enfrentou a resistência paterna e insistiu em estudar medicina, num tempo em que ser doutor era coisa de homem. (p. 85)

O trecho acima nos apresenta detalhes pessoais da vida de Zilda que provavelmente só foram obtidos através de uma **pesquisa** sobre a sua vida e principalmente através de relatos dos familiares. Apresenta também características de uma realidade do início do século XX que demonstra o trabalho de pesquisa histórica do repórter. Esses dados servem para permitir que o leitor compreenda o contexto da vida de Zilda, e por que ela é um exemplo. Se ser médica hoje já é uma tarefa complicada, imagine para uma mulher em meados do século passado.

O apoio do irmão, o hoje arcebispo emérito de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, foi fundamental para dobrar a família. “Ele havia estudado na Sorbonne e convenceu o pai de que estavam começando a formar mulheres médicas lá fora”, conta Rogério Arns Neumann, de 39 anos, um dos seis filhos que Zilda teve com Neumann, morto em um acidente no mar aos 46 anos de idade. Desde que alterou o curso do próprio destino, Zilda Arns não parou mais de mudar os dos outros, a começar por aqueles que a miséria e a ignorância haviam fadado a ter curta duração. (p.85)

Encontramos no fragmento acima, a primeira fonte da matéria, Rogério Neumann, filho de Zilda. Neste trecho também encontramos referências ao trabalho humanitário que Zilda desenvolveu durante toda a sua vida. Os detalhes da vida de Zilda relatados são importantes para que o leitor possa ir formando uma opinião sobre a protagonista da matéria em sua mente. Essa riqueza de pormenores permitirá ao repórter construir um **perfil humanizado**, que busca envolver diversos aspectos da vida do personagem, no caso, Zilda Arns. No trecho seguinte o repórter explica como surgiu a Pastoral da Criança.

Nos anos 80, por sugestão de dom Paulo, a pediatra e sanitarista aceitou formular um projeto para disseminar o uso do recém-criado soro caseiro, aproveitando a imensa influência da Igreja Católica entre os pobres, e com isso combater o flagelo da mortalidade infantil. Assim, nasceu a Pastoral da Criança, um projeto tão singelo na sua concepção quanto na execução. (p. 80)



No prosseguimento da matéria, o repórter explica, através de uma narrativa clara e objetiva de que forma o trabalho da Pastoral é posto em prática. São fornecidas ao leitor diversas informações das etapas do projeto e de que forma ele funciona.

O local escolhido para começar o trabalho foi a pequena Florestópolis, no Paraná. Lá, a mortalidade infantil era tão alta que, no único cemitério existente, o número de cruzes de tamanho pequeno, que sinalizavam os túmulos das crianças, superava em muito o de cruzes grandes. Depois do trabalho da Pastoral, a taxa de mortalidade baixou de 127 óbitos em cada 1000 crianças nascidas vivas para 28. A partir daí, o programa foi sendo exponencialmente replicado até alcançar 72% do território nacional, além de vinte países na América Latina, África e Ásia. (p. 85-86)

O uso de **dados concretos** como a taxa de mortalidade e a abrangência do projeto contribui para dar ao texto credibilidade e fornecer ao leitor uma informação exata. Números facilitam que o leitor dimensione e interprete o assunto, no caso o trabalho da Pastoral da Criança.

Ao longo dos 25 anos em que esteve à frente da Pastoral da Criança, Zilda Arns visitou os cantos mais remotos do Brasil. Aterrissou em um sem-fim de aeroportos, fez travessias em barcos precários e sacolejou de ônibus por estradas que eram mais buracos do que chão. Seus olhinhos azuis sempre radiantes se acostumaram a ver a pobreza extrema e seu corpo forte se habituou à contenção e à precariedade. (p.86)

No trecho acima, o jornalista **descreve** a peregrinação de Zilda Arns pelo Brasil, levando o trabalho da Pastoral a todas as regiões do país. A **descrição** da personalidade de Zilda enfatiza o caráter de doação que ela assumiu em sua vida, contrastando aspectos físicos e morais de sua pessoa.

No seguimento da matéria, o repórter narra a visita de Zilda ao Timor Leste, onde a Pastoral atende cerca de 6 mil crianças. Neste ponto aparece o depoimento de uma **fonte**, Rúbia Pappini, voluntária da Pastoral há vinte anos. Ela descreve os hábitos simples que ela e Zilda adotavam durante as viagens. A partir deste ponto a matéria volta-se para a estada de Zilda no Haiti. O repórter reconstrói a trajetória que a médica percorreu desde sair da sua casa em Curitiba até chegar a Porto Príncipe, onde faria uma palestra para um grupo de religiosos, foi no final desta palestra que aconteceu o terremoto.

Quem descreve o ocorrido é o tenente Paulo César Acebedo Strapazzon, que havia sido convocado para traduzir para o francês a fala da médica, esperada no 3º andar do prédio por 120 sacerdotes. Zilda chegou com quarenta minutos de atraso por causa de um engarrafamento no trânsito. A tradução acabou sendo feita por um civil haitiano que viera com o tenente e falava o crioulo, dialeto local, de compreensão mais fácil para a maioria. Faltavam quinze minutos para as 5 horas quando a médica terminou sua palestra. A plateia deixou a sala, mas alguns padres se aproximaram de Zilda para fazer-lhe perguntas. Nesse momento o tenente perguntou à médica se ainda poderia ser útil. Ela respondeu que mais tarde precisaria de ajuda para traduzir alguns manuais, o militar aquiesceu e os dois se despediram. Strapazzon desceu os lances de escada até o térreo, entrou em seu jipe, deu a partida e então viu todos os prédios desabar ao seu redor. Os três andares do prédio transformaram-se em um amontoado de pedras e vidas de metal. Zilda Arns morreu na hora, atingida na cabeça por uma viga do teto que desabou. Outros quinze religiosos que estavam na sala morreram também. (p. 86-87)

Este é talvez o fragmento mais importante da matéria. O repórter inicia anunciando de onde colheu os detalhes da **descrição** que fará no seguimento do texto. A **fonte** é o tenente Paulo Cesar Strapazzon, testemunha de todos os momentos que precederam a morte da médica. Entretanto, não é o tenente que narra os fatos. Os acontecimentos são **narrados em terceira pessoa** pelo jornalista. O **detalhamento** é extremo, as cenas são reconstituídas, recriando na mente do leitor os últimos momentos da vida de Zilda Arns. A **narrativa** apresenta uma **sequência de ações** que apresentam fatos organizados em uma relação temporal, mostrando mudanças progressivas. A resolução da narração é, neste caso, a morte da missionária.

O corpo da médica chegou na sexta-feira a Curitiba, onde foi transportado em carro aberto – e aplaudido por pedestres que paravam à sua passagem. Zilda Arns tinha 75 anos, um terço dos quais consagrados aos despossuídos e à tarefa de celebrar o caráter sagrado da vida – o que ela fez em cada uma das infinitas vezes em que ajudou a evitar seu desperdício. Com gestos miúdos, persistência de formiga e fé colossal, construiu uma epopéia silenciosa que mudou a face do Brasil e o destino de milhões de pessoas. Sua vida teve a grandeza de uma santa – e à sua obra pode dar-se o nome de milagre. (p.87)

O trecho final da matéria enfatiza, através de um belo texto, a missão da vida de Zilda Arns. O repórter a caracteriza como santa e sua obra como um milagre. Morreu trabalhando para o bem, o que a configura como uma mártir.

Analisando as características que encontramos nesta reportagem que procura traçar um **perfil** de Zilda Arns, a **vítima brasileira** mais lembrada pela mídia, notamos um texto que se preocupa em ressaltar o trabalho da médica em prol dos outros. Sua obra ou sua missão são retratadas e seu caráter admirável é enfatizado, através do texto do repórter e da fala das **fontes**. O texto é predominantemente informativo, mas não deixa de trazer toda a carga sentimental que a circunstância de morte de uma mulher

como Zilda Arns merece. As fontes são pessoas ligadas à Zilda, familiares ou colegas de trabalho. Além da **testemunha**, o tenente Paulo Strapazzon, que concede ao repórter uma detalhada descrição dos momentos que antecederam a morte da médica no Haiti. A **narrativa** é realizada em **terceira pessoa** e mescla **momentos descritivos e narrativos**. A apresentação de dados estatísticos sobre o trabalho da Pastoral da Criança auxilia o leitor na tarefa de compreender a dimensão da entidade e da importância de sua missão. Quanto aos **métodos de apuração**, ressaltamos a **pesquisa** que contextualiza a médica como uma pessoa a frente de seu tempo quando revela as dificuldades de sua época, e a **entrevista** com fontes ligadas à Zilda para conhecimento da biografia da protagonista. A reportagem se configura em um belo **perfil humanizado** de Zilda Arns, é um texto de reconhecimento a uma brasileira que deixou sua marca de doação espalhada pelo país e pelo mundo e que talvez só depois da morte, receba o reconhecimento que merece.

#### **5.1.5 O caos depois do desastre** (Veja, ed. 2149, jan.2010)

O texto desta reportagem, de Diego Escosteguy, inicia com uma **descrição detalhada** do Haiti pós-terremoto. A narrativa aproxima-se da literária, como se representasse o início de um conto de horror.

Sob as trevas da noite o pavor aumenta. Os raros focos de luz são dos faróis de carros, dos postes de quartéis com geradores e das fogueiras... Assustadoras fogueiras alimentadas por escombros e corpos. Do Hospital-Geral de Porto Príncipe emergem urros de dor de pacientes. Com os primeiros raios de sol chega a notícia do resgate de uma criança com vida e a esperança renasce. Abarrotado pelo volume colossal de feridos em estado grave, o Hospital-Geral tornou-se o maior centro de amputação de Porto Príncipe. Um lugar de horrores, onde se aguarda a vez de morrer, ao lado de cachorros, lixo e do odor onipresente da gangrena. No pátio do hospital, feridos tentam sobreviver em colchonetes, ao ar livre e sob tendas. Num deles, Widlyn Pierre, uma jovem e bela haitiana, grita de dor. Em Porto Príncipe, os vivos dormem nas ruas, os mortos, nos escombros. (p. 73)

A significativa **narrativa descritiva** elaborada pelo repórter revela uma **observação participante** de alto nível. Apenas uma **testemunha presencial** poderia fornecer tantos detalhes e reconstruir a terrível realidade haitiana sob os olhos dos leitores. Em uma narração precisa, com um **narrador que observa os fatos**, mas que fornece um **relato impressionista** o repórter cumpre seu papel de informar, testemunhar e transmitir de maneira eficiente aquilo que vê. A citação do nome de uma haitiana e a

descrição de seu estado como bela e jovem, gritando de dor, contribuem para **humanizar o relato**, por se tratarem de **informações específicas** de uma situação.

Os números da catástrofe já parecem não fazer nenhum sentido. Foram 75 000 corpos lançados em fossas, mas quem os contou? Praticamente inexistente, o governo anuncia planos de transferir 400 000 desabrigados da capital para acampamentos organizados nas imediações da cidade destruída. Como? Quando? Por enquanto, dorme-se sob o céu negro e o calor asfixiante do Caribe, sentindo-se o cheio fétido das fogueiras humanas. São os momentos mais perigosos para a sobrevivência dos haitianos, quando os mais fortes encontram a cumplicidade da noite para atacar os mais fracos. (p. 73)

Neste trecho notamos o **papel do repórter** que além de narrar o que vê questiona os planos anunciados pelo governo de transferir desabrigados. E denuncia que a realidade encontrada nas ruas de Porto Príncipe é bem diferente. E segue descrevendo o caos da cidade após o trágico 12 de janeiro.

Briga-se por comida, água, remédios – ou mesmo por bonés e óculos velhos, o tipo de farrapo que alguns haitianos ainda possuem. Há troca de socos até por restos dos destroços. Nenhum haitiano parece aceitar que outro tenha mais do que ele, ainda que esse mais se resuma a lixo. Em regiões miseráveis, como o bairro Delmas, os desabrigados acampados nas praças e ruas improvisaram fogueiras, feitas de tudo o que se pode encontrar: lixo, corpos, pedaços de madeira. Em outras, como Bel Air, a escuridão da noite mistura-se com a poeira dos destroços ainda pairando no ar. O Haiti que sempre viveu próximo da barbárie, agora se queima por completo nela. (p.73)

O fragmento acima é uma exposição da dura realidade haitiana. A **descrição** do repórter é tão **detalhada e verossímil** que pode chocar os leitores mais sensíveis. A catástrofe haitiana é tão grande que só um texto forte aliado as imagens também chocantes parecem dar uma ideia aproximada da realidade. Este tipo de reportagem é muito importante por que expande a percepção do leitor para a situação pós-terremoto. Muitas vezes acompanhamos coberturas que enfatizam o fato e não esclarecem os desdobramentos. Manter um correspondente no Haiti foi de muita importância na cobertura realizada pelo veículo já que expande a percepção para os efeitos do que aconteceu.

Quem tem parentes ou um fiapo de esperança fora da capital se amontoa em ônibus ou barcos superlotados, num êxodo esfarrapado rumo ao interior. A maioria não tem nada e vaga pela cidade. A sobrevivência agora se dá nas ruas, na grande lixeira na qual se tornou a capital haitiana. Praças viraram favelas, campos de várzea transformaram-se em camas. Os poucos motoristas andam na contramão, buzina sem motivo. Emergiram duas classes de haitianos: os tendistas, aqueles cidadãos mais afortunados, que conseguiram estender seus pertences em uma lona nas praças, e os demais, que dormem direto no asfalto ou em calçadas. Os tendistas levam vantagem na luta pela sobrevivência. Por concentrarem grandes massas humanas, estão

mais protegidos dos ataques de gangues – e se tornam mais visíveis aos voluntários que distribuem água e comida. (p.73)

O parágrafo acima traz vários pontos relevantes. Primeiro, uma situação do **povo** o êxodo dos haitianos para o interior na busca desesperada por viver. Segundo a condição dos que não podem ir embora, vagam pelas ruas, moram em praças. Outro ponto é o trânsito que se tornou impraticável. E para finalizar, o novo quadro social haitiano que influencia na distribuição da **ajuda humanitária**. São diversos aspectos importantes percebidos pelo repórter que está vivendo aquela realidade juntamente com os nativos e a transmitindo para que o mundo tome conhecimento.

No trecho a seguir o repórter narra sua peregrinação pelas diferentes praças de Porto Príncipe que agora abrigam a população haitiana. É um **relato** que nos transporta para o país caribenho e seus acampamentos de sobreviventes.

Porto Príncipe queima diferente em diferentes lugares. A Praça Boyer, em Pétiion-Ville, bairro menos devastado da capital, é um condomínio classe A para os padrões haitianos pós-terremoto. Ali, como em outras praças, há crianças e bebês chorando, filetes de esgoto nas calçadas, dejetos. Há, porém, vendinhas de batata e banana verde que podem ser compradas por poucos gourdes, a moeda haitiana. Alguma água chega por intermédio de doações internacionais. Num gesto que ilustra a formidável capacidade de resistência do ser humano, um grupo de professores e voluntários criou uma escolinha na praça. Eles cuidam de 270 crianças, dando aulas de francês, matemática, ciências, intercaladas com atividades lúdicas de canto e dança. As crianças sentam-se num chão de pedra para participar das atividades. Muitas têm sede e fome – 39 delas são órfãs. Diz Clarénce Johnny, coordenador da escolinha improvisada: “É uma forma de ocupar a cabeça das crianças e tentar fazer com que elas olhem pra frente”. Eram 17 horas, e ele estava dando aula em jejum. (p.73-75)

A **narrativa** do repórter é feita em **terceira pessoa**, como podemos perceber no trecho acima. Nem por isso, é uma narrativa distante. Ao contrário, notamos o jornalista totalmente imerso no universo da capital haitiana. O repórter usa da comparação para facilitar o entendimento da realidade da cidade para os leitores, quando compara uma das praças com um condomínio classe A. A **ajuda humanitária** é citada mais uma vez. Os bons exemplos são enfatizados, e a primeira **fonte** da matéria é o professor, símbolo de esperança do povo. O **relato** é **humanizado e impressionista** e notamos o repórter com um papel muito presente, atento aos detalhes e perspicaz na construção da reportagem.

As praças do centro da cidade, região onde só há ruínas, oferecem menos regalias aos haitianos. De longe, a Champ de Mars, que fica diante do que restou do Palácio Presidencial, assemelha-se a uma imensa feira de ambulantes, tal a profusão de lonas e barracas coloridas. De perto, é um pestilento amontoado humano. Há crianças tomando banho com água do esgoto, mães prostradas em pedaços de papelão, fezes e urina pelo chão, cachorros e porcos revirando o lixo a céu aberto. Vez ou outra explodem discussões e brigas – sempre por comida. Noutra praça em Delmas, Marie Therese tentava proteger Kevensson, sua filha de 6 meses, de uma chuva miúda que atravessou as cortinas de calor. Ela usava as mãos como guarda-chuva, mas sem sucesso: o bebê gritava. Therese estava sentada numa toalha. “É tudo o que me sobrou”, ela disse, observando a filha. O que ela esperava para o futuro de Kevensson? “Nada”, ela respondeu, os olhos vazios. (p. 75)

O repórter segue fornecendo ao leitor uma **visão ambiental** do Haiti. Em coberturas especiais o ambiental é um dos aspectos mais importantes da matéria. A **descrição** de ambientes é permeada por afirmações do repórter. E, no caso acima, a fala de uma nova **fonte**, também sobrevivente do terremoto. Sua figura, seu esforço para cuidar da filha e sua fala de descrença, são emblemáticos e simbólicos, de certa forma representa a apreensão de todas as mães haitianas que não tem condições de criar seus filhos e não vislumbram a menor perspectiva de melhora.

No seguimento do texto o repórter aproveita o gancho do caso de Kevensson e descreve a terrível situação das crianças do Haiti, sem família, desprotegidas e sem entender o que aconteceu. Narra ainda seu encontro com John Guerrie Dovillien, um menino de cinco anos que vagava pelas ruas da cidade em busca do pai e acaba sendo acolhido no pátio de uma igreja junto a outros órfãos. Após isso a reportagem altera um pouco o foco e o repórter passa a narrar os saques que atingem o comércio.

A fome e a sede levaram multidões de haitianos a invadir lojas, supermercados, casas. Moralmente, parece existir uma divisão: pegar comida, água ou qualquer coisa para colocar entre o corpo e o mundo devastado onde vivem é aceitável. Quem não faria o mesmo no maior de todos os estados de necessidade? Já saquear com o objetivo de revender é condenável e pode ser punido com a justiça das ruas ou os tiros de policiais que, aleatoriamente, tentam estender um esgarçado véu de ordem sobre o caos. (p.75)

Neste trecho o repórter descreve a nova ordem de justiça no caos haitiano e lança um questionamento aos leitores. Através deste questionamento ele reforça sua presença como o autor da matéria. Ao mesmo tempo em que interage com as fontes e observa a realidade haitiana também indaga o leitor, chama a atenção para desespero que leva um ato teoricamente ilegal (saquear) a se tornar aceitável. A assistência prestada ao povo passa a ser o assunto a partir de então.

Pelas ruas dos bairros mais pobres, havia poucos socorristas. Moradores pedem ajuda. “Há pessoas vivas lá dentro”, era o que mais diziam. Numa dessas ruas, a Monsieur Guiyour, houve na terça-feira à tarde uma operação de resgate coordenada por chineses e mexicanos. Existia a possibilidade de que um haitiano ainda estivesse vivo, soterrado dentro dos restos de um prédio de dois andares. Dois cães farejadores confirmaram a suspeita. “Bem então nos encontramos amanhã, às 7 horas”, comunicou o chefe chinês ao colega mexicano. A reportagem indagou por que não prosseguir com as buscas. “Deu 6 horas”, o mexicano disse, no meio de uma rua vazia e silenciosa. “é uma questão de segurança e organização.” (p. 75-76)

Notamos aqui a narração do repórter de uma tentativa de resgate que ele acompanhou. Chama atenção o fato de que quando ele pergunta ao chefe do resgate por que não prosseguiria com a operação ele usa o termo “a reportagem” e o **narrador** é mantido em **terceira pessoa**. Falar em primeira pessoa quebraria a linguagem que a reportagem está adotando até aqui. Exemplos de sobreviventes retirados após dias de soterramento, muitas vezes idosos e crianças são citados logo a seguir. A alegria do povo é **descrita e interpretada** pelo jornalista:

[...] via-se uma multidão de desabrigados que entoava alegremente músicas cantadas em crioulo, o dialeto local, que nada tinham de religiosas. Mulheres descalças dançavam em rodopios, homens erguiam os braços e crianças faziam trenzinhos. A mensagem nada secreta parecia ser: o desejo de vida vence a pulsação de morte. (p.76)

A partir daí o repórter começa a traçar um panorama do auxílio que o Haiti recebeu, especialmente dos brasileiros. A **pesquisa** a órgãos oficiais e entidades certamente deve ter sido feita para a obtenção de dados, além de entrevistas com os voluntários que trabalhavam na **ajuda humanitária** ao país.

Num oceano de necessidades absolutas, brotavam pequenos gestos de ajuda. Julien Kossi é do Benin, trabalha para a Unicef e agora está colaborando na distribuição de água para os sobreviventes. “Mesmo que eu possa fazer pouco, vale a pena”, ele diz. Na última quarta-feira, Julien foi até a base brasileira em Porto Príncipe, para coletar garrafas de água doadas por uma cervejaria. (...) Desde o terremoto, os militares brasileiros já distribuíram 125 toneladas de alimentos e 84 000 litros de água. A freira Zelinda Caversan recebeu mantimentos do Exército. (...) Irmã Zelinda é diretora da escola João Paulo II, que veio abaixo na tragédia. Quase 1 000 alunos carentes estudavam e comiam lá. Ela e as demais 36 irmãs estão dormindo em barracas improvisadas no pátio da escola, para ajudar a quem podem. “Enquanto eu tiver forças, vou ajudar. Quem sobreviveu é privilegiado.” (p.76)

Neste trecho o autor cita a ajuda recebida pelos haitianos e, através da fala das fontes, enaltece a esperança do povo que trabalha na **reconstrução do país**. O relato das **testemunhas** é importante, porque embora o repórter esteja totalmente inserido na

realidade haitiana, é um estrangeiro que observa o país. Já as fontes nativas possuem a cultura e a visão do povo local. O desfecho da matéria é relevante e se conecta com a informação dada nas primeiras frases.

No Hospital-Geral de Porto Príncipe, Widlyn Pierre continua gritando de dor. A enfermeira ajoelha-se no colchonete, liga uma lanterna e pede que ela respire. Suando muito, Widlyn segura-se no tronco de uma árvore e emite um longo e agudo uivo. Um bebê sai lentamente de seu ventre. Widlyn sorri. O nome de seu filho é Christopher – e o Haiti é o seu futuro. (p.76)

Este final é um belo encerramento de matéria. Apenas agora o leitor descobre que a jovem que grita de dor no início da matéria, em um colchonete no pátio do Hospital-Geral de Porto Príncipe, estava em trabalho de parto. É como se tudo que o repórter relatou até agora fizesse muito mais sentido na mente do leitor. A descrição inicial da situação dos feridos no hospital da cidade, o retrato de uma sociedade caótica, onde a população se amontoa em praças e vence a lei do mais forte, a ajuda humanitária, os exemplos de esperança de quem sobreviveu dias sob os destroços e de quem trabalha para reconstruir o Haiti. Tudo isso é o que o filho de Widlyn, Christopher, terá que enfrentar. A vida mostrando a sua força através das mulheres que dão a luz nestas condições comprova que sempre há esperança e que nem tudo está perdido.

Analisando a reportagem *O caos depois do desastre*, podemos perceber o valor do **olhar do repórter** na construção da matéria. Através da **observação participante**, o jornalista nos dá um retrato completo da realidade do Haiti, com toda a dose de certa de informação e sensibilidade que o momento exige. Notamos através da leitura e análise que o jornalista está atento a todos os detalhes, interagindo com as pessoas na busca de **compreender** e fazer com que o leitor compreenda a sociedade haitiana pós-terremoto.

O que fica desta reportagem, além de belo texto, informações importantes, descrições detalhadas, testemunhos de fontes é a importância e a diferença que o repórter no local, inserido na realidade faz no resultado final do trabalho. Dificilmente, alguém que estivesse fora do Haiti poderia escrever um relato tão humanizado, tão verossímil e tão absorvente sobre a dura realidade do país caribenho.



### 5.1.6 *Melhor com eles, impossível sem* (Veja, ed.2149, jan.2010)

Esta breve matéria tem como objetivo saudar a ação das tropas norte-americanas no Haiti. O relato do repórter é **impessoal** e revela dados obtidos através da **pesquisa**.

Se não fossem os Estados Unidos, a hecatombe no Haiti teria consequências mais devastadoras ainda. Nenhum outro país teria condições de fazer tanto em tão pouco tempo. No dia seguinte ao terremoto, 1 000 soldados já seguiam para a capital, Porto Príncipe. Drenaram a pista do aeroporto e instalaram uma torre de controle improvisada, substituindo a danificada pelo desastre. Foi a medida mais importante para começar a resolver o maior desafio da ajuda humanitária ao Haiti: o gargalo logístico. (p.79)

Este início de texto **narra** as ações americanas que se sucederam ao terremoto do Haiti, a **descrição** dos fatos enaltece os americanos. Podemos notar pelo discurso frases inadequadas já que, em nossa opinião, contêm juízos de valor. Dizer que apenas os americanos poderiam fazer tanto pelo Haiti, pode até ser uma verdade. Mas o que devemos esperar da nação mais rica e poderosa do planeta? Que contribua mais do que as outras e que apresente mais estrutura para isso. Afirmar que o terremoto de consequências devastadora teria sido pior caso a ajuda americana não viesse, também é verdade. Mas é apenas parte dela. Omitir, nesta reportagem, que fala de **ajuda humanitária** toda a solidariedade enviada pelo resto do mundo na forma de alimentos, remédios, dinheiro, água, bombeiros, equipes de resgate, médicos, roupas para citar algumas a Porto Príncipe é um erro grave. O repórter deve procurar a verdade e retratá-la da forma mais completa possível, foi o que afirmamos no capítulo teórico deste trabalho. Em nossa opinião a presente matéria não satisfaz este princípio.

A intervenção de emergência feita pelos americanos no aeroporto, que até o ano passado atendia no máximo a cinco voos internacionais diários, permitiu acomodar até 150 aeronaves por dia. Mesmo assim, centenas de aviões foram desviados para a vizinha República Dominicana. Os americanos enviaram ao todo 20 000 soldados para, na prática, assumir o coração da ajuda humanitária: desentupir as vias de acesso e distribuir comida – e também, pela intervenção extensa, prevenir um eventual êxodo pelo mar rumo a Flórida. (p.79)

Este trecho da matéria vem acompanhado de uma crítica à postura de alguns dirigentes de outras nações, que fizeram acusações ao trabalho americano no Haiti, afirmando que o acesso ao aeroporto estava sendo restringido. Como forma de rebater esta crítica a reportagem conclui:

Houve atrasos inexplicáveis e outras complicações desesperadoras, mas, se alguém estiver no meio de um desastre épico e puder escolher quem irá ajudar, vai preferir Barack Obama ou Hugo Chávez? (p.79)

O desfecho acima encerra a matéria da forma que começou: tendenciosa. As informações apresentadas durante o texto revelam apenas um lado da situação: o lado americano. Em nenhum momento o trabalho de outro país é citado como importante para o Haiti. Esta realidade defendida na matéria é verdadeira, mas é apenas parte da realidade. Em nossa opinião, para ser completa, uma reportagem sobre a ajuda humanitária deveria conter dados de todos os países, ou da maioria deles. Acreditamos que a reportagem analisada revela defeitos de **métodos de apuração**, de **construção de texto** e de **observação do repórter**; transmitindo ao leitor uma realidade senão errônea, no mínimo distorcida.

#### **5.1.7 O país que nunca foi** (Veja, ed.2149, jan.2010)

Esta reportagem tem caráter de **reconstituição histórica** e dá ao leitor subsídios para entender de onde surgem as dificuldades do contexto haitiano. A principal forma de apuração em reportagens deste tipo é a **pesquisa**, como podemos perceber no fragmento abaixo.

O Haiti tem povo, território e embaixadas, mas não é propriamente um país. Nunca foi. A sociedade haitiana constitui uma nação no sentido cultural do termo: um conjunto de pessoas com identidade histórica, linguística e religiosa comum. Nisso, o Haiti é rico. Mas lhe falta aquela pedra angular magnífica sobre a qual se erigiram os países que compõem a civilização: o contrato social. (p. 80)

O seguimento da matéria explica a importância da lei, para que o país não caia no caos e na anarquia. E argumenta que sob um estado corrupto e fraco a sociedade não consegue ir além da luta pela própria sobrevivência. Diferentemente das outras matérias analisadas até então, esta não apresenta trechos de narração de cenas ou descrição de fatos. Predomina nesta matéria a **explicação** e a **argumentação**.

Resgate, atendimento médico e segurança pública – serviços que só não eram totalmente inexistentes no Haiti por que a missão de paz da ONU os assumiu em 2004 – são alguns dos elementos sem os quais um estado não consegue fornecer aos cidadãos seus direitos básicos: proteção à vida, à saúde, à liberdade e à propriedade privada. Pois o Haiti não tem sequer forças armadas, dissolvidas que foram em 1994 pelo presidente Jean Bertrand Aristide para evitar golpes militares. (p. 80-81)

Este trecho revela argumentos defendidos pela reportagem, sem os quais não pode haver um estado soberano. E revela o Haiti como um **país** frágil, que sequer tem suas próprias forças armadas e que, no decorrer do texto é explicado, sofre historicamente devido a diversos governos desastrados.

“É preciso, agora, criar um programa internacional de dez anos para reconstruir, do zero o Haiti e suas instituições”, disse a VEJA o americano Robert Rotberg, da Universidade de Harvard, estudioso de estados falidos. O filósofo Frances Ernest Renan (1823-1892) considerava que uma nação é feita de consciência coletiva sobre um passado glorioso e de um ideal de futuro comum. “No que se refere às memórias nacionais, os lutos são mais valiosos que os triunfos, porque eles impõem obrigações e exigem um esforço conjunto”, escreveu Renan. Que desse princípio os haitianos consigam tirar forças para, finalmente, constituir um país. (p. 81)

A parte final da matéria traz a fala de uma **fonte**, um *expert* americano, que defende um plano de dez anos para a reconstrução do Haiti. O repórter busca também, através da **pesquisa** um princípio filosófico para afirmar que talvez seja esta enorme tragédia o ponto de partida para a construção de uma nova página na história do Haiti.

Reportagens como essa, históricas e reflexivas, são importantes em circunstâncias como a cobertura do terremoto do Haiti, pois auxiliam o leitor na construção do contexto que para a maioria é estranho. Dificilmente algum leitor da revista terá algum conhecimento prévio da história do Haiti. Um relato deste gênero, portanto, auxilia na compreensão da realidade atual. Serve de apoio para que o texto das outras matérias, que falam especificamente do factual, seja mais bem entendido.

### **5.1.8 Um símbolo de esperança** (Veja, ed.2149, jan.2010)

Nesta matéria, que mescla pouca narração de fatos e com muitas explicações científicas, o repórter inicia ressaltando a resistência das vítimas que mesmo após vários dias soterradas conseguiram sobreviver ao terremoto.

Quando se pensava que não era mais possível encontrar vida sob o mar de escombros que restou do terremoto do Haiti, um bebê recém-nascido, cinco crianças, uma jovem e duas senhoras foram resgatados mais de uma semana após a tragédia. A emoção das equipes de resgate por encontrá-los, tanto tempo depois, foi ainda maior diante dos gestos de alegria e gratidão dos sobreviventes. (p. 82)

Neste trecho o repórter **descreve** os sentimentos da equipe de resgate. O fato de citar as características das pessoas como “bebê”, “crianças”, “jovem” e “senhoras”, comprova que mesmo a fragilidade pode ser resistente quando se trata da luta pela vida.

Na quarta-feira passada, o menino Kiki Joachin, de 7 anos, saiu de baixo do que restou de sua casa em Porto Príncipe com os braços abertos e um sorriso largo no rosto. Comemorava, disse, por estar “livre” e “vivo”. Médicos, bombeiros e familiares disseram estar diante de verdadeiros milagres. A fé pode mesmo ter ajudado essas pessoas a suportar o sofrimento de permanecer soterradas. Mas a sobrevivência diante de condições tão adversas é uma questão biológica. “Não é milagre”, diz a intensivista Mariza D’Agostino Dias, chefe aposentada da UTI do trauma do Hospital de Clínicas de São Paulo. (p.82)

O fragmento acima traz a descrição do menino que foi resgatado mais de uma semana após a tragédia. A **descrição** dos gestos do garoto **humaniza o relato** e sua fala demonstra a alegria e o sentimento de uma criança que, após dias soterrado consegue finalmente reencontrar a família. No texto o repórter afirma que o resgate daquele menino não é um milagre e sim uma questão biológica, e traz a fala de uma **fonte especialista**, uma médica, para confirmar sua afirmação. Ao longo da matéria será explicado o porquê da sobrevivência ser, na opinião científica assumida pela reportagem, uma questão de biologia e não de fé.

A condição primordial que garante a sobrevivência das pessoas em situações extremas como essa é existir alguma fonte de oxigênio, por menor que seja. O cérebro não suporta mais do que quatro ou cinco minutos sem oxigenação e, uma vez em falência, começa a comprometer as demais funções vitais. Permanecer imóvel também é essencial. Em repouso, os órgãos passam a trabalhar com apenas 25% de sua capacidade de funcionamento, retardando o desgaste do organismo. É possível que uma pessoa aguente períodos longos sem comida – até vinte dias, estima-se. (p.82)

O trecho acima revela **pesquisa** do jornalista que traz noções de medicina determinantes para a sobrevivência de uma pessoa. É uma explicação interessante e complementar para que o leitor entenda a parte científica e não só a parte emocional, de esperança e fé, que os resgates envolvem. Vemos muitas matérias que procuram ressaltar o lado dramático dos momentos. Nesta reportagem, ao contrário, encontramos uma explicação que se afasta do emotivo e aproxima-se do físico.

Resistir sem água é mais difícil – o corpo depende dela para realizar quase todas as suas reações químicas. Não se pode determinar com precisão o tempo máximo que uma pessoa conseguiria sobreviver sem ingerir líquidos - essa equação depende de variáveis como o ritmo de desidratação que a temperatura ambiente impõe e a condição geral de saúde da vítima.

Sem a ingestão de água, vão se tornando mais lentas as reações químicas que ocorrem nas células do coração, pulmões, cérebro, fígado, rins – órgãos vitais para a sobrevivência. “O organismo consegue driblar por algum tempo a falta de líquido, convertendo gordura em água. Mas há limites para este recurso”, explica o patologista Marcos de Almeida, professor de medicina legal e bioética da Unifesp. Os órgãos param de funcionar gradualmente – a começar pelo coração – e ocorre a morte. Segundo Mariza D’Agostino, dez dias é algo próximo ao limite da resistência a desidratação. (p.83)

Este parágrafo traz o depoimento de informações dadas por duas fontes, ambas *experts*. Em assuntos científicos como a medicina é importante a fala de profissionais tanto para o jornalista construir sua matéria quanto para o leitor entender o que está sendo dito. A reportagem também ganha credibilidade com a palavra de especialistas.

Até o estado psicológico do soterrado interfere em sua capacidade de sobrevivência. Numa situação de pânico, o corpo descarrega altas quantidades de adrenalina e acelera o metabolismo, fazendo com que reservas sejam gastas mais rapidamente. Uma pesquisa publicada na revista Associação Mundial para a Medicina de Desastre e Emergência analisou os dados médicos de terremotos ocorridos entre 1985 e 2004. O levantamento mostrou que vítimas desse tipo de desastre sobrevivem, em média, de cinco a seis dias soterradas, mas algumas resistiram duas semanas. A vida às vezes tem limites mais elásticos do que se possa imaginar. (p. 83)

Neste trecho que encerra a matéria temos um dado de uma **entidade oficial**. Analisando a reportagem nota-se que é construída com a intenção de explicar uma parte mais técnica que é o funcionamento do corpo humano em situações extremas. O caso do menino resgatado apresentado no início ilustra e serve de gancho para as explicações técnicas que se sucedem nos parágrafos posteriores. Nestas ocasiões, é importante o trabalho do repórter no sentido de consultar **fontes confiáveis, dados comprovados**. Além disso, o jornalista deve construir uma redação capaz de traduzir a linguagem das fontes, que em alguns momentos pode se tornar muito técnica, de uma forma a torná-la acessível a maior parte das pessoas.

### 5.1.9 Características da cobertura da *Veja*

Através da análise realizada das matérias relacionadas ao Haiti publicadas nas edições da revista *Veja* de 20 e 27 de janeiro de 2010 podemos inferir que a principal característica da cobertura é ser **informativa**. A *Veja* faz isso apresentando na primeira edição um conjunto de quatro reportagens que se concentram em: primeiro, contar como

aconteceu o terremoto e, principalmente, o que ele causou e segundo, falar das vítimas brasileiras, especialmente Zilda Arns que ganha uma matéria especial.

Para transmitir aos brasileiros um **retrato do Haiti** a revista enviou uma equipe especial. A primeira matéria, *O dia em que o mundo acabou*, cumpre bem o papel de matéria principal, trazendo uma **observação** e uma **descrição** do Haiti, de seu **povo** e de sua tragédia muito bem construída. O texto é bem construído, claro, objetivo. Tem a dose de **dramaticidade** que o momento exige, sem ser apelativo ou sensacionalista. Traz os fatos contextualizados, organizados e permite que o leitor possa compreender o que aconteceu no Haiti, mesmo que nunca tenha ouvido falar do país caribenho. O **papel do repórter** é importante, atentando para detalhes que poderiam passar despercebidos e olhando as situações de uma forma original.

As imagens utilizadas em grande número nesta reportagem e têm uma função importante retratam bem a realidade do país, servem de apoio ao texto e o complementam. Algumas chegam a chocar pelas cenas de total abandono e destruição. A matéria apresenta ainda um grande infográfico que apresenta a localização geográfica do Haiti e informações resumidas sobre o país (dados sociais e demográficos) e sobre os terremotos (porque ocorre, como se mede, ranking dos maiores terremotos). É mais uma boa ferramenta, que auxilia o leitor no entendimento das informações e que permite, ao leitor mais apressado, uma busca mais objetiva de dados, já que o texto da matéria é longo.

A segunda matéria, *Diário do Desastre*, é emblemática, pois é a **exposição pessoal do repórter** no local da tragédia. É a sua visão sobre o acontecimento. O relato é todo construído em primeira pessoa. É uma reportagem que possui um caráter informativo sim, mas possui um lado de **aproximação** e **sensação** muito forte. O relato é aproximado do leitor pelo uso da **primeira pessoa** e da **descrição** de sensações pessoais do autor. A **descrição** e a **narração** de cenas e fatos que aconteceram com ele no local é muito positiva, no sentido que o leitor percebe o envolvimento do jornalista com a causa que esta tratando. É impossível ficar insensível em uma situação como essa e, em nossa opinião, o leitor ter a noção dessa sensibilidade da parte do repórter é muito importante. O que podemos tirar de mais relevante dessa reportagem é o valor do repórter na rua, no local dos fatos, fornecendo a sua **observação** e o seu **testemunho**.

A reportagem *A tragédia dos heróis brasileiros e Viveu como santa, morreu como mártir*, são complementares e têm, em nossa opinião, como função principal o reconhecimento ao trabalho **das vítimas brasileiras** que morreram na missão de construir um Haiti melhor. A primeira relata o trabalho das tropas brasileiras no comando da missão de paz da ONU para pacificar o país. Além disso, apresenta pequenos perfis das vítimas, acompanhados de imagens das mesmas. Nos perfis prevalece a ênfase no lado familiar e pessoal da vítima. Os militares são apresentados como homens sonhadores, idealistas e dedicados. Já a segunda matéria é dedicada a construir um **perfil biográfico** de Zilda Arns, médica fundadora da Pastoral da Criança. Através de **informações bem contextualizadas e depoimentos de fontes**, a médica tem os principais feitos de sua trajetória contados até o fatídico dia 12 de janeiro de 2010. Os momentos que antecederam sua morte são **narrados detalhadamente**. E o desfecho da matéria lhe rende homenagem, intitulando-a santa e à sua obra milagre. Esta reportagem apresenta um box especial que explica como é preparada a multimistura da Pastoral da Criança aplicada no combate a desnutrição infantil. É um texto de apoio, destinado a fornecer informações complementares aos leitores mais curiosos.

A matéria *O caos depois do desastre*, publicada na edição de 27 de janeiro é um **registro** da situação social caótica do Haiti pós-terremoto. É um grande retrato ambiental do país caribenho. O texto do repórter enviado a Porto Príncipe eleva a **observação participante** ao seu mais alto grau e mostra toda a importância deste método de apuração. Somente através dele seria possível construir um relato tão completo, tão envolvente e tão verídico do Haiti. Esta matéria traz também, em nossa opinião, as melhores fotos da cobertura. As imagens utilizadas são de uma significância muito grande, retratam o caos, a perturbação, a loucura em que a capital do país se transformou. A matéria também projeta, embora superficialmente, o trabalho de **reconstrução do país**.

A matéria *Melhor com eles, impossível sem* é totalmente dedicada a enaltecer a presença das tropas americanas no Haiti e o trabalho realizado por elas. Em nossa opinião esta matéria é um erro na cobertura, é insuficiente e tendenciosa, a partir do momento em que pretende falar de **ajuda humanitária** e considera apenas a visão de um país. O trabalho de nenhuma outra nação é sequer citado e o presidente venezuelano,

Hugo Chávez, tem a sua imagem afetada ao ser comparado com Barack Obama. Esta é uma matéria, a nosso ver, que destoa do restante da cobertura realizada pelo veículo e que não cumpre alguns preceitos jornalísticos básicos como a busca da verdade e a transparência.

*O país que nunca foi*, é uma reportagem de **reconstituição histórica** que traz um da memória do Haiti. Contextualiza as muitas crises que o país sofreu antes e depois de sua independência, os principais problemas enfrentados e aponta razões pelas quais o Haiti nunca se constituiu como uma verdadeira nação. Esta é uma matéria breve, mas importante para que possa se entender melhor a realidade do país caribenho. Não podemos considerar os fatos isoladamente, dizer que o Haiti já era trágico antes do terremoto sem dar ao leitor condições de entender essa informação é insuficiente. Portanto, esta reportagem auxilia na tarefa de ampliar o conhecimento do leitor para que a sua interpretação dos fatos possa ser feita da maneira mais correta possível.

A última matéria analisada, *Um símbolo de esperança*, fala do resgate das vítimas dias após o tremor que fez tudo vir ao chão. Mas ao contrário do que seria mais óbvio imaginar, esta matéria não conta histórias de vida ou enfatiza o lado dramático. Ela traz uma visão científica de como é possível sobreviver tantos dias sob os destroços. É um olhar diferente, incomum. É válida na medida em que traz uma série de informações que podem mais ser interessantes para os leitores do que a história de vida particular de cada um, como algumas matérias deste tipo trazem. A reportagem apresenta uma foto simbólica, de um menino de 07 anos de sorriso e braços abertos, sendo retirado dos escombros pelos bombeiros. É uma foto de esperança, de vitória e principalmente de recomeço. Tudo o que o Haiti precisa para seguir em frente e construir uma história mais feliz. É a foto apropriada para encerrar uma cobertura que, excetuando a reportagem sobre as tropas americanas, cumpriu seu papel de informar com qualidade, de prestar um serviço público de muita importância e construir boas reportagens.



## 5.2 Revista *Época*

A partir de agora passaremos a análise das matérias da revista *Época*, serão analisadas todas as reportagens relacionadas ao terremoto do Haiti publicadas nas edições 609 e 610. Como na análise da revista *Veja*, consideraremos como objeto de análise apenas o texto principal de cada matéria.

### 5.2.1 *Um país inteiro para reconstruir* (*Época*, ed.609, jan.2010)

A reportagem começa com a **descrição** do momento do terremoto. Se fosse uma ficção poderíamos dizer que inicia com o clímax, com o **fato mais importante**. É uma das formas de construir o *lide*, apresentando a ação principal.

Uma nuvem de poeira encobriu Porto Príncipe, a capital do Haiti, às 16h53 da terça feira 12. Quando ela se dissipou e foi possível ver a cidade de novo, não havia mais uma cidade. Casas e barracos transformaram-se em um amontoado de entulho. Aos gritos de “Jesus, Jesus!”, milhares de pessoas perambulavam pelas vielas da cidade mais populosa do miserável Haiti, o país mais pobre das Américas. (p.66)

Apenas neste trecho inicial já podemos encontrar vários pontos importantes: primeiro, a **descrição detalhada e humanizada**; segundo, **dados de informativos** como o fato de Porto Príncipe ser a cidade mais populosa do Haiti e do Haiti ser o país mais pobre das Américas. São elementos contextuais que logo já apresentam ao leitor fatores determinantes da realidade local como a pobreza, podemos perceber esses indícios também pelas expressões “barracos” e “vuelas”.

Com 1,2 milhão de habitantes, Porto Príncipe acabara de ser atingida em cheio por um terremoto devastador, que aniquilou o que havia da precária infraestrutura. Ao anoitecer, os haitianos estavam sem luz, sem água potável, sem telefone, sem hospitais. Desesperados muitos já saqueavam lojas em busca de comida. (p.66)

No fragmento acima segue a apresentação de dados como o número de habitantes da cidade e a descrição da realidade local logo após a tragédia. Analisando apenas estes trechos iniciais podemos notar que esta reportagem se caracteriza por ter uma **narrativa** essencialmente jornalística e muito objetiva e direta. Algumas vezes as reportagens aproximam-se da linguagem literária, não é o caso da que é objeto desta análise.

Boa parte das construções veio abaixo com o tremor de 7 graus na Escala Richter – até o palácio presidencial foi parcialmente destruído. Os trabalhos de resgate se davam em meio a vários pequenos tremores secundários. Ainda é difícil ter uma dimensão dos estragos, mas o número de mortos se contava em dezenas de milhares. Segundo a Cruz Vermelha, os feridos na capital e nas cidades do entorno podem passar de 3 milhões, um terço da população haitiana. É a maior tragédia da história de um país especialmente assolado por tragédias e fez o planeta inteiro voltar os olhos para esta nação marcada pela miséria, pelo caos político e por catástrofes naturais, como furacões e enchentes. (p.66)

O trecho acima segue informativo e direto. Ao contrário das reportagens da revista *Veja*, nas quais as informações são diluídas ao longo do texto, nesta reportagem podemos notar um **grande volume de dados** nos primeiros parágrafos. Apenas no fragmento anterior temos comentários sobre o trabalho de resgate, sobre a intensidade do terremoto, sobre as tragédias que historicamente assolam o Haiti, sobre a estimativa de vítimas e sobre a atenção do mundo voltada ao país caribenho. Apesar disso, não há confusão para o leitor já que a **narrativa** é construído de forma direta e clara.

O Brasil terá um papel importante na reconstrução do país. Desde 2004, comanda a Minustah, uma missão de paz das Nações Unidas que foi bem-sucedida ao trazer o mínimo de ordem institucional. Tudo isso virou pó. Se a tarefa de fazer o Haiti um país viável já era um desafio, levantá-lo da ruína absoluta vai requerer um esforço sem precedentes do mundo inteiro. (p.66)

Neste último trecho de abertura da matéria notamos a explicação da importância da **presença brasileira no Haiti** e a projeção a respeito da **reconstrução** do país. Estes parágrafos iniciais funcionam como um grande resumo e tocam em todos os aspectos que envolvem a cobertura do terremoto do Haiti (terremoto, situação do país, história do Haiti, vítimas, resgate, participação do Brasil, etc.).

A desolação e a dor no rosto de cada haitiano comoveram o planeta. Até o final da semana passada, as doações ultrapassavam os US\$ 350 milhões somente em contribuições financeiras. É mais de 70% de tudo o que o país exportou ano passado. Ao longo de seus 205 anos de existência, nunca o Haiti recebera uma ajuda externa dessa magnitude, embora já tenha passado por catástrofes consideráveis. As maiores quantias saíram dos Estados Unidos e do Banco Mundial (US\$ 100 milhões cada um). O Brasil anunciou que vai contribuir com US\$ 15 milhões e enviar aviões com comida, água, remédios. O sentimento de cooperação global foi resumido pelo presidente americano, Barack Obama: “Vocês não serão deixados para trás nem esquecidos. O mundo está com o Haiti.”. (p.71)

Este trecho começa enaltecendo a **solidariedade** do mundo para com os haitianos. E apresenta números que representam o volume de recursos recebidos pelo país. Aparece também a declaração de uma **fonte oficial**, Barack Obama, que resume o papel da **ajuda humanitária** em reconstruir o Haiti. Os **dados numéricos** são

importantes por que são exatos e facilitam que o leitor entenda e dimensione a quantidade de dinheiro. O repórter acrescenta também a idade do país, 205 anos. Reunindo todos os dados históricos, geográficos e sociais sobre o Haiti que aos poucos vão sendo lançados no texto, podemos elaborar um **retrato do país**. São dados de contexto que apóiam à narrativa, já que os leitores não possuem conhecimento prévio da realidade, cultura e história local.

Ainda que as ofertas sejam rápidas, o Haiti demanda muito mais. Numa emergência assim, a miséria haitiana multiplica a catástrofe. O país não tem hospitais suficientes ( e alguns ainda foram demolidos pelos tremores), não tem máquinas para ajudar no resgate, não tem gente treinada. O envio de ajuda é prejudicado pela destruição dos portos e das estradas que levam à capital. (p.71)

Neste parágrafo o repórter ressalta a necessidade de ajuda, devido ao tamanho da tragédia e a total falta de estrutura do país. Descreve as dificuldades que são encontradas para socorrer os feridos e resgatar os soterrados. A **narrativa é terceira pessoa**, mas o **relato** se torna mais **humanizado** pelas ponderações do jornalista.

Mais de dois dias após o tremor principal, grupos de haitianos tentavam ajudar vizinhos, familiares e desconhecidos cavucando nos escombros das casas. Sem ferramentas, sem água nem remédios, conseguiram salvar algumas pessoas. Mas não muitas. É pouco provável que, quando as equipes profissionais estiverem prontas para atuar, ainda haja muitos sobreviventes debaixo das pedras e vigas das casas destruídas. (p.71)

Temos acima um trecho mais descritivo, que retrata a luta dos haitianos que, mesmo sem dispor de meios, lutam para resgatar sobreviventes. A solidariedade do próprio povo local com as vítimas é enfatizada no trecho.

Mesmo assim, a ajuda será essencial. Primeiro, para tratar dos milhares de feridos que estão nas ruas. Até uma perna quebrada, uma escoriação considerada levíssima na atual situação do país pode levar a complicações e à morte, se houver infecção. Em segundo lugar, a ajuda internacional precisa se concentrar em devolver ao haitianos as mínimas condições de vida – moradia, comida, água potável. O mundo percebeu essa necessidade urgente nos primeiros minutos após a tragédia. Antes do anúncio de qualquer ajuda oficial começou a mobilização de milhões de cidadãos comuns. (p.71)

O **apelo solidário** está presente mais uma vez. O repórter diz diretamente que toda a ajuda é essencial e que o mundo precisa devolver ao povo haitiano as condições básicas de sobrevivência. É uma solicitação a todos para que amparem o país caribenho.

E um reconhecimento aos cidadãos que mesmo antes da divulgação das doações oficiais iniciaram uma mobilização em prol das vítimas.

Sem energia e com os telefones mudos, as pessoas que estavam em Porto Príncipe usaram sites, blogs e redes sociais (cujas conexões eram feitas por satélite) para pedir socorro. Um dos relatos veio de um grupo de estudantes de antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que usou seu blog de trabalho para descrever o caos na cidade. “Desde ontem a população dorme nas ruas” escreveu o professor Omar Ribeiro Thomaz. “Períodos de silêncio são entrecortados por cânticos e clamores, sobretudo após os tremores”. (p.72)

Este fragmento apresenta o depoimento de uma **fonte testemunha**, que contribui muito para tornar o relato mais humanizado e impressionista. Além disso, é ressaltada a ausência da quase totalidade dos meios de comunicação. A principal forma de apuração apresentada pela matéria é a **pesquisa e a entrevista**. No seguimento do texto o repórter cita o trabalho da Ong Viva Rio no Haiti e resalta o fato da ONG abrir as portas para abrigar 8 mil sobreviventes no país. Os meios de comunicação são assunto também para o próximo parágrafo que cita o Twitter, fenômeno da internet, como uma poderosa arma de comunicação que foi usada durante a tragédia para relatar o que estava acontecendo e pedir ajuda.

A preocupação mundial foi crescendo a medida que se avolumavam os relatos do grau de desordem provocado pelo terremoto. Na noite do primeiro dia, com a cidade completamente às escuras, saques e tiroteios ocorriam em vários pontos. Nas áreas além das montanhas que circundam Porto Príncipe, onde a destruição foi menor, seguranças particulares tentavam proteger as lojas intactas. Como o presídio central também desmoronou, dezenas de presos fugiram o que aumentou a sensação de insegurança. Outra fonte de temor eram os abalos que sucederam ao terremoto. “Muitas pessoas entraram nos prédios para ajudar os feridos e morreram em tremores secundários. O povo está dormindo na rua com medo de ser pego por outro tremor”, afirmou Fabrício Silva Bassalo, integrante da força policial das Nações Unidas no país. (p.72-74)

Este parágrafo descreve a situação caótica do Haiti pós-terremoto, onde impera a lei do mais forte e traz a declaração de mais uma **fonte oficial**, agora um integrante das Nações Unidas. A insegurança e os atos de violência são detalhados pelo repórter, que os apurou através da **observação**.

O número de mortos – estimado em 30 mil, 50 mil, até 100 mil – é uma incógnita e deverá continuar assim por vários dias. Até porque o Haiti não tem um censo de sua população. O porta-voz do Departamento de Missões de paz da ONU, Lee Woodyear afirma que “pode demorar semanas para dimensionar o impacto do terremoto”. E lamenta: “Estávamos muito perto de uma situação de estabilização social no Haiti. Mas não acredito que todo o trabalho será perdido. As forças de paz estão ativas sem data para sair.” (p.74)

Nesta fração da reportagem aparece mais uma **fonte oficial**, um representante da ONU. A presença de fontes de vários tipos como **oficiais, testemunhas, experts**, enriquece a matéria porque revela os diferentes lados. E revela outro método de captação de informações para o texto, a **entrevista**.

Para a analista política Amélie Gauthier, que esteve diversas vezes no Haiti, o tremor pode atrasar “em anos” a recuperação do país, que já era complicada. “Mesmo com a ajuda da ONU nos últimos anos, é um lugar muito vulnerável. Qualquer catástrofe ganha proporções muito maiores. Países vizinhos como Cuba e República Dominicana, também sofrem com desastres naturais, mas estão bem mais preparados para enfrentá-los”. (p.74)

Este trecho do texto traz a opinião de uma **fonte expert**, especializada no assunto. Depoimentos especializados são importantes para contribuir com informações e avaliar os fatos. O seguimento da narrativa comenta o fato do tremor ter acontecido no período de troca das tropas brasileiras, no mesmo dia um avião saiu do Brasil levando os militares e não pode pousar na capital do Haiti.

Por enquanto a transferência está cancelada. O governo brasileiro sabe da importância de seus soldados para evitar um estado de guerra civil enquanto continuarem os trabalhos de resgate. A Minustah conseguiu reduzir a criminalidade em locais outrora dominados por gangues, como a favela Cité Soleil, a maior de Porto Príncipe. Mas trabalhar num cenário de destruição completa torna a tarefa imprevisível. E muito mais necessária. (p.74)

Este parágrafo expõe a decisão do governo brasileiro, solidária ao Haiti, de manter os militares no país para auxiliar no trabalho de reconstrução e apresenta os resultados pacificadores que a missão da ONU já havia conquistado no país. E ressalta que embora o trabalho na realidade haitiana seja mais difícil é extremamente mais necessário. Através dessa afirmação o repórter reforça a mensagem de necessidade de ajuda ao Haiti.

O governo brasileiro anunciou na quinta-feira um plano emergencial para enfrentar o que classifica como os cinco problemas mais graves do Haiti após o terremoto: o sepultamento dos mortos; o socorro médico aos feridos; a remoção de destroços; o reforço da segurança nas operações; e a distribuição de suprimentos, principalmente água e comida. Cumprir essa missão tem um caráter heroico. O terremoto no Haiti custou a maior baixa do Exército brasileiro desde a Segunda Guerra Mundial. Pelo menos 14 militares brasileiros morreram, segundo informações divulgadas pelo Exército até a tarde de sexta-feira. Doze ficaram feridos e quatro estão desaparecidos. Desde 2004, quando as tropas brasileiras chegaram ao país, o número de vítimas era quatro. (p.75)

Este parágrafo valoriza a ação do governo brasileiro e classifica a missão brasileira como heroica. O trabalho das **vítimas brasileiras** é reconhecido e a narrativa ressalta o fato de ser a maior baixa do Exército desde a Segunda Guerra Mundial. Este apelo à posição de importância ocupada pelo Brasil na **reconstrução do Haiti** é justo, já que pela primeira vez nosso país ocupa papel de destaque em missões internacionais.

A dificuldade de conseguir informações sobre outras eventuais vítimas e até sobre o traslado dos corpos levou desespero aos familiares e combatentes. “Não aguentamos mais esperar”, diz a enfermeira Elisângela Santos, prima de um militar que morreu durante a tragédia. “O Exército disse que a chegada dos corpos demoraria entre dez e 15 dias. Depois contaram que não havia uma data precisa”. O Ministério das Relações Exteriores anunciou que os corpos dos militares mortos e feridos chegariam ao Brasil já no final de semana. (p.75)

A partir deste ponto a matéria começa a contar o drama dos familiares e dos militares que morreram no Haiti. O fato de que já estavam se preparando para voltar, o que pretendiam fazer na volta foram aspectos que ganharam destaque e aumentaram o drama da situação.

“Eu só me lembro de quando ele dizia que já estava preparado para voltar”, dizia aos soluços Estela Santos, prima do cabo Washington Serafin, de 23 anos, vítima do terremoto. Os pais de Washington, sob sedação, mal conseguiram falar. Na beira da janela de casa, sua namorada continuava aos prantos dois dias depois da notícia. (p.75)

Este trecho demonstra o desespero de uma família que perdeu seu filho no terremoto. E, ao mesmo, representa a dor de todas as famílias que perderam seus entes queridos. Retratar o sofrimento de brasileiros que perderam familiares na tragédia, nos aproxima do drama haitiano. Demonstra que estamos todos interligados, que a realidade do Haiti de uma forma ou de outra nos afeta e que precisamos fazer algo para ajudá-los. No seguimento deste trecho a história de Washington é detalhada, conta que quando voltasse ele iria se casar e retomar a faculdade e tudo isso foi interrompido quando ele morreu no último dia de seu plantão no Haiti. A história de mais algumas **vítimas brasileiras** é contada, assim como fizeram com Washington. Os sonhos de futuro e a proximidade da volta, além do orgulho em servir ao Brasil são pontos comuns nas diferentes trajetórias.

Além de manter no Haiti os mais de 1.200 militares brasileiros que estavam no país no momento do terremoto, o Exército enviou três aviões C-130 Hércules da Força Aérea Brasileira (FAB), que levaram ao Haiti uma unidade hospitalar móvel completa. Chamado de Hospital de Campanha Aeronáutica, esse serviço de atendimento médico inclui uma unidade de terapia intensiva, um laboratório e máquinas de raios X. Uma equipe de 50 profissionais da área da saúde também viajou para o país. Outro grupo de brasileiros embarcou para Porto Príncipe na semana passada. Trinta bombeiros foram recrutados no Rio de Janeiro para atuar nos resgates sob os escombros. Desses, 25 haviam trabalhado na tragédia da Costa Verde Fluminense, em que deslizamentos nas encostas mataram 53 pessoas. (p. 77)

Este trecho acima é o início de uma longa descrição da **ajuda humanitária** enviada pelo Brasil ao Haiti. O contingente e sua qualificação, equipamentos, máquinas, cães, remédios, água, roupas, alimento. Depois disso, o texto fala um pouco do auxílio que partiu do mundo inteiro, México, Espanha, França, Colômbia, etc.

Além de solidariedade instantânea, a tragédia gerou uma necessidade de explicações. Diante de um país em que pouca coisa deu certa até hoje, alguns esgrimiam argumentos preconceituosos. Sem saber que estava sendo gravado durante uma entrevista ao SBT, o cônsul do Haiti no Brasil, George Samuel Antoine, afirmou: “Acho que, de tanto mexer com macumba, não sei o que é aquilo... o africano tem em si maldição. Todo o lugar em que tem africano ta f...”. Na visão de Antoine, “a desgraça de lá está sendo uma boa para a gente aqui, (porque) fica conhecido”. (p.78-79)

Neste fragmento temos revelada a infeliz frase preconceituosa do próprio cônsul do Haiti no Brasil. O prosseguimento do texto cita também o caso de um pastor americano que acusou os haitianos de terem pacto com o diabo. A reportagem explica que o que eles chamam de macumba é, na verdade, *vodu* culto popular no Haiti que mistura rituais africanos e católicos. O repórter afirma que a única interferência do *vodu*, é o fato de os corpos não poderem ser tocados antes dos rituais fúnebres. Quando se tem um número tão expressivo de mortos isso é um grande problema.

Os desafios criados pelo terremoto passam não somente pela reconstrução física do país, mas principalmente pela construção de algo que possa ser chamado de Estado. O Brasil está na dianteira desta tarefa por causa da boa imagem construída entre a população ao longo dos quase seis anos que lidera a Minustah. Há conflitos, claro, mas certamente é no Brasil que os haitianos mais confiam para coordenar a empreitada. Eles nos veem como um irmão mais forte, não como uma potência intervencionista como consideram os Estados Unidos. (p.79)

O desfecho da matéria projeta o futuro. E o papel e a responsabilidade do Brasil nesta reconstrução. O carinho e a confiança dos haitianos nos brasileiros são lembrados. E há a diferenciação da visão do povo local sobre o Brasil e sobre os Estados Unidos. Sigamos para análise do final da matéria:

Um exemplo histórico da acolhida haitiana foi a comoção em Porto Príncipe quando milhares de pessoas lotaram o Estádio Sylvio Cator para assistir a um amistoso entre a Seleção Brasileira e o Haiti, em agosto de 2004, logo no início das operações Minustah. Foi para esse mesmo estádio que os haitianos correram, agora na tentativa de encontrar um local para dormir. E lá realizaram a maior manifestação coletiva de esperança após o terremoto. À noite, no meio da escuridão das arquibancadas, entoavam cânticos de graças, por terem escapado do tremor. Mesmo sem nenhum motivo para comemorar, os haitianos agradecem por estar vivos. (p.79)

O último parágrafo, mais uma vez, é marcado pela força do povo do Haiti. Mesmo em meio a dor, morte e destruição, a esperança e a crença de dias melhores prevalecem. Não podemos duvidar do futuro de uma nação que, apesar das quedas, insiste em levantar.

Analisando esta longa matéria na revista *Época*, notamos que ela concentra muitas em uma só. Os dados do terremoto, a forma como aconteceu, as **vítimas brasileiras, a ajuda humanitária, o papel do Brasil, os resgates**, enfim, todo o universo de fatos secundários relacionados ao fato principal que é a tragédia no Haiti.

Notamos a presença de muitos **dados concretos**, e pouca **descrição**, o que torna o relato pouco impressionista, embora existam trechos com essa característica. São usadas **fontes** variadas, de todas as categorias. De uma forma geral, a matéria preocupa-se em valorizar a solidariedade já enviada ao Haiti e incentivar para que mais doações sejam concedidas. O Brasil aparece como o grande diretor de todo este trabalho de reconstrução, devido aos bons resultados conquistados pela Minustah.

Quanto aos meios de captação podemos ressaltar a **pesquisa** e a **entrevista**. A observação aparece, mas de forma secundária e não participante. A narração é feita em terceira pessoa, o texto é claro, direto e objetivo. Não há muitas descrições detalhadas nem características literárias, todo o relato é extremamente **informativo**. A reportagem traz elementos contextuais importantes para o entendimento da realidade do Haiti. A matéria foi escrita por uma equipe de reportagem e não há indícios de que algum deles estava no local do terremoto, já que há falta de **observação participante**, o que confere a matéria um estilo impessoal.



### 5.2.2 “*Que morte linda*” (*Época*, ed.609, jan.2010)

Esta matéria já apresenta em seu título a declaração de uma **fonte**. “Que morte linda” foi a frase usada pelo cardeal Paulo Evaristo Arns para definir a morte da irmã, a médica Zilda Arns. Esta reportagem é dedicada a contar a história da fundadora da Pastoral da Criança, que morreu vítima do terremoto de 12 de janeiro no Haiti.

Na residência em Taboão da Serra, onde passa o dia em leituras, recebe raríssimas visitas e tem o coração monitorado por um marca-passo, o cardeal emérito Paulo Evaristo Arns ouviu a notícia de forma cuidadosa: sua irmã Zilda Arns acabara de morrer, vítima de um terremoto de proporções até então desconhecidas que ocorrera no Haiti. A morte fora confirmada poucos momentos antes, por Gilberto Carvalho, o secretário pessoal do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que se encarregou de transmitir a informação à cúpula da Igreja Católica. “Que morte linda”, reagiu o cardeal, sem esconder a tristeza, conforme um amigo da família. (p.80)

Neste trecho inicial podemos notar que repórter usa a **descrição detalhada** do momento em que o irmão de Zilda Arns, cardeal Paulo Arns, recebe a notícia da morte da irmã. Antes ainda disso são citados a cidade, as condições de saúde e os hábitos de vida do cardeal. O repórter narra que conforme uma fonte amiga da família o cardeal proferiu a frase “que morte linda”, logo após ouvir a notícia. A sentença é emblemática, serve de título para a matéria e provoca a curiosidade do leitor, já que é difícil classificar algum tipo de morte como lindo. A forma de construção do texto, iniciando pela descrição, seguindo para o fato principal e encerrando com esta frase simbólica também aguça o interesse do leitor pela história que será contada.

Habitante deste indispensável universo de homens e mulheres capazes de sacrificar o conforto pessoal para dedicar uma vida inteira àquilo que a experiência humana define como “bem-estar do próximo” e dessa maneira conquistar um lugar na história de um povo inteiro, Zilda Arns Neumann morreu como viveu nos últimos 27 anos – desde que colocou de pé a Pastoral da Criança, entidade que mobiliza 260 mil voluntários em 80% dos municípios brasileiros para atender 95 mil gestantes e 1,8 milhão de meninos e meninas que sobrevivem abaixo da linha da pobreza. (p. 80)

O parágrafo acima define Zilda Arns como uma pessoa que dedicou sua vida a fazer o bem para os outros, através de sua entidade, a Pastoral da Criança. Ressalta a existência de sua vida como importante para um povo inteiro. Seu trabalho e de sua entidade é contabilizado em **dados estatísticos** que apresentam números significativos de pessoas envolvidas e municípios e vidas beneficiadas. Colocando os impressionantes

números da Pastoral da Criança, logo no início da matéria o jornalista já apresenta o tamanho do trabalho desta médica e porque ela foi tão importante, ou seja, posiciona o leitor sobre o que ele irá ler em detalhes logo em seguida.

Na quarta-feira passada, celebrando na Catedral da Sé uma missa em memória de Zilda Arns e demais vítimas do terremoto no Haiti, o padre Julio Lancelotti lembrou: “Onde a Igreja deve estar? No meio dos pobres, no meio do povo sofrido, onde ninguém vai fazer turismo”. (p.80-82)

Com a morte de sua fundadora, o trabalho da Pastoral da Criança ganhou mais destaque do que já tinha. A memória de Zilda Arns e seus feitos foram lembrados pelo Brasil inteiro. O repórter coloca, neste trecho, um depoimento de mais uma **fonte**, padre Julio, que representa bem o público-alvo do trabalho da Pastoral: os necessitados, os esquecidos, os mais fracos.

Treze anos mais velho, o irmão Paulo Evaristo aparece no início e no fim desta história de final trágico, mas enredo inspirador. Com autoridade de quem enfrentou os desafios do regime militar, em 1982 o cardeal recebeu um convite das Nações Unidas para a Infância (Unicef) para iniciar uma campanha nacional contra a mortalidade infantil, então uma vergonha mundial. Não faltariam recursos, lhe disse James Grant, o secretário executivo do Unicef. Mas era preciso um líder, esclareceu. Dom Paulo não tinha tempo nem agenda para a empreitada. Autorizado por James Grant, convidou a irmã, médica formada, pediatra e sanitarista, na época uma burocrata graduada na Secretaria de Saúde do Estado do Paraná, para assumir a tarefa. (p. 82)

No parágrafo acima começa a ser contada a história de Zilda Arns e da Pastoral da Criança. Os fatos são narrados cronologicamente, de forma clara para o leitor, como um conto ou história literária. O **detalhamento** revela um bom trabalho de pesquisa biográfica da reportagem. A **narração** é toda em **terceira pessoa**, com o narrador presente através da observação dos fatos e pequenos comentários. No seguimento do texto, o repórter conta que dias atrás Zilda passara em Taboão da Serra para visitar o irmão, como fazia sempre que estava em São Paulo e pouco depois embarcou para o Haiti.

De acordo com um relato distribuído pelo senador Flavio Arns (PSDB-PR), sobrinho de ambos que rumou para a América Central assim que soube da tragédia, a morte de Zilda ocorreu numa dessas combinações de circunstâncias que contribuem para lembrar os acasos da existência. Zilda Arns acabara de fazer uma palestra em Porto Príncipe para 150 pessoas sobre a Pastoral da Criança quando o terremoto ocorreu. Nesse momento, ela conversava com um sacerdote. “O padre que estava conversando com ela deu um passo para o lado e a doutora Zilda recuou um passo e foi atingida diretamente na cabeça quando o teto desabou. Ela morreu na hora”, disse o senador. Uma única pessoa do grupo sobreviveu – o padre ao lado de Zilda. Outras 15 morreram. (p.82)

Através do relato do sobrinho de Zilda Arns, temos um **testemunho detalhado** dos momentos que antecederam a morte da médica. O repórter ressalta o fato de que apenas o padre que estava ao lado de Zilda sobreviveu. O texto desta reportagem descreve cenas que permitem que o leitor visualize os acontecimentos, isso produz um **relato humanizado**.

Viúva relativamente jovem, três meninos e duas meninas para criar, tão apegada aos cuidados da infância que amamentou cada um dos filhos até o segundo ano de idade, ao aceitar a incumbência oferecida pelo irmão, Zilda deu início a uma dessas aventuras em que o destino de uma pessoa se cruza com o de um país. “Ela soube encontrar soluções simples para problemas graves”, diz o deputado Alceni Guerra (DEM-PR), também médico e pediatra. (p.82)

Após o relato da morte da médica, a história volta para o momento em que Zilda aceitou do irmão a tarefa do Unicef. O repórter cita circunstâncias de sua vida e enfatiza seu cuidado com a infância dos filhos, cuidado esse que se estenderia aos filhos de todas as mulheres. Outra **fonte** dá seu **testemunho**, o deputado também médico, Alceni Guerra.

Em 1991, durante o governo Collor, no qual ocupou o Ministério da Saúde, Alceni assinou o primeiro convênio importante – meio milhão de dólares – com a Pastoral da Criança, que deu um impulso decisivo à mobilização de voluntárias pelos pontos mais remotos do país. “Ela salvou milhões de vidas e deu uma lição ao Brasil”, diz Alceni. (p.82-83)

No parágrafo acima o jornalista introduz um incentivo governamental em dinheiro, que veio através do deputado Alceni e que deu impulso ao trabalho da Pastoral da Criança e traz o testemunho da fonte de que Zilda, através de seu trabalho salvou muitas vidas. Na parte seguinte são apresentados os resultados disso tudo.

Ao longo dos anos, a atividade da Pastoral da Criança gerou números dignos de uma celebração. A mortalidade infantil nas comunidades alcançadas pelas voluntárias de Zilda Arns é de 11 óbitos no primeiro ano de vida para cada 1000 nascidos vivos. Nos outros locais, esse índice chega a 22,5 para cada 1.000 nascidos vivos. Os dados são impressionantes ainda que possam ser ponderados. Refletem o trabalho da Pastoral e também uma evolução global ocorrida nas últimas décadas, com a urbanização da vida social, as mudanças no serviço público e a própria causa de morte das pessoas. (p.83)

Apresentar os números da Pastoral e de qualquer outro assunto que se esteja falando em uma reportagem é sempre um bom recurso. Números são exatos, contra eles não há argumentos ou interpretações errôneas. Então eles garantem credibilidade ao

texto e informam ao leitor dados concretos que podem ser usados para comparar, relacionar com outros, etc.

No seguimento da narrativa o repórter explica que atualmente os voluntários da Pastoral trabalham em conjunto com o Ministério da Saúde, percorrendo todos os cantos deste país. Através da **pesquisa histórica** o jornalista contextualiza que na época em que a Pastoral da Criança foi criada, durante o fim do regime militar, a saúde pública do Brasil não tinha o serviço de médico de família. A ideia de equipes de médicos visitarem comunidades carentes e cuidar das crianças era vista como de esquerda.

Zilda Arns foi uma das principais alavancas para criar um regime parecido de proteção da população carente, mas nunca teve ideias políticas identificadas com o pensamento de esquerda. Mesmo assim, a Pastoral enviava voluntárias para visitar as casas de família pobres uma década antes que o estado brasileiro começasse a fazer a mesma coisa. (p.83)

O pioneirismo da médica é o assunto do parágrafo acima. Através do relato de seu trabalho, inédito para a época, sua iniciativa fica ainda mais valorizada. O narrador pondera que apesar de ser uma mulher de precursora para a seu tempo, Zilda condenava o aborto, a liberdade sexual e o uso da camisinha.

Muitas pessoas costumam associar o sucesso da Pastoral a um alimento chamado multimistura, um composto de um conjunto de grãos triturados e folhas cozidas. “Era uma espécie de levanta defunto” diz Fernando Altemeyer. Ele recorda que, na periferia de São Paulo, a multimistura não era só usada para alimentar crianças desnutridas, mas também serviu até para socorrer pacientes pobres que estavam contaminados pelo HIV e precisavam de uma alimentação reforçada. (p.84)

Este fragmento explica o que é a famosa multimistura, o alimento da Pastoral para combater a desnutrição, impossível falar da entidade sem explicá-lo. O repórter analisa que de uns anos pra cá a Pastoral abandonou o uso da multimistura, ao invés disso as voluntárias instruem as donas de casa a preparem uma refeição mais variada, chamada dieta das cinco cores – arroz, feijão, carne, salada e verdura. E explica que essa mudança de comportamento intriga muitas pessoas, já que a multimistura era muito mais acessível para famílias de baixa renda. E em seguida levanta uma hipótese:

A multimistura caiu em desuso no mesmo período em que ocorreu uma aproximação da Pastoral da Criança com empresas do setor de alimentação. Uma delas foi a Nestlé, que fez duas parcerias com a Pastoral. Conforme a própria empresa esclarece, uma dessas parcerias envolveu o fornecimento de produtos de alimentação para os Vicentinos, durante a campanha

do Fome Zero, no início do governo Lula, sete anos atrás. Outra parceria envolveu o treinamento de líderes da Pastoral num programa de aproveitamento de alimentos. (p.84)

Neste ponto o repórter toca em um tema polêmico, que levanta suspeitas acerca da idoneidade do trabalho da Pastoral. Mas o faz de forma correta, já que expõe o que aconteceu e dá oportunidade para a empresa envolvida explicar. E em seguida continua:

Informados pela revista da mudança, dois antigos ministros de Estado se confessaram surpresos. Eles consideram que, nas condições de uma pessoa carente, a multimistura está longe de ser um alimento ideal, mas pode resolver um drama imediato de subnutrição. Técnica em nutrição e umas das principais coordenadoras da Pastoral, Maria do Rosário Gazzola de Souza recorda que a entidade possui vários estudos que mostram que a multimistura representou um papel de valor no passado, mas deixou de ter a mesma função nos dias de hoje. “O problema das crianças mudou. Temos casos de obesidade, casos graves de anemia, e para isso a multimistura não oferecia resposta.” Outras lideranças da Pastoral fazem declarações no mesmo sentido. (p.84)

Neste parágrafo, o repórter escuta a opinião da Pastoral, sobre o desuso da multimistura e dá oportunidade dos representantes da entidade explicarem sua postura. É importante o trabalho do repórter neste momento da reportagem, conduzindo de forma isenta as diferentes opiniões, concedendo espaços para todos se expressarem. Nestes dois últimos parágrafos, foram ouvidos a Pastoral, a Nestlé e políticos que não concordavam com o abandono da multimistura. Desta forma o leitor que tire suas próprias conclusões. A partir daí a narrativa sai um pouco da Pastoral e se volta mais para a pessoa Zilda, embora seja difícil falar em um sem falar no outro.

Nos encontros com autoridades, fosse o presidente da República, um governador de Estado ou um líder de moradores sem-teto, Zilda cobrava um tratamento preferencial ao sexo feminino, inclusive na administração dos bens da família. Quando visitou Serra Pelada, não quis saber de conversa com os garimpeiros. Reunião as mulheres do lugar – o que incluía as esposas, filhas abandonadas, prostitutas - para debater saúde e condições de vida. Foi embora com um broche com o formato das letras Z.I.L.D.A e raramente o tirava do pescoço. Em sua vida cotidiana, a Pastoral da Criança conserva uma delicadeza típica até na linguagem. Os e-mails entre as voluntárias se encerram, sempre, com a expressão “Paz e bem”. (p. 84-85)

A **descrição** do modo de como a médica tratava com as pessoas, compõem um retrato de sua postura, caracterizam um perfil humanizado. Até então a reportagem tinha se voltado mais para o trabalho da Pastoral, faz uma quebra de ritmo falando de alguns hábitos de Zilda e volta a Pastoral.

Como organização, a Pastoral funciona de forma hierarquizada. Entre 260 mil voluntárias, 140 mil são chamadas de “líderes”. São mulheres que frequentam casas de famílias pobres e todos os meses passam um questionário com três dezenas de perguntas às mães e às crianças. Acima delas encontram-se três degraus de coordenação, sendo o mais alto da coordenadora arquidiocesana, que se encontra no mesmo patamar dos cardeais – sem nada de seu poder nem honrarias, evidentemente. Além de zelar pelas crianças, as líderes encaminham as donas de casa para postos de saúde, estabelecimentos de ensino, subprefeituras, centros comunitários e outros órgãos ligados aos poderes públicos, contribuindo para inundá-los de reivindicações, pedidos e cobranças – situação que permite concluir que a não feminista Zilda Arns, fez mais pela mobilização das mulheres da periferia do que muitas lideranças formadas pelas cartilhas femininas clássicas. (p.85)

Após explicar o funcionamento da organização, como foi feito no parágrafo acima, o jornalista esclarece que inicialmente a Pastoral não recebia nenhum apoio governamental, por vontade da Igreja Católica que temia que o governo interferisse no trabalho. Com o grande crescimento, isso deixou de fazer sentido e, atualmente, mais de 50% dos recursos da Pastoral vem do Ministério da Saúde. O restante vem de parcerias com a iniciativa privada.

“A grande mensagem de Zilda Arns é que, quando se consegue juntar governo, o setor privado e a sociedade civil, você pode ter grandes resultados”, afirma Wanda Engel, superintendente do Instituto Unibanco, que foi secretária de Estado de Assistência Social no governo Fernando Henrique Cardoso. “Zilda Arns nunca foi uma beata ocupada com beatices”, diz Plínio Arruda Sampaio, veterano representante da esquerda católica. “Era uma executiva decidida e sabia cobrar recursos como ninguém. Era difícil escapar de seus pedidos. Estava preocupada em resolver problemas”. Acostumada a acompanhar Zilda Arns em audiências com o governador José Serra, com o prefeito Gilberto Kassab, com outros políticos e empresários, a coordenadora Maria do Rosário Gazzola de Souza afirma: “Ela dizia o que pensava, sem se intimidar. Falava olhando nos olhos, sem medo. Tinha autoridade para isso”. (p.85)

O parágrafo que encerra a matéria reforça a imagem de Zilda como líder e executiva. Através do testemunho de várias **fontes** que conviveram com a médica ao longo de sua carreira, o repórter humaniza o relato e constrói este lado de Zilda que muitos não conheciam. As reportagens tendem a explorar mais o lado emocional e humano da médica, desta vez seu trabalho e outros traços de sua personalidade como firmeza, liderança, decisão é que foram revelados.

Analisando esta matéria, notamos uma **narrativa** bem construída, com um narrador em terceira pessoa que observa e explica os fatos. Quanto aos métodos de apuração encontramos principalmente a **entrevista** com as **fontes** e a **pesquisa**. A reportagem ressalta o trabalho da Pastoral e não tanto o lado biográfico de Zilda Arns. Com relação à médica é enfatizada sua postura profissional (firmeza, liderança,

pioneirismo). Existe a apresentação de dados que enriquece a matéria e detalhamento de algumas cenas mais importantes.

A forma como o repórter constrói o início da matéria é muito interessante, através da narrativa e do uso da frase emblemática do irmão de Zilda. O texto da matéria, como já dissemos, não enfatiza o lado das etapas da vida da fundadora da Pastoral, talvez por que para isso tenha sido feito através de um quadro, um box especial chamado “Multiplicadora de Vida” dentro da matéria com os principais acontecimentos de sua vida, acrescidos de uma pequena explicação e imagens. O texto desta estrutura não foi alvo da análise, pois esta se deteve apenas no texto principal da matéria e considera este último como conteúdo de apoio.

### 5.2.3 *Como adotar um país* (Época, ed.610, jan. 2010)

O início desta reportagem é marcado pela **narração** do repórter da história de uma sobrevivente do Haiti.

Kayira Beanbrun tinha 24 dias de vida no dia 12, quando um terremoto pôs abaixo boa parte de Porto Príncipe. Uma parede do quarto onde ela estava desmoronou. Só Kayira sobreviveu na casa em que moravam oito pessoas. Kayira completou um mês de idade semana passada no Hospital Infantil de Saint-Damien, em Porto Príncipe, com um corte na cabeça e um braço direito fraturado. Seus pais e vários outros parentes morreram. Quem cuidará dela é a avó Adefte. “Ela foi retirada pelos vizinhos. Nem estava chorando, mesmo debaixo dos escombros. O fato de minha neta estar aqui hoje é um pequeno milagre”, diz Adefte. (p.79)

A opção do repórter de abrir a matéria com uma história desta, que surpreende o leitor, já demonstra sua preocupação em chamar a atenção para o caráter fantástico e irreal da tragédia que aconteceu no Haiti. Sua **narrativa**, em **terceira pessoa**, com frases curtas, claras e descritivas, dão ritmo ao texto, apresentam os fatos de uma forma similar as usadas nas histórias literárias.

Que seja possível dizer que Kayira e as demais crianças do hospital Saint-Damien tiveram “sorte” é uma medida da catástrofe que atingiu as vítimas mais frágeis do desastre natural. O hospital tem 144 leitos, mas teria atendido 2 mil crianças nos primeiros dias pós-terremoto. Uma das alas é ocupada quase apenas por órfãos. Já seria uma situação complexa num país estável, mas no Haiti as dificuldades se multiplicam. Na sexta-feira, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) denunciou que pelo menos 15 crianças foram sequestradas de hospitais desde o tremor. (p.79)

Como feito nas matérias já analisadas sobre o terremoto, este parágrafo diz que o hospital que tem uma pequena capacidade está superlotado, e que uma tragédia como essa já abalaria qualquer nação, mas suas consequências são muito maiores por se tratar do Haiti. O fato inédito e que ainda não foi citado até então nas reportagens que analisamos, é o das crianças estarem sumindo, ou melhor sendo sequestradas, dos hospitais. Este fato serve de gancho para a apresentação do quadro social da infância local.

Antes do terremoto havia pelo menos 380 mil crianças vivendo em duas centenas de orfanatos no Haiti, por conta de desastres naturais anteriores e, principalmente, do abandono pelos pais, em um país cuja população tem em média 20 anos de idade e a taxa de fertilidade é de 3,8 crianças por mulher. (p.79)

Neste parágrafo o narrador apresenta **dados estatísticos** que refletem as condições das crianças do país. A realidade do abandono é retratada através de números que demonstram a juventude da população haitiana e o elevado número de filhos de suas mulheres.

A maioria dos orfanatos haitianos funciona em condições precárias, sem banheiro ou camas para todos. Muitos foram destruídos pelo terremoto. Um dos poucos poupados foi a ONG Blessing Hands, construídos pelos engenheiros brasileiros da missão de paz das Nações Unidas no Haiti (Minustah) e inaugurado três dias após o tremor, no bairro de Croix des Bouquets. Dotado de cozinha, quartos com beliche e uma pequena biblioteca, o orfanato só tem capacidade para 30 meninos e meninas, muito pouco para a realidade atual. “Dezenas de pessoas trouxeram crianças para cá dizendo que elas tinham perdido os pais no terremoto. É muito triste, mas tive que recusar. Não tenho como oferecer algo digno a mais gente”, afirma a diretora, Suze Sanon, de 35 anos. Até a semana passada, ninguém a procurara interessado em adotar crianças. (p.79)

Neste trecho o repórter descreve detalhadamente um orfanato local e a realidade insuficiente das instalações. Seu texto revela detalhes que demonstra que foi construído através da **observação**. O depoimento das **fontes**, nos leva à outro método de apuração: **a entrevista**. A fala da diretora do orfanato revela a angústia dos que querem atender a todos, mas não possuem condições, um sentimento comum a todos que trabalham no Haiti.

Países como Estados Unidos, França e Holanda já mantinham um pequeno fluxo de adoção de crianças antes da tragédia. Nada na proporção do que se vê agora. Agências internacionais de adoção registraram aumentos de até 900% na procura por crianças órfãs. A Holanda abreviou os processos de adoção em andamento e embarcou centenas de crianças haitianas para o Amsterdã. No Brasil, que não tem tradição de adotar crianças estrangeiras, a embaixada brasileira, recebeu em quatro dias, mais de 300 consultas de famílias pedindo informações. (p.79)



Este parágrafo mostra a solidariedade do mundo que se reflete na procura por crianças para serem adotadas. Os aumentos demonstram o interesse de diversos países em socorrer a infância do Haiti. Esta reportagem apresenta um caráter, na grande maioria do texto, informativo, como vimos até agora. Os dados apresentados pelo repórter, quando se referem a outros locais, são adaptados ao Brasil, como podemos ver na questão do número de adoções.

O drama infantil é uma das faces do sofrimento haitiano. Não só as crianças que precisam ser adotadas, o país todo precisa. Apesar da boa vontade e da comoção do planeta, a primeira semana de reconstrução do país mostrou os limites e as imperfeições do sistema de ajuda internacional. Por maior que seja o esforço das tropas e dos voluntários, o que ainda está por ser feito ultrapassa os meios disponíveis. (p. 79-80)

Este parágrafo fala das dificuldades de reconstrução e da insuficiência apesar do grande volume de recursos que foi recebido pelo país. O repórter reforça a necessidade de ajuda e a partir do próximo parágrafo, descreve o que observa no país.

O terremoto pegou o Haiti com um sistema de saúde totalmente inexistente. Salvo exceções como o hospital infantil Saint – Damien, administrado por uma ONG mexicana, falta tudo nos centros de atendimento médico. Na semana passada, o número de internados diminuiu, mas as condições seguiam indignas. No Hospital Universitário da Paz, agora sob comando do Chile, Colômbia e Espanha, idosos se espalhavam pelo chão. Um deles agonizava num colchonete infestado de moscas, com barro e lixo ao redor. Tinha um grande ferimento infeccionado na perna direita. “Ele não consegue falar nada e está cada vez mais fraco”, disse um enfermeiro colombiano, enquanto lhe injetava glicose. (p.80)

Esta matéria mostra a **observação participante** do repórter, percorrendo hospitais, falando com as pessoas, narrando o que vê, produzindo um **relato** com boas doses de **impressionismo e humanizado**.

Quem não está ferido também necessita de ajuda. Nem sempre ela vem rápido. As operações humanitárias coordenadas pela Minustah não conseguem dar conta do tamanho da fome e da sede haitianas. Em Cité Soleil, a maior favela de Porto Príncipe, com 300 mil habitantes, os habitantes quebraram tubulações de água não tratada, que vem das montanhas ao redor da cidade, e enchem os vasilhames aos tapas. “Faz quatro dias que não tomo água”, afirma, em português – diz ter aprendido a língua com o pai, nascido em Portugal -, o jovem Fábio Júnior, de 15 anos. (p.80)

Neste trecho o jornalista fala da insuficiência da **ajuda humanitária**. E relata o ambiente em que se encontra a maior favela do Haiti, Cité Soleil. A descrição das cenas permite que o leitor visualize mentalmente os fatos. O **relato** de uma fonte **testemunha**,

o menino com sede, humaniza o relato, seu sofrimento reflete o sofrimento de todo o país.

A distribuição de água e alimentos ocorre diariamente em vários pontos da cidade. Algumas são bem organizadas. Outras descabam para o tumulto. ÉPOCA presenciou um saque generalizado durante uma doação de óleo de soja argentino e arroz americano no município de Carrefour, na periferia de Porto Príncipe. No início, a multidão formou fila e esperava a abertura das portas de um clube de jogos de salão, onde os mantimentos seriam distribuídos pelo Programa Mundial de Alimentos da ONU. O clube não foi danificado pelo terremoto, embora numa região com várias casas em ruínas. Na entrada, um grupo de dezenas de pessoas, armadas de paus, forçava um portão de ferro. Não havia nenhum soldado para controlar o povo. Um homem conseguiu pular o muro de 2,5 metros de altura. Em seguida um portão foi derrubado e um grande corre-corre começou. (p.80)

Neste fragmento o repórter narra um saque presenciado pela equipe de reportagem. O relato mostra a importância do jornalista estar na rua, onde as coisas acontecem. Através de seu texto, o leitor consegue compreender todo o caos que se instalou no Haiti. E segue contando o que viu:

Aos gritos, 1.500 pessoas, a maioria mulheres invadiram o clube e retiraram tudo o que foi possível, em menos de cinco minutos. Um tiro foi ouvido de dentro do clube, sem que fosse possível dizer exatamente de onde partiu. A multidão se dispersou em desespero. Alguns se estapeavam disputando uma caixa de óleo. As tropas do Sri Lanka a serviço da Minustah ficam numa base a menos de 300 metros dali, mas quando os soldados chegaram ao local, com dois tanques, o estrago já estava feito. Um militar cingalês afirmou: “Não é a primeira vez que isso ocorre nesta região”. (p.80)

Através deste relato, construído graças à **observação participante**, podemos diferenciar as reportagens que são apenas um amontoado de dados daquelas que possuem a participação efetiva do repórter em todos os processos: planejamento, apuração e texto. Estas cumprem o verdadeiro objetivo do jornalismo que é estar onde o leitor não pode estar e a partir do que vê, contar da melhor forma possível o que aconteceu. As demais são apenas meros textos informativos que podem ser construídos de uma forma correta por qualquer pessoa que saiba escrever bem, sem que seja ou não jornalista.

Arrecadar dinheiro não é o problema. A dificuldade é fazer as doações chegar ao destino. Os principais empecilhos são as diferenças entre as promessas feitas e os depósitos realizados; e a falta de coordenação das ações. De toda parte, governos, empresas, atletas e artistas anunciam doações. A União Européia prometeu liberar o equivalente a US\$ 616 milhões. Até semana passada, era a maior quantia, seguida pelas promessas da Organização dos Estados Americanos (US\$ 170 milhões), do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional e dos Estados Unidos (US\$ 100 milhões cada um). Só as promessas de doações às Nações Unidas já ultrapassam os US\$ 575 milhões estimados pela ONU como o mínimo para atender as necessidades imediatas da população. Mas até semana passada apenas 9% tinha chegado de fato aos cofres da entidade. (p. 80-81)

Neste fragmento o repórter expõe a **ajuda humanitária** enviada ao Haiti através de números que contabilizam o volume de recursos. E chama a atenção para a dificuldade encontrada em fazer com que estes recursos, de fato, cheguem ao povo haitiano. Revela também a diferença entre a quantia que os países anunciam que irão mandar e a que, de fato, enviam ao Haiti. Este é um ponto importante. Dificilmente, alguém desconfiará da palavra de um presidente que anuncia que a quantia X será enviada ao país caribenho para o trabalho de socorro as vítimas. São informações que surgem de **fontes oficiais** e que, tendem a ser vistas, como plenamente confiáveis. Entretanto, através da **pesquisa**, nos dados da ONU, uma entidade também oficial, o jornalista denuncia que o volume de recursos obtidos fica muito abaixo do total anunciado.

O aeroporto Toussaint Louverture está coalhado de barracas onde as doações vindas de avião são guardadas até seguirem para um armazém geral, na região de Shodecosa. Nas avenidas que levam à entrada para a República Dominicana, o que mais se vê são caminhões trazendo alimentos do país vizinho. Mas saques como o de Carrefour são constantes e há muitos bairros distantes do centro aonde a comida não chega. “A ajuda ainda é modesta, perto do que poderia ser”, afirma o general brasileiro Floriano Peixoto, comandante militar da Minustah. À espera de qualquer coisa os haitianos vagam pelas ruas. Em frente ao arruinado Palácio Nacional, o estudante Mirt Emidor, de 20 anos, resume sua situação: “Fico aqui porque não tenho nada pra fazer. Pelo menos aqui tem distribuição de água. Minha casa sumiu no terremoto”. (p.82)

Neste parágrafo o repórter descreve aquilo que vê, a situação do aeroporto, o movimento das estradas, a deficiência de distribuição de donativos. Um militar brasileiro e um jovem haitiano fornecem o seu testemunho. A fala das fontes e os detalhes da realidade local ajudam na **humanização do relato**, uma vez que do testemunho das fontes além de informações, surgem emoções como a falta de perspectivas do jovem haitiano.

Dar de comer e beber aos haitianos é o mais importante agora, mas há varias outras tarefas que ainda parecem distantes de acabar. Uma delas é retirar toneladas de entulho que o tremor deixou e desobstruir as ruas. Essa missão cabe as tropas brasileiras, e o local mais caótico é certamente Bel Air, no centro. A ocupação da cidade começou por ali, e as casas são antigas e coladas umas nas outras, o que aumentou a destruição. Em algumas vielas parece que o terremoto não ocorreu há quase duas semanas, mas há duas horas. Nada foi tocado. Os antigos moradores sentam-se no que restou da mobília, no lado de fora. Na avenida Jean-Jacques Dessalines, uma das principais, há pelo chão cabos elétricos, imensos blocos de concreto e até restos de corpos carbonizados. (p.82)

Esta exposição minuciosa do local e o **detalhamento** das cenas, com citação inclusive de nomes de bairros e ruas, evidenciam a presença do repórter no local da tragédia. Muitos leitores talvez não saibam onde fica tal bairro de Porto Príncipe e essa informação pode não lhes acrescentar nada na compreensão dos fatos, mas a ação do repórter de citar especificamente os locais demonstra e reforça a importância de sua presença nas ruas da capital do Haiti. Além disso, a descrição das cenas oferece ao leitor um retrato ambiental muito rico, que além de traçar apenas aspectos físicos, permite também que se sinta o “clima” local.

A insegurança é grande. Quando vão a Bel Air, mesmo só para remover escombros, os militares brasileiros portam capacetes e coletes à prova de balas. Houve alguns avanços. Já não há pilhas de cadáveres pela cidade, o que aliviou bastante o mau cheiro. Os corpos enterrados pelas tropas brasileiras em valas comuns foram fotografados e registrados num arquivo, para que posteriormente algum familiar possa procurá-los e lhes dar um funeral mais digno. Esse procedimento é exceção. Milhares de corpos foram queimados ou levados por parentes para a realização de rituais de vodúismo. (p.82)

Neste trecho o repórter segue retratando a realidade local. O volume de informações a passar, em situações como essa, é muito grande e é importante o trabalho do jornalista no sentido de organizar toda essa massa de elementos de uma forma que fique clara para o leitor. Nesta reportagem, podemos notar que são tratados diversos aspectos do trágico universo haitiano, mas de forma ordenada e direta, normalmente um assunto por parágrafo.

Outro problema é saber para onde levar os milhares de pessoas sem casa. Com dinheiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento, será construído um abrigo para 100 mil pessoas a leste de Porto Príncipe, numa área de 40 hectares (ou 48 campos de futebol). A previsão é montar as primeiras barracas até o início de fevereiro. Haverá uma estrutura de apoio aos desabrigados, com banheiros e um centro de distribuição de alimentos. Mas será preciso convencer os moradores de áreas “bem localizadas” a viver 13 quilômetros do centro, numa cidade em que o trânsito é só um grande congestionamento. O governo deverá realocar 400 mil pessoas para cidades do interior. (p.82)

Neste fragmento o repórter continua expondo as dificuldades de socorro aos feridos. A **narrativa**, bastante informativa neste trecho, apresenta as previsões de construção de abrigos e realocação dos desabrigados. Apresenta também de onde virão os recursos, o provável prazo e qual será a estrutura. Os desabrigados no Haiti foram muito comentados pela imprensa, mas foram raras as matérias que apresentaram os planos do governo para remanejar essas pessoas, esta reportagem foi uma delas.

Há problemas de comunicação e de cooperação entre os contingentes de diferentes países – o maior deles gerado pela preponderância das tropas americanas, no que se tornou uma ocupação de fato do país. Sob anonimato, militares do Brabatt (como é conhecido o batalhão brasileiro) afirmaram que as equipes de resgate do Reino Unido e da China se desmobilizaram assim que seus respectivos compatriotas foram encontrados. A maioria estava no Hotel Christopher, o quartel-general da Minustah que veio abaixo com o tremor. “Havia outras vítimas lá dentro e eles foram embora”, diz um oficial. (p.84)

Este trecho revela uma denúncia de uma **fonte anônima**, que não quis se identificar. Segundo a fonte os militares de outros países abandonavam as buscas assim que seus compatriotas eram encontrados. Este fato levantando pelo repórter, através do relato da fonte, é grave. Significa que a ajuda ao povo local está sendo negada pelas equipes de resgate estrangeiras. O jornalista não explica o porquê do anonimato da fonte, se é medo de retaliação ou outra coisa. Isto deveria ter sido dito, já que o ideal é que toda a fonte de informação seja identificada. Quando a situação exige proteção ou anonimato, o leitor tem o direito de saber a razão. Desta forma, o jornalista preserva intacta sua credibilidade. No seguimento do texto, o repórter relata ainda o problema que as tropas brasileiras encontram para chefiar equipes de segurança de outros países. As tropas da Jordânia são citadas como exemplo, elas tiveram que ser retiradas por possuir um mau relacionamento com os moradores e serem acusadas de atirar sem pensar, de forma indiscriminada e irresponsável.

Esses tropeços, naturais numa operação dessa escala, ocorreram em outras crises humanitárias. Lições foram colhidas, mas as condições variam de um país para o outro. Quando a pequena nação asiática de Bangladesh foi devastada pelo tsunami de 2004, a recuperação foi acelerada pela experiência da população com catástrofes passadas. As escolas rapidamente voltaram a funcionar, pois desde a inundação provocada pelo Ciclone Bhola, em 1970, elas vinham sendo reformadas ou construídas na forma de abrigos, para aguentar golpes duros da natureza. À noite, os abrigos acolhiam os desalojados. Durante o dia, as crianças continuaram tendo aulas normalmente, enquanto o país se recuperava. (p.84)

Neste trecho o repórter traz informações adicionais, a respeito de experiências de outros países na prevenção dos danos causados por tragédias naturais. São dados complementares, mas que compõem o contexto de outras nações que já viveram catástrofes semelhantes a que aconteceu no Haiti e de que forma elas trataram sua reconstrução. São informações que enriquecem a matéria, à medida que estimulam o leitor a estabelecer relações, conexões entre diversos fatos.

Este tipo de lição seria aplicável ao Haiti, país que também já deveria ter aprendido com os terremotos e ciclones das décadas anteriores? Para os especialistas ouvidos por ÉPOCA, não há motivo para otimismo. “No Haiti, não falta só dinheiro: faltam instituições, recursos humanos, gente educada”, diz o sociólogo e economista Marcelo Medeiros, da Universidade de Brasília (UnB). Um bom plano começaria com a garantia da segurança pelas forças de paz, a definição clara do papel dos países e organismos atuantes na ajuda e reconstrução do Haiti e de sua relação com o governo local. Passaria, necessariamente, pela reativação do governo e, depois disso, pelo envolvimento da sociedade civil. A partir daí viria o fortalecimento das instituições – as instâncias políticas, a polícia e a Justiça, por exemplo. Ao longo de todo o processo, ocorreria a ativação econômica. (p.84)

Neste parágrafo a reportagem apresenta, através do depoimento de especialistas, **fontes do tipo *expert***, as razões pelas quais o Haiti ainda não conseguiu realizar um trabalho de prevenção de desastres apesar de já ter sofrido com inúmeras demonstrações da força da natureza. Em seguida apresenta um plano de reconstrução do país. Depoimentos de fontes especialistas auxiliam o repórter em assuntos técnicos que não domina e trazem informações especiais ao leitor.

A acadêmica americana Sybille Fischer, especialista em Haiti da Universidade de Nova York, está alarmada com a maneira como o povo haitiano parece alheio ao processo de reconstrução, como se não pudesse fazer nada pelo próprio país. “Os haitianos são corajosos e lutadores, já passaram por coisas terríveis”, diz ela. “os governos estrangeiros não podem agir como se os haitianos fossem incapazes. É preciso devolver rapidamente o poder a eles.” (p.84)

O parágrafo acima traz o depoimento de mais uma **fonte *expert***, especialista em Haiti, que apresenta um argumento oposto aos demais defendendo que os haitianos sejam mais ativos na reconstrução do país, ao contrário daqueles especialistas que defendem que o país não tenha recursos humanos suficientes para sua reconstrução. É recomendado que o repórter ouça sempre mais de um especialista já que é comum que eles apresentem opiniões distintas, como podemos ver nesta reportagem. A matéria segue apresentando em sua continuação algumas alternativas de planos de reconstrução para o Haiti, até que se volta para questões sociais.

No longo prazo, porém, o futuro dos haitianos depende de sua capacidade de educar suas crianças. Trata-se de uma tarefa ao alcance mesmo de países pequenos e pobres. Entre os que mais avançaram entre 1987 e 2007 no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) estão Nepal (em primeiro), Bangladesh (em quinto) e Marrocos (em nono). Isabel Pereira, especialista do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), afirma que eles souberam gastar bem e conseguiram melhorias em educação e saúde superiores ao avanço de sua riqueza”, diz. (p.85)

Neste parágrafo o repórter apresenta dados do IDH de países que conseguiram superar as dificuldades e elevar seu nível educacional. Traz também depoimento de mais uma **fonte especialista**, explicando os dados. Em seguida o texto volta ao tema da adoção, tratado no início da matéria.

Enquanto isso não ocorre, a adoção por pais do mundo inteiro pode ser mesmo a solução para milhares de crianças haitianas. Àqueles que manifestaram interesse, movidos pelo impacto emocional das imagens da catástrofe, é bom lembrar que o ímpeto de adotar é emocional, mas que poucas decisões exigem mais racionalidade. Em primeiro lugar há a questão da legalidade do processo de adoção. O embaixador do Haiti no Brasil, Idalbert Pierre-Jean, aconselha esperar. Diante da urgência do socorro a essas crianças, pode parecer insensível – em média, um processo de adoção no Haiti demorava em média três anos para ser concluído. Mas a lei existe para protegê-las. Boa parte dos orfanatos que funcionavam no país abrigava crianças que não eram órfãs, mas que foram tiradas de sua família para ser vendidas fora do país. (p.86)

Aqui o jornalista apresenta a adoção como uma das soluções para as crianças do país. E explica a complexidade do processo, que envolve mais do que questões emocionais, questões de legalidade e segurança. Já que o tráfico de crianças é um problema gravíssimo e muito presente na realidade haitiana.

O tráfico de crianças é o principal motivo para que órgãos como a ONU e agências de adoção recomendem a adoção internacional apenas como último recurso, inclusive em situações de catástrofe. Jean-Claude Legrand, assessor de proteção à infância do Unicef, disse que há suspeitas de que as 15 crianças sequestradas na semana passada tenham sido levadas por malfeitores para a República Dominicana e fazem parte de uma rede internacional de adoção ilegal. O Unicef enfrentou problema semelhante depois do tsunami que arrasou a Ásia em 2004. “Os sequestradores aproveitam a debilidade das autoridades para tirar as crianças dos países afetados pela tragédia”, afirma Legrand. (p.86)

O fragmento acima apresenta um representante da ONU falando sobre o tráfico internacional de crianças. E comenta que este é um problema recorrente em tragédias, já que o país atingido fica muito vulnerável. A fonte apresenta também uma informação do destino das 15 sequestradas que foram comentadas no início da matéria. Fazendo uma conexão com a informação inicial, o repórter retoma o assunto e explica melhor o fato do desaparecimento de crianças, que havia sido citado, mas de forma descontextualizada.

Além do risco de violência contra as crianças, há um segundo bom motivo para temperar o desejo de adotar, agora, um órfão haitiano. Emocionalmente, para ela e para os pais adotivos, é quase certo que a empreitada acabe em outra catástrofe. Deslocar para outros países crianças vítimas do terremoto que perderam a família pode aumentar mais seu trauma. “É importante

que essas crianças possam ser acolhidas por uma família e tenham a possibilidade de receber cuidados físicos, amparo social e psíquico. Porém, em um primeiro momento, devemos pensar em opções que não as retirem abruptamente de suas origens, de suas histórias, de suas famílias, de seu país”, diz Maria Luiza Ghirardi, psicanalista e especialista em adoção. (p.86)

Nesta passagem, uma **fonte especialista** fala das dificuldades que uma adoção precipitada pode causar tanto à criança como aos pais adotivos. A situação se complica ainda mais com as crianças abaladas por uma tragédia que ocasionou a perda de seus familiares. É importante essa fala para esclarecer o leitor da complexidade da adoção, visto que o Brasil foi um dos países em que vários pedidos de adoção de órfãos haitianos foram registrados.

Enquanto aguardam uma solução para sua vida, milhares de haitianos, crianças ou adultos dormem em praças ou no meio da rua. Dirigir a noite em Porto Príncipe é perigoso pelo risco de atropelar alguém, pois não há luz elétrica, e a escuridão é quase total – só os morros seguem iluminados; lá ficam os bairros nobres da cidade e há geradores. Mesmo os que ainda têm um teto preferem ficar do lado de fora, com medo que um novo tremor derrube tudo. (p. 86-87)

Neste trecho o repórter volta ao **relato descritivo**, fruto de sua observação pelas ruas de Porto Príncipe. No seguimento do texto explica que ocorrem vários tremores secundários, após 12 de janeiro, e que estes tremores podem durar meses até mesmo anos, segundo o Serviço Geológico dos Estados Unidos.

Liderar uma missão que atua num cenário tão trágico é mesmo uma tarefa árdua para o Brasil, mas a relação com o povo haitiano atenua um pouco o fardo. É quase impossível andar em Porto Príncipe e não ver alguma referência ao Brasil. Para-choques de tap-taps são estampados com fotos de jogadores como Kaká e Ronaldinho. Se alguém identifica um militar brasileiro logo o chama de “bon bagay”, que significa algo como “bom amigo” ou “companheiro” na tradução do créole, o idioma derivado do francês que é uma das línguas do país. Os haitianos também assimilaram expressões faladas dentro do quartel brasileiro. Para dizer “o.k.” ou “combinado” entre si, os militares falam “Brasil”. É assim que Vitor Jameser, um jovem de 19 anos fala quando os brasileiros lhe pedem algo. (p. 87)

O parágrafo acima traz a identificação dos haitianos com os brasileiros. A relação do povo local com as tropas do Brasil é de amizade e cordialidade. Ao contrário de como fazem com outros países, o Haiti não vê a ocupação brasileira como uma intervenção estrangeira e sim como uma ajuda. O repórter narra cenas da realidade local que demonstram a admiração dos haitianos pelo Brasil o que, segundo ele, facilita muito o difícil trabalho brasileiro no país.



Por necessidade, Victor tornou-se guia de jornalistas em Porto Príncipe. Aprendeu português com os soldados, conhece vários times de futebol do Brasil e gosta de cantar funks. “Baixo na internet. Também entro em sites de bate-papo do Brasil para falar com garotas”, diz. Victor que um dia visitar o Rio de Janeiro e se naturalizar. O gosto musical é eclético. Apesar de batizado com o nome de outro cantor, o jovem Fábio Júnior, morador de Cité Soleil, prefere Roberto Carlos. Minha preferida é “Amigo”. E canta: *Você meu amigo de fé/Meu irmão camarada...*(p.87)

O parágrafo acima mostra o relato do jornalista do encontro com vários jovens haitianos que admiram o Brasil. Um deles quer inclusive naturalizar-se brasileiro, tamanha sua identificação com o país. Esta narração é importante para a humanização do relato, e para aproximar esta realidade dos leitores. Saber que os haitianos gostam tanto do Brasil aproxima os leitores brasileiros da realidade local, fortalece o trabalho dos militares que estão lá já que passa uma mensagem positiva e permite que os leitores se solidarizem com este povo que tanto nos aprecia. O trecho final da matéria segue a mesma linha.

Ao lado de um dos muros da base brasileira, do alto de uma pequena colina, um grupo de crianças tenta chamar a atenção de quem passa por ali, falando em espanhol ou português. “Água, mi señor, água.” No portão principal da base, Lucas Ulysse, de 16 anos passa seus dias. Com um português fluente, aprendido com os soldados, ele tenta arranjar alguma ocupação, mas os militares não aceitam menores de idade trabalhando no quartel. Lucas diz ter perdido a mãe no terremoto e o pai o abandonou quando ele tinha 5 anos. Sem irmãos e com parentes tão necessitados quanto ele, Lucas dorme em um campo de futebol ao lado de sua antiga casa, que não existe mais, no bairro de Tabarre. Diz querer um dia se formar médico em Cuba. “Na vida, a gente tem de sofrer para virar homem”. (p.87)

Analisando esta grande reportagem notamos que ela é várias dentro de uma só. A matéria trata de diversos aspectos da realidade local que se agrupados poderiam compor algumas reportagens menores. Os métodos de apuração revelam **pesquisa, muitas entrevistas e observação** do repórter. A narrativa, em **terceira pessoa**, mescla momentos de descrição, com apresentação de dados, testemunhos de fontes e relatos do repórter. Além de retratar a realidade local, a reportagem volta-se muito para a **ajuda humanitária** e para os desafios de **reconstrução do país**. O relato da simpatia haitiana com o Brasil também é um ponto expressivo.

As **fontes** são variadas, de *experts* a testemunhas, passando pelas oficiais. O repórter se mostra imerso na realidade do Haiti, mas sem deixar dominar-se pelo caos que reina no local. Já que mais do que falar da tragédia que se vê por todos os lados, ele busca contextualizar trazendo outras situações, projetando o futuro, buscando opiniões

de especialistas que apontem os caminhos que o Haiti deve seguir. Sua presença no local faz a diferença em várias passagens da reportagem.

#### **5.2.4 O futuro brasileiro no Haiti** (*Época*, ed.610, jan.2010)

A matéria começa com o relato do início do trabalho brasileiro no Haiti, ainda em 2004. As informações revelam **pesquisa** do repórter.

Quando as tropas brasileiras desembarcaram em Porto Príncipe em 2004, no comando da Missão de paz da Organização das Nações Unidas no Haiti (Minustah), os interesses do Brasil no país eram praticamente nulos. A histórica instabilidade do Haiti era sobretudo um problema dos Estados Unidos. No século passado, os americanos já haviam ocupado o território haitiano em três diferentes ocasiões. A última intervenção ocorreu em 1994, quando militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean- Bertrand Aristide – o mesmo deposto em 2004 numa ação coordenada pelos americanos e pelos franceses, os primeiros colonizadores do Haiti. (p.88)

O parágrafo inicial relata o início do trabalho brasileiro no Haiti e contextualiza as várias intervenções estrangeiras que já ocuparam o Haiti, especialmente através dos americanos. Além disso, mostra o paradoxo do trabalho dos Estados Unidos que em 1994 ajudaram a eleger o presidente Aristide e, 10 anos depois, em 2004 coordenaram uma ação para a deposição do mesmo presidente.

A entrada do Brasil no Haiti se deu a convite dos EUA, da França e do Canadá, país que abriga mais de 2 milhões de imigrantes haitianos. O governo Lula aceitou a proposta por causa de um interesse principal: mostrar que o Brasil estava a altura de um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Ao longo desses quase seis anos de presença brasileira no Haiti, a participação do Brasil nas discussões dos temas internacionais mais importantes aumentou, assim como as aspirações do país de ser reconhecido como uma potência emergente. A catástrofe haitiana, provocada pelo terremoto de 12 de janeiro, no qual morreram 18 militares brasileiros, mostrou o tamanho das pretensões brasileiras. (p.88)

Este trecho trata especificamente dos interesses brasileiros ao mandar suas tropas para chefiar a missão de paz da ONU no Haiti. Conquistar a confiança das Nações Unidas e obter reconhecimento internacional estão entre as razões principais. A **narrativa do repórter** é realizada em **terceira pessoa** e de forma impessoal. E a reportagem vai fazendo relações entre os ideais brasileiros do início da missão e os atuais.

Depois do terremoto, o governo Lula anunciou uma ajuda financeira de R\$ 340 milhões para a construção de postos de saúde e compra de ambulâncias e para o reforço do efetivo do Exército brasileiro na Minustah, que será dobrado de cerca de 1.300 para 2.600 soldados. Os gastos do Brasil com a missão de paz também vão crescer. Podem dobrar até o fim de 2010. Os planos do governo Lula passam também pela transformação da missão da ONU. Além de cuidar de assuntos relativos à segurança do país, a Minustah, sob liderança do Brasil passaria também a se envolver na construção de estradas, hospitais, escolas e infraestrutura no Haiti. “Queremos transformar a Minustah em uma ação de estruturação significativa, com o auxílio da França, do Canadá e principalmente dos EUA”, afirma o embaixador Antônio Simões, subsecretário geral do Itamaraty para a América do Sul, a Central e o Caribe. (p.88)

No parágrafo acima o repórter aponta os valores repassados pelo Brasil para a ajuda humanitária após o terremoto do Haiti e explica as intenções do governo brasileiro de expandir os serviços da Minustah para as áreas de infra estrutura. Aparece aqui a primeira **fonte oficial** da matéria, um representante do governo brasileiro que fala sobre o apoio dos outros países à presença do Brasil no país caribenho.

A ambição do Brasil de mostrar protagonismo no Haiti foi exibida também na reação do governo Lula à entrada de 7 mil soldados americanos no país depois do terremoto. A intervenção americana, autorizada pelo presidente do Haiti, René Préval, foi motivo de uma tensão política entre os EUA e o Brasil. Os ministros Celso Amorim e Nelson Jobim (Defesa) fizeram reclamações públicas sobre a “ocupação americana”. O principal motivo da divergência foi a tomada do controle de tráfego aéreo do Haiti pelos militares americanos. As regras para pouso e decolagem de aviões impostas pelos EUA, após a catástrofe, irritaram autoridades brasileiras, assim como grupos de ajuda humanitária. (p. 88-89)

O descontentamento do Brasil com a presença massiva de tropas americanas no território haitiano após o terremoto é a principal informação deste parágrafo. De acordo com o texto do repórter, o governo brasileiro que tem interesses em controlar a região, não gostou do controle dos aeroportos estar nas mãos dos americanos. Esta matéria é bem explicativa, como trata de um assunto político cada tema vem explicado com informações de contexto para que o leitor compreenda da forma correta.

Os americanos foram acusados de privilegiar o pouso de seus aviões militares no pequeno aeroporto de Porto Príncipe. Em reunião com outros integrantes do governo Lula, Nelson Jobim se disse vítima do gerenciamento de tráfego aéreo feito pelos americanos. Depois de sobrevoar por mais de uma hora o Haiti sem autorização para pousar, Jobim ordenou ao piloto do avião a aterrissagem em Porto Príncipe à revelia do controle aéreo. Segundo o governo haitiano, sem a ajuda americana, seria impossível restabelecer os voos em Porto Príncipe, pois uma das torres de controle foi completamente destruída pelo terremoto. A atuação do Grupo de Operações Aéreas da Flórida teria dobrado a capacidade de pouso no aeroporto haitiano. (p.89)

Neste trecho o jornalista explica as razões que o governo brasileiro apresenta para estar descontente com a presença americana no Haiti. É interessante notar que o repórter apresenta as razões do governo brasileiro, mas também os argumentos do governo haitiano justificando a presença dos EUA. Assim, o repórter demonstra isenção e aborda os dois lados da questão.

A tensão entre Brasil e os EUA foi desanuviada com uma conversa telefônica entre os presidentes Lula e Barack Obama. “Não queremos passar a imagem de que os EUA querem trabalhar sozinhos”, disse Obama a Lula, na conversa de 12 minutos que tiveram terça-feira. Foi o segundo contato direto dos presidentes desde o terremoto. Na quinta-feira, Arturo Valenzuela, secretário adjunto de Estado dos EUA para o Hemisfério Ocidental, reiterou o discurso de Obama de que a intenção dos EUA é oferecer o maior apoio possível ao Haiti, mas sem tirar da ONU suas responsabilidades no país. (p.89)

Esse trecho apresenta a reaproximação entre Brasil e Estados Unidos. A **narrativa** da reportagem apresenta uma introdução, uma complicação e um desfecho, característicos das narrativas literárias. Este é o desfecho, a reaproximação que esclarece as posições de Brasil e Estados Unidos dentro do trabalho de ajuda humanitária ao Haiti.

Esse discurso é coerente com os problemas enfrentados pelos americanos em seus dois fronts: no Afeganistão e no Iraque, questões prioritárias para a política externa e de segurança dos EUA. “Nas próximas semanas o Exército americano deverá ser o protagonista das ações no Haiti”, diz Richard Gowan, pesquisador do Centro para Cooperação Internacional da Universidade de Nova York. “Mas isso não deve durar muito tempo, pois os EUA têm compromissos com o Iraque e o Afeganistão. Por isso, é muito difícil que o controle do Haiti saia do comando da ONU e do Brasil.” No encontro com embaixadores de países das Américas, Valenzuela não deixou de dar umas alfinetadas nas pretensões brasileiras de liderar os esforços na reconstrução do Haiti. “Se o Brasil está disposto a pôr muito mais recursos no Haiti, ele é mais que bem-vindo.” Até o terremoto, a missão comandada pelo Brasil mostrara-se bem-sucedida na pacificação do Haiti. O desafio de liderar a reconstrução do país depois da tragédia é bem maior e mais custoso. Se quer mesmo esta missão, o Brasil vai ter de mostrar também que pode assumir os custos desta tarefa. (p.89)

O final da matéria contextualiza as posições de Brasil e EUA. Um possui dinheiro, mas tem outras intervenções estrangeiras politicamente mais importantes, o outro tem vontade, mas talvez não tenha dinheiro o suficiente. O mais importante ressaltar é que nesta reportagem são expostas as posições de ambos os países, dando ênfase ao trabalho brasileiro por questões óbvias, pois a publicação destina-se a leitores brasileiros. O repórter apresenta de forma isenta os lados da questão e traz dados

captados principalmente por **pesquisa** e **entrevistas**. A **narrativa** é clara e direta, impessoal, com narrador em **terceira pessoa**.

Por todo o relato que acompanhamos, o mais importante lembrar é que o Haiti precisa de ajuda. É um povo inteiro que depende dela e isto deve estar acima de qualquer coisa, especialmente de questões diplomáticas.

### 5.2.5 Características da cobertura da *Época*

Através da análise realizada das matérias publicadas sobre o Haiti nas edições de 18 e 25 de janeiro de 2010 na revista *Época*, podemos reconhecer algumas características importantes. A primeira é que a cobertura é de uma forma geral **informativa**, tanto quanto a da revista *Veja*. Mas ambas adotam formas bem diferentes em suas reportagens. A *Época* apresenta reportagens maiores, que englobam diversos assuntos em uma mesma narrativa.

A primeira matéria, *Um país inteiro para reconstruir* é uma longa reportagem que apresenta os assuntos principais relacionados a tragédia como: os dados do **terremoto**, a forma como aconteceu, as **vítimas brasileiras**, **a ajuda humanitária**, **o papel do Brasil**, **os resgates**, enfim, um panorama geral contendo os principais aspectos do fato principal que é a tragédia no Haiti.

A reportagem apresenta um grande volume de dados concretos, informações e poucos trechos descritivos, caracterizando um **relato** pouco impressionista e mais impessoal. A repórter apresenta testemunho de diversas **fontes, oficiais, experts ou testemunhas**. A matéria ressalta o aspecto solidário da catástrofe, relatando a **ajuda humanitária** já enviada ao Haiti e incentivando para que mais pessoas ajudem. O papel do Brasil é destacado com um dos grandes organizadores do trabalho de apoio as vítimas e reconstrução do país. Quanto aos meios de captação, a matéria apresenta principalmente a **pesquisa** e a **entrevista**. O relato é mais distante, portanto a **observação** aparece de forma secundária.

A **narrativa** é feita em **terceira pessoa**, e o texto apresenta os atributos de clareza e objetividade. Todo o **relato** é extremamente **informativo**. A matéria apresenta ainda elementos contextuais importantes e que auxiliam o leitor na compreensão da realidade haitiana. A reportagem apresenta muitas imagens, algumas com bastante

impacto emocional que representam bem o drama do povo, a destruição da cidade, o sofrimento das crianças, os mortos expostos em todos os lugares. A matéria apresenta o apoio de um infográfico com um mapa de Porto Príncipe e a localização dos principais prédios que foram destruídos pelo tremor, juntamente com informações referentes aos efeitos como número de mortos, áreas atingidas, etc. O infográfico apresenta também informações gerais sobre o Haiti, com os principais dados culturais, sociais e geográficos, econômicos. O segundo infográfico apresenta uma explicação de como ocorre um terremoto, com um desenho das placas tectônicas e um ranking dos principais tremores de terra.

A reportagem apresenta um quadro intitulado “Um catálogo de desgraças” onde são apresentadas as crises políticas, sociais e naturais que historicamente atingem o Haiti. E mais um box especial com um depoimento de uma jovem brasileira que sobreviveu ao terremoto. Além disso, é apresentado um quadro com fotos das vítimas brasileiras, com o nome, a foto e a profissão e um outro box com os números da ajuda humanitária recebida pelo país.

A segunda reportagem, “*Que morte linda*”, é uma reportagem dedicada a Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, a vítima brasileira mais comentada. A **narrativa** é feita em **terceira pessoa**, com um narrador que explica e observa os fatos. Quanto aos métodos de apuração encontramos principalmente a **entrevista** e a **pesquisa, biográfica e histórica**. O texto da reportagem dá mais ênfase ao trabalho da Pastoral do que propriamente a vida de Zilda Arns e seu lado pessoal, ao contrário da matéria sobre o mesmo assunto publicada pela revista *Veja*. Alguns traços de sua personalidade como firmeza, liderança, pioneirismo, capacidade de execução são ressaltados, o que é incomum neste tipo de matéria que normalmente exploraria o lado caridoso e solidário da personalidade de Zilda. A reportagem apresenta um volume de dados interessante, que enriquecem a matéria e facilitam a visualização do leitor e algumas passagens mais importantes de sua vida soa detalhadas, humanizando o relato.

A reportagem apresenta uma abertura bem construída e que aguça a curiosidade do leitor. Como conteúdo de apoio a matéria apresenta um box intitulado “Multiplicadora de Vida” em que os principais momentos da vida de Zilda são citados, com pequenas explicações e algumas imagens. Quanto ao uso de imagens apresenta uma grande foto do rosto de Zilda Arns, na abertura da matéria e imagens de seu

trabalho na Pastoral com as crianças, além de uma fotografia do funeral da médica, onde o caixão está coberto com uma bandeira do Brasil.

A matéria *Como adotar um país*, é a principal matéria da edição sobre o assunto do terremoto do Haiti, e em nossa opinião, a melhor da revista *Época* dentro da cobertura geral do terremoto. A exemplo da primeira matéria analisada esta também apresenta um texto muito longo e que engloba diversos assuntos dentro de um só. Com relação aos métodos de apuração encontramos **pesquisa, entrevistas e observação participante do repórter**. A **narrativa**, em **terceira pessoa**, combina elementos descritivos, com apresentação de dados, testemunho de fontes e relatos pessoais do repórter. Como a anterior, esta reportagem volta-se muito para a questão da **ajuda humanitária**, mais do que para retratar a realidade do país, embora isso seja feito ao longo do texto, pelos relatos do repórter. A projeção da reconstrução do Haiti também merece realce. Um ponto significativo é a relação de simpatia e admiração dos haitianos para com o Brasil, bem percebida e descrita pelo repórter. Alguns assuntos como o abandono infantil e tráfico de crianças foram bem observados pelo jornalista e merecem destaque.

A reportagem apresenta **fontes** variadas que vão de *experts* a testemunhas, sem deixar de lado as fontes oficiais. A imersão do repórter na realidade haitiana é parcial, visto que além de relatar o que vê ele se preocupa em contextualizar os fatos, projetar o futuro, buscar opiniões especializadas, etc. Através da **observação participante** notamos que sua presença no local dá ao texto uma característica diferenciada, próxima, testemunhal e verossímil da capital haitiana. Essa matéria vem acompanhada de um ensaio fotográfico que apresenta imagens em preto e branco que demonstram as faces do desespero e da falta de perspectiva do povo. As outras imagens, coloridas, apresentam os abrigos e o êxodo dos haitianos para o interior do país. As crianças também aparecem e a ação militar.

A última reportagem, *O futuro brasileiro no Haiti*, fala dos rumos que missão brasileira vai assumir do país. Através da **pesquisa** o repórter reconstitui o início do trabalho brasileiro no Haiti e apresenta o impasse entre Brasil e EUA na ajuda humanitária. As **fontes oficiais** de diferentes lados são ouvidas e o desfecho é apresentado.

A cobertura da revista *Época* enfatiza a solidariedade, a ajuda humanitária e o papel do Brasil. O ambiental aparece de forma secundária. Ao contrário da *Veja* que opta pelo relato com maior ênfase em reproduzir a realidade haitiana. Ambas são bem feitas, mas possuem enfoques diferentes, com pontos em comum. Isso é muito importante no jornalismo. Pluralidade de visões e de vozes para que o leitor possa escolher de acordo com a sua preferência. Jornalismo é escolher, é optar. Que faça também o leitor a sua opção, em qualquer uma delas estará bem apoiado.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando identificar as características das coberturas jornalísticas realizadas pelas revistas *Veja* e *Época* sobre o terremoto do Haiti, através da análise de suas reportagens, pode-se afirmar que ambas são coberturas essencialmente **informativas**. Os jornalistas dos dois veículos primam por relatar os fatos através de textos claros, objetivos e que valorizam acima de tudo a informação.

A cobertura da revista *Veja* diferencia-se por apresentar na construção da grande maioria das reportagens analisadas um **relato mais impressionista e humanizado**. Que é evidenciado pelas **descrições detalhadas** dos repórteres do ambiente do Haiti, descrições estas oriundas de uma **observação participante** muito bem feita. O trabalho de campo da equipe de reportagem aproximou-se do trabalho etnográfico e foi primoroso, permitindo ao leitor que visualizar as cenas em sua mente, mesmo que nunca tenha ido ao Haiti, são textos que nos transportam e nos aproximam da realidade haitiana. As reportagens *O dia em que o mundo acabou*, *Diário do desastre* e *O caos depois do desastre*, são as principais representantes das reportagens construídas principalmente ou totalmente através da observação participante.

Todas as reportagens apresentam dados bem contextualizados, o que é importante já que as matérias falam de uma realidade estrangeira. A contextualização acontece principalmente através da **pesquisa** do jornalista de dados históricos, sociais, econômicos, entre outros, que possam auxiliar no entendimento da matéria. Podemos notar também o uso da **entrevista** para a abordagem das fontes, que se apresentam nas matérias de variadas formas, são trazidas declarações de **fontes testemunhas, oficiais e experts**.

A **narrativa** das reportagens é realizada sempre em **terceira pessoa**, exceto na reportagem *Diário do desastre*, que é um relato pessoal do repórter, com texto em **primeira pessoa**. O fato das narrações acontecerem, em sua maioria, em terceira pessoa não significa um repórter distante ou indiferente ao que está sendo narrado. Ao contrário, todas as matérias são permeadas por **afirmações, sensações ou impressões** do repórter, o que enriquece o **relato** e o torna **impressionista e humanizado**. As reportagens apresentam também alguns dados numéricos e estatísticos que auxiliam o leitor no entendimento.

Com relação ao texto, as matérias da revista *Veja* priorizam o ambiental e o humano. As **vítimas brasileiras** ganham uma reportagem específica em que o lado emocional e familiar é valorizado, Zilda Arns, também ganha uma matéria especial que enaltece seu trabalho com a Pastoral da Criança e seu caráter de benfeitora. O **país e o povo** haitiano também merecem destaque da reportagem através do relato de sua realidade econômica, histórica, cultural e social ao longo de todas as matérias. A **ajuda humanitária** enviada ao Haiti é citada em alguns momentos da cobertura, mas a matéria específica sobre este assunto – *Melhor com eles, impossível sem* – destoa do restante das reportagens, por razões já expostas na análise, que são basicamente: a ênfase nas tropas americanas em detrimento do trabalho realizado pelos outros países e a construção do relato de forma tendenciosa. Já o **trabalho de reconstrução do Haiti**, foi projetado em algumas reportagens, mas não mereceu uma atenção mais destacada nas matérias da revista.

A grande contribuição da revista *Veja* é o trabalho do repórter na rua, transmitindo seu testemunho dos fatos. Este é o diferencial de sua cobertura: um ambiental muito bem feito, através da observação dos repórteres que souberam descrever a realidade de forma abrangente, verossímil e com as doses de dramaticidade e sensibilidade que tragédia exige. Isto demonstra o valor do trabalho de campo e do repórter deixar a redação e ir de encontro aos fatos.

A cobertura realizada pela revista *Época* também é **informativa**, mas a lógica de sua cobertura é outra. Nesta revista encontramos reportagens maiores, recheadas com muitos dados numéricos, estatísticas e informações concretas e objetivas, alternadas com poucas descrições, o que caracteriza um **relato mais impessoal**. A **narrativa**, sempre em **terceira pessoa**, apresenta diversos assuntos em uma mesma reportagem, caracterizando um relato abrangente, mas claro, objetivo e organizado.

Todas as informações vêm acompanhadas de dados contextuais importantes para o melhor entendimento do leitor. As matérias apresentam diversas **fontes: testemunhas, oficiais e experts**, que são importantes para a multiplicidade de assuntos abordados. Os principais meios de apuração nesta cobertura são a **pesquisa e a entrevista**, a **observação** aparece de forma auxiliar. A matéria *Como adotar um país*, é uma exceção, pois apresenta uma **observação** bastante ativa do repórter e, justamente por isso é a mais completa da cobertura desta revista.

O diferencial da *Época* é o grande volume de informações e o realce de suas reportagens de assuntos pouco abordados pelos outros veículos, o que demonstra um olhar diferenciado dos repórteres, como foi exposto na análise. Com relação ao texto, a *Época* dá grande destaque ao Brasil, principalmente a trabalho realizado pelo Exército brasileiro no Haiti desde 2004 e ao papel dos brasileiros na **ajuda humanitária e reconstrução do país**. Notamos também de parte da cobertura um apelo à solidariedade muito grande e uma ênfase no que já foi conquistado até agora através da ajuda humanitária. As **vítimas brasileiras** também ganham destaque e Zilda Arns é o tema de uma matéria especial, que fala de forma completa do trabalho da Pastoral da Criança e sua importância. A descrição da situação do país, de seu povo e de sua realidade pós-terremoto aparece nas reportagens, mas de forma menos expressiva do que a apresentada pela revista *Veja*.

Ambas as coberturas são jornalisticamente perfeitas, diferenciam-se apenas no enfoque. A *Veja* preocupa-se mais em relatar o drama humano dos haitianos, a *Época* volta a sua atenção para a ajuda humanitária, a projeção da reconstrução e o papel do Brasil. São coberturas que em alguns pontos se repetem, mas na maior parte do tempo são complementares. Essa diferença é positiva para o jornalismo. É importante que tenhamos uma pluralidade de visões publicadas em nossos veículos, para que o leitor encontre aquilo que mais lhe agrada. E para que possa, tendo acesso a vários meios de informação, filtrar o que cada um deles pode lhe trazer de melhor.

Não é a intenção deste trabalho julgar uma cobertura ou a outra como melhor ou pior, apenas evidenciar suas características no que dizem respeito especialmente as técnicas de reportagem. E reafirmar o debate acerca do jornalismo de uma forma geral, e, especialmente, do jornalismo realizado em situações trágicas. Qual o papel da imprensa nestes momentos? Observar ou participar? Assumir o papel de fonte principal de informações para as decisões dos governos e entidades ou transformar-se no instrumento de voz das vítimas? São questionamentos importantes e que merecem a atenção de todos os profissionais.

Notamos que, na tragédia do Haiti, a imprensa foi ótima em relatar o drama das vítimas, a situação dos sobreviventes e o espetáculo solidário que tomou conta do país. Mas agora, 5 meses após a catástrofe, como estará o Haiti? A imprensa não está mais lá para nos contar. Provavelmente está voltando sua preocupação para dramas mais atuais.

Esta também é uma circunstância que merece ser pensada, quando falamos do papel do jornalismo.

No pequeno período que dispus para a realização de todas as etapas de minha pesquisa, aprendi mais sobre a reportagem do que nos sete semestres anteriores de faculdade. Concluo o trabalho, me sentindo mais pronta e mais madura para realizar desempenhar a profissão de jornalista.

Vale ressaltar a importância das coberturas realizadas pelas revistas que investiram mandando suas equipes de reportagem para o local da tragédia. É nessas horas que o jornalismo mais precisa prestar um serviço público de qualidade à população. O caos que se abateu sobre o Haiti foi algo jamais visto, mas sem a presença dos nobres jornalistas, certamente seria pior. Nestes momentos o jornalismo rompe as barreiras do trabalho e passa a ser uma missão. Uma missão que a primeira vista parece simples: observar, escutar e contar tudo o que viu e ouviu através de seu texto. Ao decorrer deste trabalho vimos como é complexo e profundo este objetivo. Mas não há dúvida que vale a pena.

## REFERÊNCIAS

- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre a sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.
- DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1990.
- FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica da reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 4.ed. São Paulo: Summus, 1986.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 18, p. 280-304.
- GIRARDI Jr., Liráucio. A reportagem como experiência etnográfica. **Anuário do Jornalismo**: revista da coordenadoria do curso de jornalismo da Universidade Cásper Líbero, São Paulo, v. 2, p. 198-211, 2000.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1986.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. 2.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- MOURA, Sandra. **Caco Barcellos**: o repórter e o método. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2007.
- HAITI. In: NOVA Enciclopédia Barsa. São Paulo, SP, 2000. Vol 7, p. 303-306
- HAITI. In: ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo, SP, 1987. Vol 11, p-5639-5644

RODRIGUES, Jacira Werle. **Reportagem impressa, estilo e manuais de redação: a construção da autoria nos textos do jornalismo diário**. Santa Maria, RS: FACOS – UFSM, 2003.

TELES, Lília. Lília salvou esta mulher. **Jornal da ABI**. São Paulo, SP: nº 350, p. 18-20, 2010.

TRAVANCAS, Isabel. Jornalistas e antropólogos: semelhanças e distinções da prática profissional. Itajaí, SC: **Vozes&Diálogo**, n.6, p. 25-34, jul.2002/jun.2003.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 98-109.